WANDERLEY OLIVEIRA

Pelo Espírito

PAI JOÃO DE ANGOLA

GUARDIÕES DA Verdade

NADA FICARÁ OCULTO

Dufaux
editora

GUARDIÕES DA Verdade

Trilogia
Espíritos do Bem

WANDERLEY OLIVEIRA
Pelo Espírito
PAI JOÃO DE ANGOLA

GUARDIÕES DA Verdade

NADA FICARÁ OCULTO

GUARDIÕES DA VERDADE – Nada Ficará Oculto

Copyright © 2020 by Wanderley Oliveira

1ª Edição | Novembro de 2020 | do 1º ao 5º milheiro

Dados Internacionais de Catalogação Pública

ANGOLA, *PAI JOÃO* (Espírito)

Guardiões da verdade – nada ficará oculto
pelo espírito Pai João de Angola, psicografado por Wanderley Oliveira

DUFAUX : Belo Horizonte / MG : 2020

236 p. : 16x23 cm (Trilogia Espíritos do bem)

ISBN: 978-65-87210-05-6

1. Espiritismo 2. Espiritualidade 3. Relações humanas

I. Título II. OLIVEIRA,Wanderley

CDU 133.9

Impresso no Brasil | Printed in Brazil | Presita en Brazilo

EDITORA DUFAUX

Rua Contria, 759 | Alto Barroca

Belo Horizonte | MG | CEP 30431-028

(31) 3347-1531

comercial@editoradufaux.com.br

www.editoradufaux.com.br

Conforme novo acordo ortográfico da língua portuguesa ratificado em 2008.

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pelo médium Wanderley Oliveira à Sociedade Espírita Ermance Dufaux (SEED). Todos os direitos reservados à Editora

Dufaux. É proibida a sua reprodução parcial ou total através de qualquer forma, meio ou processo eletrônico, sem prévia e expressa autorização da Editora nos termos da Lei 9 610/98, que regulamenta os direitos de autor e conexos.

Adquira os exemplares originais da Dufaux, preservando assim os direitos autorais.

Sumário

Prefácio
Mapeamento do plano astral a serviço do Cristo
Maria Modesto Cravo

Introdução
Apontamentos sobre sequestro do corpo mental inferior
Wanderley Oliveira

01 Sequestro do corpo mental inferior: vendendo a alma ao diabo

02 A parceria na mediunidade para serviços especializados no bem

03 Orientações de Bezerra de Menezes na palestra de Maria Mulambo

04 A egrégora astral do centro espírita

05 Proteção dos exus aos vínculos espirituais de Edgard Armond

06 Como as trevas agem dentro da própria casa espírita

07 Obsessões complexas: o domínio de um centro espírita

08 Amorosidade, o caminho para a autenticidade

09 João Caveira e as comunidades de integração social no Hospital Esperança

Epílogo
Quarenta ensinos das pombagiras e dos exus

Recursos para quem deseja estudar a trilogia *Espíritos do Bem*
Wanderley Oliveira

Prefácio

MAPEAMENTO DO PLANO ASTRAL A SERVIÇO DO CRISTO

Jesus conosco, meus filhos!

Para melhor compreensão da luta milenar do bem contra o mal, é necessário voltar ao Evangelho:

> *"E o diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe, num momento de tempo, todos os reinos do mundo. E disse-lhe o diabo: Dar-te-ei a ti todo este poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue, e dou-o a quem quero. Portanto, se tu me adorares, tudo será teu.*
>
> *E Jesus, respondendo, disse-lhe: Vai-te para trás de mim, Satanás; porque está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus, e só a Ele servirás."*[1]

Até hoje, os espíritos tomados pela loucura do poder agem da mesma forma. Oferecem glórias, reinos, cargos, vantagens imediatas e outras ilusões para seduzir o difícil caminho do aprimoramento pelos caminhos do bem.

A obra de Pai João de Angola tem seu foco neste sentimento alucinante e perturbador: a dor interior do homem que experimenta a falta de sentido para viver como resultado inevitável de quem não consegue ter contato com sua própria alma, com sua própria plenitude como filho de Deus.

Os últimos milênios da Terra são um retrato da escalada humana por posse e poder uma vez que milhões de espíritos não conseguem nem objetivam o poder interior. Organizações da maldade, no mundo físico e no mundo espiritual,

praticamente tomaram conta de todos os setores de ação na humanidade.

Vivemos o momento final desse conflito. Assim como Jesus foi tentado pelo diabo no deserto, temos uma guerra espiritual em andamento. Desde 1995, há precisamente 25 anos, vivemos literalmente a terceira guerra no astral do planeta. Como não poderia ser diferente, ela se alastrou para o mundo físico. O bem, mais que do nunca, trabalha pela erradicação dessas raízes malignas, e agora, em pleno ano de 2020, não será nenhum exagero declarar que o que era realidade em nosso plano astral tornou-se mais evidente também no mundo material.

Estudando os acontecimentos históricos do planeta, desde 1900 até o ano 2000, foram enviados para o mundo físico, em reencarnações muito influentes, vários espíritos do bem, bem como representantes da maldade que vão definir os rumos da humanidade.

Muitas dessas reencarnações foram planejadas nas próprias comunidades sombrias. Vários militantes do mal estão se despedindo da vida física com setenta, oitenta ou mais anos de idade, da mesma forma que servidores do bem que foram implantar a verdade já começam a regressar para continuarem o serviço do lado de cá.

O bem é vitorioso, embora o olhar humano ainda não seja capaz de examinar esse mapa de conflitos e de vitórias em ambos os planos.

Existem, nas esferas astrais, centrais de monitoramento com tecnologia intergaláctica capazes de mapear todo o mal do planeta.

Temos dados detalhados desses núcleos, de cada espírito que representa uma ameaça social em pequena ou grande escala, sendo eles: viciados, estupradores, ladrões, assassinos,

batedores de carteira, terroristas, chefes do crime organizado, potenciais suicidas, abortistas clandestinos, grupos de extermínio, associações mafiosas da droga, políticos envolvidos com planos de poder, bioterroristas da indústria da doença, enfim, cada um que apresente potencial risco de maldade e prejuízo à sociedade.

Nessas centrais, é possível antever quaisquer projetos das organizações da maldade no mundo, sejam eles políticos, religiosos ou de que ordem for.

Remotamente parecidos com os mapas climáticos que vocês usam, temos painéis para identificar as mínimas possibilidades de crimes ambientais ou mesmo contra o ser humano, por meio de ondas de calor psíquico que acusam alguma ação em andamento pedindo providência, em tempo real, em qualquer parte do mundo, incluindo locais bem afastados na natureza.

Temos o mapa da maldade em nossas organizações de prevenção e erradicação do mal, e é usado pelas equipes de investigação, ação estratégica e destruição de núcleos sombrios. O mal seria muito maior se não fossem as ações socorristas desses estrategistas operadores do bem.

Se os homens no mundo acreditassem mais em suas inspirações, se houvesse mais pessoas ocupadas com o bem dos outros, se o egoísmo fosse diminuído no planeta, se houvesse mais orações intercessoras, mais grupos ativistas contra todas essas maldades, mais coragem e ousadia no enfrentamento, certamente já poderíamos ter erradicado o mal da humanidade.

Não podemos fazer o serviço sozinhos, precisamos de vocês no mundo físico. O bem não depende apenas de proteção do mundo espiritual.

Assim como a corrupção e o interesse material se encontram na base da grande maioria dos problemas sociais do planeta, nas micro-organizações como as famílias, centros espíritas,

empresas, hospitais, escolas ou em um parque de diversões, a entrada do mal depende das portas que os encarnados abrem.

O objetivo de Pai João de Angola, neste livro, é o de mostrar, com detalhes, as responsabilidades do homem na vida material, conforme a referência do Cristo: "Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu."[2]

A qualidade da aura magnética de uma casa que trabalha com Jesus é definida, principalmente, pela vibração de seus trabalhadores. Não erramos em afirmar que algumas organizações estão absorvendo atenção, tempo e energia das equipes de socorro para amparar seus líderes, cooperadores e aprendizes.

Tais organizações fazem um serviço com muito amor, mas, em alguns casos, desviam expressiva quantidade de recursos que poderiam ser aplicados no bem de todos. Isso é narrado no texto.

Neste momento de batalhas decisivas rumo aos tempos da regeneração, *Guardiões da verdade - Nada ficará oculto* é um chamado de alerta aos servidores cristãos e, ao mesmo tempo, vem esclarecer a importância dos trabalhadores da hierarquia dos exus. Faz-se muito oportuno revelar que os confrontos espirituais também se desenrolam até mesmo no ambiente protegido e benfazejo das casas do bem.

Engana-se quem imagina que a limpeza astral do planeta é feita somente nas regiões sombrias do umbral e nos abismos profundos de sofrimento espiritual. As raízes do mal estão fincadas nesses lugares, entretanto, produziram apêndices e sólida representatividade nas esferas sociais. Até mesmo muitas das Casas de Deus encontram-se infestadas por esses braços do milenar mal organizado.

Nada ficará oculto, a Verdade é o caminho da humanidade. Diluir o mal significa transparência, autenticidade e a luz da realidade.

Suplicamos ao Pai dias melhores e que as casas do bem e da luz espiritual se agigantem nos serviços redentores a que estão dedicadas e que seus trabalhadores encontrem forças em si mesmos para superar a ilusão do poder e da tormenta de suas fragilidades morais.

Eu, Maria Modesto Cravo, servidora do bem e amante do Cristo, abraço-vos nesse objetivo sublime que deve unir a todos nós.

Paz em suas vidas!

MARIA MODESTO CRAVO

SÃO PAULO, JUNHO DE 2020.

Introdução

APONTAMENTOS SOBRE SEQUESTRO DO CORPO MENTAL INFERIOR

Em vários de meus livros psicografados, os espíritos referem-se, com frequência, à questão do corpo mental inferior - CMI. Por essa razão, quero deixar aqui alguns apontamentos para estudo e melhor compreensão do tema.

No Espiritismo, estudamos muito o perispírito. Em várias outras correntes espiritualistas, além dele, são citados outros corpos e oferecida muita informação que pode nos ajudar.

Tomando por base a matéria física até corpos mais sutis, a classificação deles é a seguinte:

1º Corpo físico,

2º Duplo etérico,

3º Perispírito ou corpo astral,

4º Corpo mental inferior,

5º Corpo mental superior,

6º Corpo búdico,

7º Corpo atímico.

Vou me restringir aos cinco primeiros para meus apontamentos:

O duplo etérico é um corpo que nasce e morre com o novo corpo físico. Tem uma grande importância como agregador energético. Quando se fala que pegamos energias negativas ou tóxicas, é nele que elas se organizam. É um corpo muito importante para a saúde orgânica. Os chacras desempenham nele uma função essencial. Quando dizemos que alinhamos os

chacras, isso é feito nesse corpo. Ele não se desdobra, apenas se afasta um pouco do corpo físico, em forma de "inchaço", dilatando a sensibilidade.

O corpo astral é considerado o modelo organizador biológico, pois é ele quem molda o novo corpo físico quando reencarnamos. Tem uma grande importância na formação biológica do ser ao longo da evolução, e quem tiver o desejo de se aprofundar no tema pode estudar *Evolução em dois mundos*, do espírito André Luiz, pela psicografia de Chico Xavier. É considerado o corpo das emoções, isto é, no qual se operam a maioria dos processos emocionais. É um corpo que se desdobra durante o sono físico e que pode se deslocar no tempo e no espaço.

O corpo mental inferior – CMI, é o que mais nos interessa. Por meio de informações passadas pelos espíritos, temos conhecimento de que é no corpo cármico que se encontram todas as matrizes dos erros e acertos do espírito ao longo de suas existências na matéria. O ponto mais interessante a respeito desse corpo que vem sendo muito mencionado pelos espíritos é que ele tem uma infinita capacidade de fragmentação. Ele quase sempre não está agregado aos demais corpos e obedece a várias situações, tais como:

1. O interesse central da pessoa. Ele costuma ficar em locais onde se encontram os desejos e interesses da mente humana.
2. O apego relacional. Costuma acoplar-se com pessoas com as quais tenha alguma convivência tóxica e repleta de apego e controle.
3. Ele pode ser sequestrado. Entidades do mal podem prendê-lo, criando quadros graves de obsessões

complexas e difíceis de serem resolvidas.

Esses três pontos têm sido os mais abordados pelos amigos espirituais sobre o CMI e podem nos auxiliar a entender um vasto conjunto de fenômenos da alma.

O CMI em desdobramento não leva à perda de consciência. A pessoa pode estar executando qualquer tarefa e o seu CMI estar longe, distante ou até sequestrado, sem que isso signifique alguma alteração senão no campo mental, nos pensamentos e na formação de alguns estados emocionais doentios.

O corpo mental superior - CMS, guarda todas as qualidades divinas que ainda vamos conquistar e integrar ao nosso espírito. É o corpo da saúde. Qualquer proposta de melhora e recuperação diz respeito a esses corpos sutis. É o plano de Deus para nossa perfeição.

O sequestro do corpo mental inferior exige tecnologia, habilidade e conhecimento profundo, portanto, somente organizações muito preparadas no mal estão aptas a realizá-lo.

Nesta obra, temos o caso de Renan, que teve seu CMI sequestrado por questões que envolvem sexo, poder e processos cármicos do passado com um grupo de Ciganos.

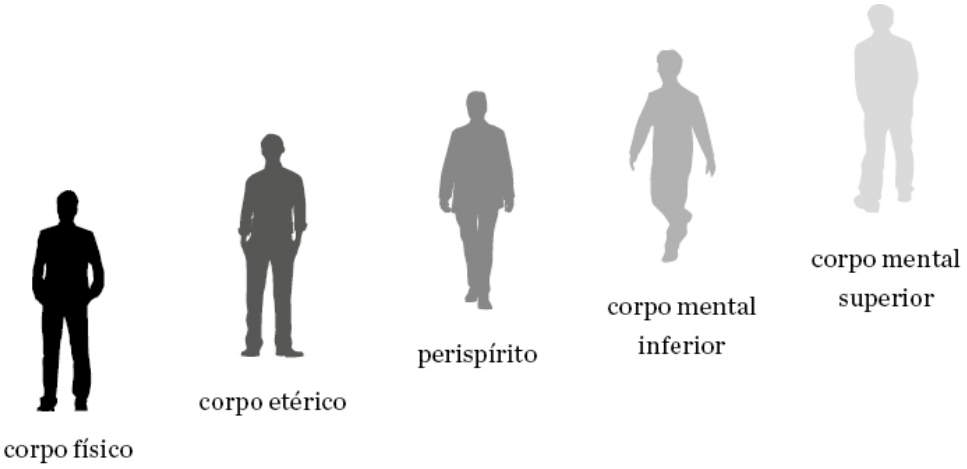
Muito interessante observar, mais ao fim do livro, que Pai João de Angola nos revela que uma das tragédias mais comuns atualmente, a falta de sentido para viver, pode ser um sintoma dessa apropriação indébita do CMI. Deixemos claro que a falta de sentido para viver também tem outras causas como depressão, doenças endócrinas, traumas etc.

As considerações feitas pelo autor espiritual a respeito das dores decorrentes do sequestro desse corpo, a meu ver, constituem um material muito rico para futuras pesquisas.

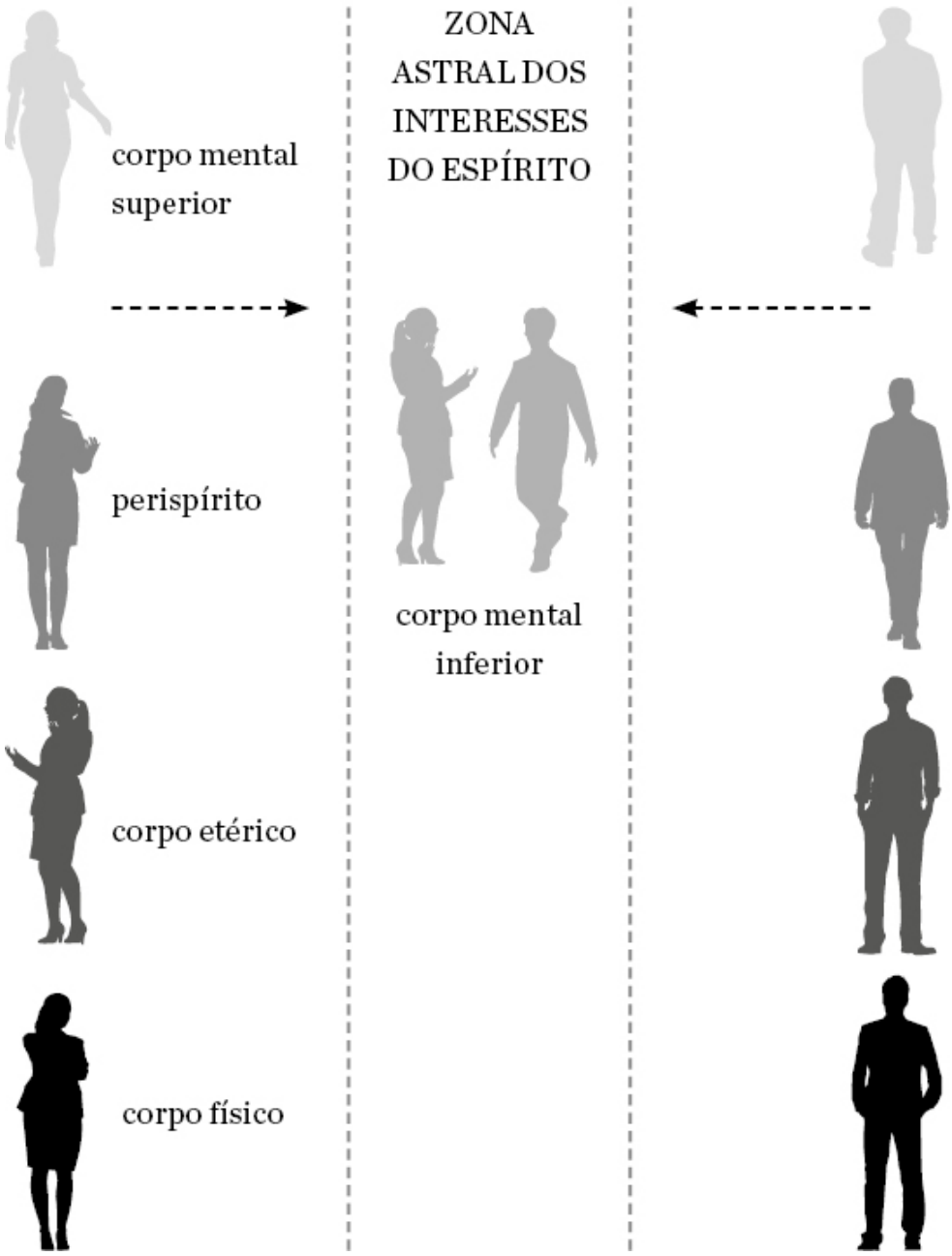
Quem ler o livro com atenção, observando detalhes do comportamento de Renan e quais eram suas principais

doenças, poderá identificar claramente como se constrói um quadro enfermiço dessa natureza e quais são as condições para que isso ocorra.

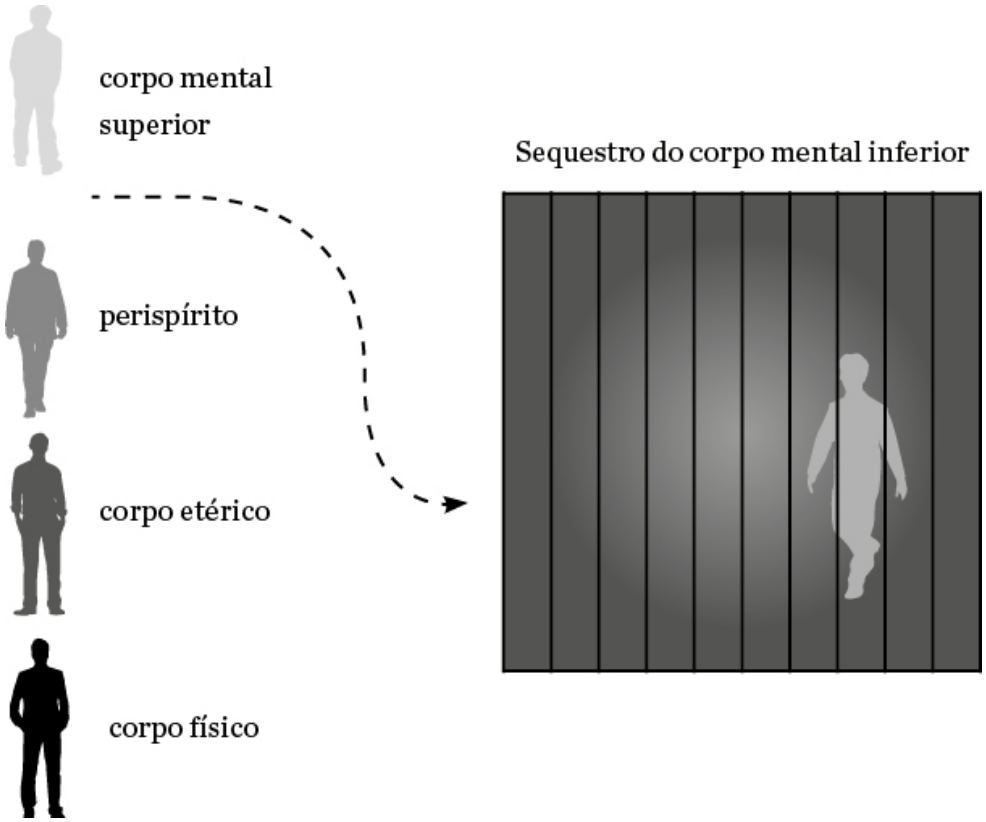
Fizemos três desenhos que podem nos dar uma ideia básica dessa fragmentação do CMI.



DESENHO 1: os corpos sutis[3].



DESENHO 2: duas pessoas, que mantêm laços tóxicos, com seus corpos manifestando-se na zona astral de interesses dos seus espíritos, é uma autêntica obsessão por cordões energéticos[4].



DESENHO 3: um sequestro do CMI[5].

Volto a frisar que o estudo desse assunto, a meu ver, poderá nos auxiliar a melhor entender o campo das doenças, principalmente as psíquicas. Poderá também nos abrir uma porta para experiências mediúnicas e de tratamento espiritual mais amplo na busca do alívio das dores humanas.

Deus queira que isso aconteça logo.

WANDERLEY OLIVEIRA.

01

SEQUESTRO DO CORPO MENTAL INFERIOR: VENDENDO A ALMA AO DIABO

"Qual o sentido das lendas fantásticas em que figuram indivíduos que teriam vendido suas almas a Satanás para obterem certos favores?"

"Todas as fábulas encerram um ensinamento e um sentido moral. O vosso erro consiste em tomá-las ao pé da letra. Isso a que te referes é uma alegoria, que se pode explicar desta maneira: aquele que chama em seu auxílio os Espíritos, para deles obter riquezas, ou qualquer outro favor, rebela-se contra a Providência; renuncia à missão que recebeu e às provas que lhe cumpre suportar neste mundo. Sofrerá na vida futura as consequências desse ato. Não quer isto dizer que sua alma fique para sempre condenada à desgraça. Mas, desde que, em lugar de se desprender da matéria, nela cada vez se enterra mais, não terá, no mundo dos Espíritos, a satisfação de que haja gozado na Terra, até que tenha resgatado a sua falta, por meio de novas provas, talvez maiores e mais penosas. Coloca-se, por amor dos gozos materiais, na dependência dos Espíritos impuros. Estabelece-se assim, tacitamente, entre estes e o delinquente, um pacto que o leva à sua perda, mas que lhe será sempre fácil romper, se o quiser firmemente, granjeando a assistência dos bons Espíritos."

O livro dos e*spíritos, questão 550.*

Já passava da meia-noite quando fomos buscar o médium Antonino fora do corpo, para nos auxiliar nas tarefas de socorro

daquela noite. Nosso objetivo era socorrer o médium Osório[6], que jogou-se de um prédio com a cadeira de rodas, na tentativa de suicídio, aumentando, ainda mais, a presença da dor em sua vida.

Antonino estava acompanhado por mim, pelo Baixinho, por Gonçalo e por mais seis colaboradores de nosso plano. Entramos na UTI do Hospital Souza Aguiar, onde já éramos aguardados pelos protetores daquele local.

O doutor Jacinto, médico do nosso plano, informou-nos do quadro:

— Pai João, a situação é delicada. Vários traumatismos corporais, incluindo dois acidentes graves no crânio com 90% de chance de morte encefálica.

— E, pelo que percebo, o corpo mental foi capturado!

— Sim. Cinco minutos após a queda. Não houve muito o que fazer. Pelo que fui informado, o senhor já acompanha o caso e sabe melhor do que nós da realidade espiritual desse médium.

— Em verdade, os adversários de Osório se apropriaram do CMI (corpo mental inferior) dele muito antes de tudo isso. Tentamos o que estava ao nosso alcance, doutor Jacinto. São anos de luta, mas ele não colaborou. Um médium falido em seus propósitos reencarnatórios. Apenas voltará de onde saiu antes de vir ao corpo físico.

— Muito lamentável! De qualquer forma, fique à vontade para tomar as providências que desejar.

Saímos juntos da UTI e dividimos o serviço. Parte da nossa equipe ficaria no hospital acalmando os familiares de Osório, vigiando o quarto contra outras possíveis interferências espirituais, e Antonino, Baixinho e eu saímos em direção a um

ponto astral localizado ao redor de uma cruz no Cemitério do Caju.

Chegando ao cruzeiro, três exus vestidos de negro, com longas capas pretas e capuz, aguardavam-nos.

Baixinho demonstrava intimidade com a iniciativa e orientou os exus:

> — Preciso que vocês me ajudem a fazer um rastreio mental. Assim que localizarmos o corpo mental de Osório, irei até lá com Pai João. O médium Antonino será meu ponto de imantação e comunicação. Ele ficará aqui passando as notícias a vocês sobre nosso mergulho nas trevas.

Os exus não eram de muita conversa. Fizeram somente um leve sinal de concordância. Reunimo-nos em concentração em volta da cruz. É um ponto de força extraordinário. Podíamos escutar as energias passando velozmente no ar, em torno de nós, deixando um nítido zumbido, que recordava um redemoinho.

O cruzeiro ficou com uma tonalidade arroxeada brilhante, e aquela luz se direcionava ao Baixinho. Instantaneamente, ele tomou outra feição. Ficou mais alto. Suas vestes se alteraram. Agora, ele também vestia uma longa capa preta com um capuz roxo. Seu rosto sumiu dentro do capuz, salientando seus olhos amarelos, que ficaram enormes e radiantes. Traços muito tênues, quase imperceptíveis, podiam ser vistos na sua face. Lembravam uma caveira. Os olhos amarelos, dentro daquela expressão, faziam com que ficasse assustador a quem não estivesse acostumado a esses expedientes de transmutação perispiritual.

Toda aquela energia da cruz passou para o Baixinho e foi convertida na mudança que acabamos de presenciar.

Com voz muito alterada e rouca, típica dos exus, ele olhou para nós e disse:

— Eu sou de Exu, Laroyê Exu! Exu João Caveira é Mojubá. Mojubá a todos os Orixás! Mojubá Omulu, senhor da calunga! Mojubá, meus ancestrais.

— Mojubá, senhor João Caveira.[7] Saudamos sua presença com todo nosso amor – e todos saudaram o Exu João Caveira, manifestação de uma personalidade magística de um velho mago atlante que o Baixinho foi em outras vidas.

— Já sei onde ele está. O lugar é muito conhecido. Vamos para lá.

Sem perda de tempo, saímos em volitação na companhia de João Caveira. Nosso destino era uma prisão nas trevas. Chegando ao local, fomos recebidos pelo soldado Antero.

— Você novamente, João Caveira! Os negócios estão falindo? – expressou, com zombaria, o guarda que, inicialmente, ignorou completamente a minha presença.

— A situação dos negócios é algo que não vem ao caso agora, Antero. Você já deve estar ciente do motivo de minha visita.

— Claro. Você deveria morar neste lugar, em função do seu interesse por tanta gente desprezível. Quem você procura está muito bem acomodado aqui na prisão. Quem é esse que o acompanha?

— Pai João de Angola.

— Do Hospital Esperança? Já ouvi falar!

— Sim, ele vai entrar comigo.

— Tome sua senha. A audiência será em meia hora. Não acredito que permitirão sua entrada desta vez.

Entramos em uma pequena sala. Um silêncio tumular envolvia o ambiente. Podia-se ouvir pequenas aves cantando à semelhança dos corvos.

Ali, homens vestidos de vermelho com faixas pretas trançadas do ombro até a cintura, roupas que lembravam trajes carnavalescos. Eles traziam na cabeça um filá[8] na cor preta, idêntico ao dos umbandistas, e representavam as autoridades que discutiam os casos de prisioneiros recentes. Eram altos e muito obesos. A fisionomia era assustadora. Eram os Ciclopes.[9] Um olho só no meio do rosto, nariz muito pequeno e testa enorme. Um deles chamou o número de nossa senha.

— Qual o nome do interessado?
— Osório – respondeu Exu Caveira.
— Ah, esse é bem conhecido. Aquele da cadeira de rodas?
— Esse mesmo.
— Sim. Já tenho aqui a ficha dele. É totalmente nosso. Aguardando o último hausto vital da matéria. Não há o que fazer.
— Sabemos disso.
— Consta aqui que suas equipes não permitiram a entrada dos nossos no Hospital Souza Aguiar. Qual o problema de vocês? Acham que são o quê? Alguma dúvida sobre a propriedade?
— Não se trata disso, soldado.
— Não sou soldado. Aqui sou chamado Capitão, e assim quero ser tratado. E o senhor, não gosta de ser chamado de Caveira?
— João Caveira, por favor.

— Por favor? Quanta educação! Na hora em que perdem os seus “associados”, é por favor. Na hora em que nós perdemos, vocês nem audiência fazem. São uns canalhas. Quando vão criar as sessões de audiência naquela porcaria de hospital? Sabia que andam usando drogas no Hospital Esperança?

— Sabemos sim. As providências já foram tomadas.

— Sei não. Para mim, aquilo ali tá indo de mal a pior. Vocês estão totalmente sem força e autoridade. Estão sem trunfo para negociar.

— Capitão, não viemos aqui para medir forças. Vamos ao nosso caso.

— Sim. O que estão oferecendo pelo CMI dele?

— Isso quem vai falar é Pai João.

— Fale, velho negro! E sua fama já chegou por aqui também. Negro e mago, duas coisas repugnantes. Sabe que não gostamos de negro, não é?

— Capitão, o senhor sabe que a história de Osório não existe sem a cigana – falei sem responder à pergunta, pois ele queria de todo jeito nos provocar.

— Ah, então é isso. Bom de negócio, o velhinho. Maldita cigana! Anda escondida. Mas vamos pegá-la a qualquer momento.

— Não está escondida. Está no Hospital Esperança.

— Conte outra piada, velhote, ou prove o que fala.

— Olhe as fotos que trouxe para você nesse aparelho digital.

Dizendo isso, Pai João fez um sinal para Exu Caveira, que passou para as mãos do capitão uma pequena tela.

— Não acredito! São fotos antigas. Acaso estão aqui para propor uma troca? Estou entendendo?
— Não é isso! Apesar da força que tem, a cigana tombou na loucura. Está internada.
— Merecia coisa pior. Devia ficar mil anos sendo espezinhada. Aquela não tem outra solução. É ovoidização e exílio. Caso sem cura.
— Capitão, não vou discutir cura com o senhor.
— Melhor mesmo!
— O senhor sabe que os dois renasceram na matéria, vindos daqui. Tudo começou nesta prisão. Convenhamos que, com a cigana solta há quase meio século, o bem obteve uma vitória. Ela nem sequer podia se expressar quando saiu daqui.
— Vitória? Louca, presa e nesse estado das fotos, se é que são verdadeiras!
— As leis nos permitiram ficar com ela. Já é um avanço. Há algo nela, em suas estruturas perispirituais e em sua alma, que pede socorro e reajuste, avanço e evolução.
— Vá acreditando nisso, vovô. Deixe-a ter um pingo de lucidez e verá o que ela vai fazer. A primeira coisa será bater aqui novamente e pedir arrego, como sempre. Aqui é o lar dela. Vamos deixar de lenga-lenga e, afinal, o que desejam? Qual a proposta?
— Não temos proposta. Sabemos que Osório não tem chances, vai largar o corpo físico a qualquer momento. Colocá-lo novamente na matéria, nas condições em que se encontra, dará muito trabalho a vocês. Perdeu a razão e em nada lhes será útil. Mesmo que o reencarnem, será um doente mental.
— Sim, sabemos disso. Ele aqui vai ser um estorvo. Já foi homologada a reclusão temporária e, depois, iremos

jogá-lo no lixo mesmo. Quer comprá-lo? Ou quem sabe uma troca...

— Não, Capitão. Queremos o direito a visitas e assistência.

— Vocês são uns loucos! Uma tralha dessas, e ainda querem recuperar?

— A caridade manda que nos unamos e estendamos a mão uns aos outros em qualquer condição.

— Pode parar, vovô! Nada de doutrinação. Querem bancar os otários? Fiquem à vontade. Não está autorizado esse tipo de recurso para o Osório. Ele vai padecer primeiro as suas crises de expurgo, e depois veremos o que fazer.

— Podemos evitar as crises de expurgo. Temos recursos para isso.

— A troco de quê? Ele sempre será um dos nossos. Esse não muda nunca. É um trapo.

— Vocês ainda têm muito que aprender – entrou João Caveira na conversa.

— Quem vai ensinar? Você, seu João Caveira? Eu adoro seu tom ameaçador. É disso que eu gosto, e não dessas babaquices religiosas, ainda mais vindas de negro.

— Você me conhece, Capitão. Nega o quanto já fiz por esta prisão?

— Você é forte, mas não é mais dos nossos. Fiquei sabendo que seu trânsito nas celas foi restringido. O que aprontou?

— É verdade. Fiz o de sempre, e vocês sabem muito bem de que maneira procedo. Respeito suas leis. Os critérios de seu chefe são muito destemperados. São vocês que não respeitam nossas iniciativas. Alteram tudo conforme o gosto. Quero acesso irrestrito a Osório.

— Ciclope não tem ética, João Caveira, você bem sabe disso. Esse médium vagabundo faliu. Osório nem para ser Ciclope vai servir. Não acho difícil que o chefe libere seu pedido. Volte na outra semana. A ficha aqui está informando que vamos puxá-lo do corpo ainda hoje.

— Não, Capitão, quero vê-lo agora!

— Do contrário, você vai desaparecer e entrar sem autorização como de outras vezes? Pode usar sua magia. Não chegará nem perto de Osório.

— Quero apenas vê-lo. Não vou furar o bloqueio de vocês.

— Não adianta tentar mesmo. Venha comigo. Posso deixá-lo ver pelo vídeo. Mas entrar na prisão, você não vai.

Acompanhamos o Capitão, que, com extremo mau humor, levou-nos a uma sala que ficava perto de onde pudemos ver Osório, por meio de um telão. Seu estado era lastimável.

Seu rosto se parecia com o de uma pessoa que houvesse ingerido algo amargo, numa fisionomia que misturava medo, dor e amargura. Seus braços pareciam duas tiras de borracha espalhadas sobre o abdômen, as pernas viradas ao contrário. Esse era o estado em que seu corpo físico ficara ao se jogar do alto do prédio com a cadeira de rodas. Todos os danos estavam refletidos fielmente no corpo mental inferior. Um afundamento de crânio deslocou sua mandíbula totalmente para o lado direito de sua face, por onde vazava líquido sanguíneo. Era triste a situação. Ele estava imóvel dentro de uma cápsula que imantava seu CMI à frequência daquele local. O aparelho se reclinava em 45 graus. Por meio de frequência de imantação constante, a energia da cápsula puxava o perispírito de Osório, ainda agregado ao corpo físico, lá no Hospital Souza Aguiar. O objetivo era finalizar o processo de desencarne, eliminar o fio de ligação com a matéria. Não havia o que fazer no momento, e

foi exatamente isso que disse o Capitão, após fixarmos o olhar no monitor.

— Agora acreditam? Não há o que fazer. É uma escória. Não há conserto para esse aí. Será jogado nos lixões.
— Voltaremos, Capitão. Aguardamos contato de vocês – respondeu, com firmeza, João Caveira.
— Pode voltar quando quiser. Afinal, um traste como ele não serve para nada mesmo.

Terminada a conversa com o Capitão, regressamos ao cruzeiro, onde Exu João Caveira retomou sua forma como Baixinho. Nossa equipe foi para o Hospital Souza Aguiar.

Embora resumida, a conversa acima descrita, entre nossa chegada à prisão e saída, teve quase quatro horas terrenas de tempo. São muitos protocolos, e o descaso e a falta de educação dos servidores daquela organização ultrapassavam qualquer modelo conhecido de indiferença, crueldade e maus-tratos. Por várias vezes, João Caveira subiu o tom da conversa, e não é um contato tão fácil quanto possa parecer.

Quando retornamos, Antonino confirmou todos os detalhes da conversa, que acompanhou telepaticamente, conectado com nossa mente, e me fez algumas perguntas:

— Por que uma prisão só para CMI?
— É o corpo dos registros cármicos, no qual se encontra a realidade mais expressiva daquilo que o ser humano edificou na sua caminhada evolutiva.

  Detectar a frequência desse corpo significa possuir um certificado da verdade daquela alma, um atestado de sua realidade espiritual. Todas as imperfeições, culpas, erros e malfeitos ao longo das

várias vidas sucessivas podem ser facilmente identificados no mental inferior.

É o arquivo mais saliente de nossas obras.

Com uso de aparelhagem adequada, pode-se examinar as mais profundas necessidades e tomar conhecimento delas.

Evidentemente que, para que essa ação seja possível, é necessário que as atitudes do espírito permitam a expansão desse corpo até as regiões do astral inferior, nas quais a criatura passa por exames e ressonâncias magnéticas, com uso de avançadas tecnologias. Diante disso, torna-se inevitável ter em mãos o mapa das frequências vibratórias, com as quais é possível travar o caminho dos invigilantes que permitiram, inconscientemente, essa invasão e posse.

Após essa identificação de frequências, são colocados anexos tecnológicos por meio de cirurgias, durante o sono físico, para apropriação definitiva do corpo mental inferior.

Em muitos casos, inclusive quando as reencarnações são construídas nas regiões astrais de domínio do mal, a criatura já renasce com esse processo pronto e definido.

Foi o caso de Osório, embora, ao longo da sua reencarnação, ele tenha conseguido livrar-se de toda essa parafernália com uso moderado de sua mediunidade à luz do Evangelho. No entanto, depois de uma longa e proveitosa caminhada, derrapou novamente na conduta e reativou todo o processo de ligação com essas entidades Ciclopes.

O CMI deveria ser o corpo de maior enfoque nos temas da mediunidade, da saúde, dos relacionamentos, da desencarnação e da obsessão.

Sem conhecer sua maleabilidade, sua infinita capacidade projetiva e sua propriedade de arquivo profundo do espírito eterno, fica difícil estudar, entender e organizar medidas de proteção, libertação e cura nas experiências mentais, emocionais e espirituais.

— Naquela prisão, os Ciclopes têm muitos CMIs aprisionados de pessoas desencarnadas?

— Milhares de corpos. E é apenas uma entre muitas organizações com essa função nas esferas do mal. Hoje, tornou-se um lugar muito requisitado nos serviços de obsessão complexa e de domínio das falanges internacionais mais poderosas do mal. Uma das frentes de serviço mais comuns nas furnas organizadas da maldade é a apropriação do CMI.

O desencarne conduz o espírito ao campo vibratório no qual respira enquanto encarnado. É a lei natural da vida. No entanto, bilhões de pessoas no corpo físico criam vínculo com associações no mundo extrafísico. A expressão “vender a alma ao diabo” não é mera figura linguística.

Desde um viciado, que é um problema social, até grandes líderes de nações, vamos encontrar semelhante ação das sociedades trevosas.

Quando intercedemos em casos como o de Osório, nem sempre visamos reerguê-los consciencialmente, pois, na maioria dos casos, isso se torna inviável a curto prazo. Nosso propósito é

tentar impedir o recrutamento de mais uma alma para as fileiras do mal.

Não será exagero dizer que os serviços socorristas do Hospital Esperança são, em verdade, uma batalha pela apropriação do CMI daqueles que tombaram na queda moral. Nosso objetivo, repito, nem sempre é reconduzir o espírito ao bem, mas evitar que regressem às fileiras de onde a grande maioria saiu para reencarnar.

Temos também prisões no plano astral que cumprem esse perfil referente a grandes líderes ainda reencarnados. Muitas pessoas no mundo não entendem a razão da vida longa e aparentemente sem infortúnios de muitos governantes desonestos e metacapitalistas sangrentos. Nisso reside a razão. Quanto mais tempo vivem na matéria, melhores chances temos de tentar evitar a apropriação de seus CMIs.

No caso de líderes expressivos e sanguinários, o maior objetivo é impedir que retornem às agremiações do mal de onde renasceram, além de prepará-los para o exílio.

No mundo físico, quem conhece os temas espirituais da transição imagina que essas pessoas influentes desencarnam e são exiladas em um passe de mágica.

Não é tão simples assim. A luta não é depois do desencarne, é antes, enquanto estão na matéria.

Poucas vezes conseguimos (aqui me refiro aos grandes luminares da equipe de Jesus[10] que trabalham mais junto a esse terreno desafiante) essa apropriação do CMI de governantes sanguinários ainda encarnados, de bilionários que patrocinam a

imoralidade, de terroristas fanáticos e narcotraficantes, de representantes influentes do mal no planeta. O serviço é complexo. Primeiro, vem a apropriação do CMI pelos trabalhadores do bem; depois, o julgamento nos Tribunais do Carma[11] para definir a favor ou contra o exílio. Posteriormente, a transferência temporária para colônias preparatórias próximas ao astral da Terra a fim de adaptar o corpo astral ao novo mundo, e somente depois, com suporte extraterrestre, temos a fase do exílio, como é conhecido nos meios espiritualistas, quando a criatura é deportada para mundos inferiores. Casos existem que o cumprimento de todas essas etapas pode chegar a décadas de serviço preparatório.

Atualmente, nos assuntos que dizem respeito à política mundana, esse é o tema central cogitado pelas esferas mais nobres que militam no bem e na tarefa de depuração da raça humana e do planeta Terra.

O CMI, quando sequestrado, é uma garantia do mal para perpetuação de seus planos infelizes.

Por essa razão é que os planos do Cristo têm, como alvo principal, a ação libertadora daqueles que tiveram suas reencarnações programadas pelas trevas e que estão servindo em missões nefastas.

O nome de cada um deles está na “mesa de Jesus”. As esferas mais elevadas têm um mapa com o nome de cada um, com o local onde se encontram, além de revelar o que estão fazendo e os riscos que representam para o futuro da humanidade. Toda

ação no bem tem seu foco em atividades incomuns para agir nesses corações inflexíveis.

— E esses Ciclopes, Pai João, quem são?

— Um grupo muito desumano ligado ao Vale do Poder. É a mais antiga organização da maldade erguida no planeta.

— Ligada aos Dragões?

— Sim. Organizações como essa aspiram a se tornar graduadas na Cidade do Poder e adquirir o título de Dragões.[12]

— O chefe dessa prisão onde está Osório é um Dragão?

— Ainda não. Está no caminho de se tornar um. Sua célula prisional está repleta de médiuns falidos e de religiosos que se perderam no caminho, atolando no mal intencional. Ele tem muito foco nesse grupo.

— Eles não sabem que o João Caveira é o Baixinho?

— Alguns mais graduados naquela organização sabem da história do Baixinho. Ele se apresenta como Exu João Caveira toda vez que vai às regiões mais profundas para socorro ou negociações. São poucos os que conhecem essa sua identidade. Ele foi um agente de dupla identidade e já chegou a trabalhar durante muito tempo como espião infiltrado em organizações do mal. Na verdade, Baixinho já serviu aos Ciclopes em tempos passados. Conhece muitos deles.

— Por isso consegue visitar livremente esses lugares?

— Livremente não. Consegue mais acesso. Além de ser íntimo, sabe os detalhes sobre como penetrar a prisão. Não é um local com requintes de vigilância como ocorre em outros lugares, especialmente nas prisões

de segurança máxima, onde se encontram aqueles grandes líderes a quem me referi.

Exu João Caveira exerce uma função de interventor, muito parecida com a de um advogado. Ele trabalha na falange de Exu Marabô e, para evitar maiores conflitos, prefere os caminhos estabelecidos pelos vigias dos Ciclopes, mas já burlou isso várias vezes usando magia. Eles temem muito a figura de qualquer exu que tenha vínculos com as falanges de Marabô e com os Caveiras: Rosa Caveira, Tata Caveira, Caveirinha, Lorde da Morte, Meia Noite, entre outros.

É permitida a entrada deles no Hospital Esperança, em nossas salas de recepção, onde ocorrem casos gravíssimos.[13]

O intercâmbio com os Ciclopes é um processo muito arriscado e vigiado. Eles pensam que, um dia, o senhor João Caveira poderá trabalhar com eles novamente. Na verdade, o Baixinho também veio de lá. Já participou da organização e se desligou dela com o tempo. Mudou completamente sua conduta e está se tornando um notável trabalhador do Cristo junto à obra de amor de Eurípedes Barsanulfo, no Hospital Esperança. Atua com êxito nos serviços mais árduos das furnas astrais.

— Meu Deus! Que complexo!

— É a Lei, meu filho. Qual servidor do bem não tem algum laço com tais pátios da sombra?

— Sim, o senhor tem razão. Eu que o diga... Tive meus próprios elos com os Dragões.[14]

— Baixinho largou um alto cargo naquele lugar. Eles não se conformam com isso. Com o tempo, aceitaram a

amizade dele novamente, porque ele começou a trazer, até o Hospital Esperança, os líderes graduados daquela prisão, e muitos pedidos deles foram atendidos. E tudo se transformou nessa parceira de riscos em que inteligência e justiça são os fatores determinantes nos caminhos das negociações, em todos os assuntos referentes a prisioneiros que lhes interessam e a todos aqueles que guardam algum tipo de vínculo com os Ciclopes.

— Pai João, e sobre aquela transformação de Baixinho em Exu Caveira, realizada de maneira tão rápida e com tanta destreza da parte dele?

— O espírito pode tomar a forma que quiser fora da matéria, quando tem poder mental para isso. No mundo físico, quando se estuda esse tema, abordam-no como se qualquer um pudesse, por conta própria, tomar a forma desejável.

Existem algumas reflexões a serem feitas para melhor compreensão.

Esse processo não é tão automatizado quanto se supõe. Três são as situações mais conhecidas de mudanças perispirituais após o desencarne.

1) O espírito adquire naturalmente a forma que moldou com seu proceder ao longo de sua última reencarnação[15], sendo que a maioria conserva a mesma forma física. Talvez, algumas alterações em áreas mais frágeis, conforme seu comportamento pessoal.

2) Se o espírito tem poder mental, nesse caso sim, ele modifica seu perispírito conforme sua intenção e seu gosto.

3) Alterações provocadas por cirurgias, lesões e incisões, sejam realizadas por amigos espirituais, em laboratórios das trevas.

A rigor, a grande maioria permanece mesmo é com a forma da recém-finda reencarnação.

Os exus, grandes magos dotados de poder mental, são especialistas nessa mutação perispiritual, como já explicamos em outras oportunidades.[16]

— E ele só consegue realizar essa mutação diante do cruzeiro?

— Ele prefere assim por questões inerentes à força telúrica[17] existente nos cemitérios. Você o verá, porém, executar a mesma transformação, ou outras, em quaisquer locais. Baixinho é um perito da transmutação. Ele também domina a arte de hipnotizador, que emprega em seus demais trabalhos no bem.

— Agradeço as informações, Pai João. Não quero tomar mais tempo. Vamos ao trabalho. Quero que me esclareça como poderei cooperar no caso de Osório.

— Faremos um acoplamento do corpo astral de Osório ao seu corpo físico durante o dia. Já é quase manhã e precisamos ser ágeis.

Não será um dia fácil para você, mas estaremos por perto. Terá completa assistência de João Caveira e sua equipe.

Tentaremos, com isso, impedir que mantenham a prisão do CMI de Osório e, com um pouco de chance, em vez de eles o levarem para lá, nós também forçaremos o acoplamento do mental inferior dele ao seu corpo, criando o laço entre perispírito e mental inferior com o uso de sua

mediunidade, meu filho. Caso sejamos bem-sucedidos, mesmo com o desencarne de Osório, teremos posse total do destino dele.

— Conte comigo, Pai João. E que Deus nos proteja no serviço do bem. Não faço a menor ideia de como ajudar. Ofereço, portanto, de coração, o meu corpo físico na condição de uma ferramenta na mão de vocês.

Aproximadamente às cinco horas da manhã, conseguimos desdobrar o perispírito de Osório, que estava ligado ao seu corpo no Hospital Souza Aguiar, e imantá-lo ao corpo físico do médium Antonino, que ainda nos acompanhava em desdobramento pelo sono.

Quem está na matéria não consegue dimensionar, de modo palpável, o que significa a delicadeza de tal iniciativa e da situação de Osório: o corpo físico em um leito, praticamente em vida vegetativa, o corpo astral agregado ao corpo carnal de um médium, e o seu CMI prisioneiro em uma região astral inferior.

Embora possa ser novidade para muitos, faz parte da rotina de nossas ações no bem.

A visão espiritual que temos daqui para o mundo físico é a de que raríssimos desfrutam a individualidade.[18] O que comumente vemos são corpos fragmentados, espalhados.

Imaginem bilhões de corpos físicos, em uma parte do orbe acordados na matéria e, em outra parte, desdobrados pelo sono. Tanto em vigília como em sono, o processo de projeção de corpos em lugares diferentes é, na verdade, o que forma a realidade.

Somando-se sete bilhões de encarnados e multiplicando pelos três principais corpos que se desdobram ou são projetados, teremos perispírito, CMI e CMS, integrando um total de 21 bilhões de corpos em atividade, formando uma rede,

um oceano de vibrações em meio ao qual respiramos, pensamos, sentimos e vivemos.

Nossa mente está conectada a todas as outras mentes. Não existe mente individual[19] até que as criaturas aprendam a se organizar internamente. A expressão do seu ser individual e a conquista de sua paz interior dependem do quanto você resolve os seus conflitos internos e do quanto desenvolve as suas qualidades de proteção emocional e espiritual.

Se você não avança na construção de valores morais e condutas que lhe permitam quietude mental, você fica à mercê das forças que o envolvem, sofrendo a influência dos ambientes e das pessoas, estejam elas no mundo físico ou no mundo espiritual.

Quanto mais nos aprimoramos no domínio do ego e na solidez moral, mais somos influenciadores do que influenciados.

Olhar para a atividade que desenvolvíamos com o médium Antonino como sendo algo excepcional é um olhar próprio e natural de quem se encontra imerso na matéria física.

Para nós, fora do corpo físico, é rotina e princípio fundamental da medicina vibracional, que estuda e pesquisa campos energéticos de várias dimensões.

Sequestros de corpos, implantes perispirituais, inchaço do duplo entérico, fragmentação de corpos sutis, são matérias essenciais nos serviços do bem, fora e dentro do corpo físico.

Imantar o corpo astral de Osório ao corpo material de um médium é como oferecer refrigério e alívio. O corpo físico é uma usina de forças incomparável e de profundo teor curativo.

No caso em questão, aliviar a dor de Osório significa relaxá-lo para preparar-lhe a desencarnação iminente. Inconsciente no físico, assim ele continuará por um tempo, mesmo fora da

matéria, até que seja concluída a disputa pela apropriação de seu CMI.

02

A PARCERIA NA MEDIUNIDADE PARA SERVIÇOS ESPECIALIZADOS NO BEM

Os primeiros raios de sol surgiam no horizonte. Deitamos o médium Antonino, ainda em desdobramento pelo sono, ao lado do corpo físico de Osório.

O senhor João Caveira foi quem fez o acoplamento do corpo perispiritual de Osório ao perispírito do médium. Perispírito a perispírito. Quase quarenta minutos de um processo lento em que se podia ver claramente, em nosso plano espiritual, o deslocamento de parte por parte. Primeiro a cabeça, depois o tronco e, em seguida, as pernas. A partir daquele momento, o médium passava a compartilhar seu corpo ou, sem exageros de linguagem, a coexistir com Osório.

Em um serviço de delicada vigilância e cuidados, transportamos o médium até sua casa e, por fim, acoplamos todo esse conjunto ao corpo físico de Antonino.

Três exus experientes fariam a proteção do médium por 24 horas. Era uma medida arriscada, considerando que, a partir daquela conexão, o perispírito de Osório passaria a puxar o CMI que estava preso, aumentando essa atração após o desencarne do corpo físico, estraçalhado no Hospital Souza Aguiar.

Por volta das seis horas, Antonino acordou na matéria. Sentia dores horríveis. O simples ato de trocar passos lhe doía as pernas. Sentia muita dor na cabeça e uma bambeza incomum.

Suspeitou de dengue e, em vez de ir ao trabalho, foi a um posto médico. Segundo os especialistas, tratava-se de uma virose estranha. Sem febre, sem infecção e com muita dor. A dengue seria a explicação mais provável. Faria o exame para verificar.

Voltou para casa e tomou medicações analgésicas que aliviaram as dores físicas. Ele só conseguiu ir ao trabalho depois do meio-dia.

Chegando lá, percebeu que seu estado físico havia melhorado, mas sentia uma angústia incomum, e seu estado psicológico estava nitidamente alterado. Sua mente estava tomada por imagens estranhas de morte e gritaria.

Resolveu, portanto, ligar para a mãe de santo Karina[20], da Casa de Pai Benedito, onde atuava como médium.

— Mãe Karina, sua bênção! Perdoe-me por ligar esta hora. Estou péssimo. Acordei com muitas dores físicas, e agora minha mente está um caos – e explicou, em detalhes, como se sentia.

— Boa tarde, Antonino! Eu estava mesmo pensando muito em você agora há pouco. Quase liguei para você a fim de conversarmos – em verdade, ela estava assessorada por dona Maria Mulambo, que a estava intuindo sobre o atendimento de nossa equipe.

— Mãe, por caridade, faça algo. Estou sentindo uma profunda vontade de morrer. Um pensamento estranho de me jogar de um prédio. Não sinto as pernas, como se estivessem anestesiadas. Sinto muita vontade de chorar. Isso nunca aconteceu comigo. Peço sua caridade.

— Antonino, percebo a presença de dona Mulambo ao meu lado. Ela me disse que você está colaborando com

um atendimento de urgência e de muita importância.

— Mas hoje não é dia de sessão. Isso pode acontecer?

— O servidor de Jesus, meu filho, é chamado conforme a necessidade. Pelo que me parece, é um caso de suicídio muito grave, e a pessoa ainda não morreu. Está em coma profundo. Você teve conhecimento de algum caso, ou fez algum pedido envolvendo esse assunto?

— Não. Nenhum caso e nenhum pedido. Tive sonhos horríveis com espíritos de um olho só na testa e com o Exu João Caveira, que me levava a um lugar onde havia pessoas doentes. Parecia uma prisão.

— São os Ciclopes, filho. Espíritos perigosos e muito maus. Certamente, fez parte de algum atendimento. Você está no trabalho, Antonino?

— Sim. Sem condições de concentração, mas tentando, de todas as formas, fazer orações em favor da minha melhora.

— Vou agora mesmo acender uma vela a Omulu[21] e outra aos exus. Vamos vibrar nessa frequência de proteção. Ao anoitecer, caso não esteja melhor, venha até à Casa de Pai Benedito, vou convocar três médiuns para socorrê-lo.

A tarde foi uma eternidade para o médium. Seu estado íntimo não melhorou e as dores físicas começaram a se intensificar mesmo com novos analgésicos.

Eram dezessete horas quando ligou novamente para Mãe Karina:

— Mãe, está insuportável. As dores estão voltando.

— Venha para cá urgente, meu filho. Já acionei os nossos médiuns

Antonino chegou à Casa de Pai Benedito por volta de dezoito horas. Todos já estavam a postos e entoando pontos aos exus. Mal colocou os pés no terreiro e três médiuns já se jogaram ao chão. Dois deles apenas grunhiam como se estivessem com dores pelo corpo, mas Mariana incorporou o perispírito de Osório, puxando-o de Antonino em um *arrancão*. O serviço de desacoplamento foi instantâneo, ao contrário do que havia ocorrido no Hospital Souza Aguiar. Era como se ele tivesse sido cuspido de um corpo para outro. Assim que isso ocorreu, Mariana começou a dizer:

— Não quero viver, deixem-me ir! Eu não pertenço a este planeta. Quero ir embora! Sou um verme, uma aberração da natureza. Quero morrer, quero morrer, quero morrer...
— Qual o seu nome? – interrogou Karina.
— Sou Osório, o médium do inferno, o resto da alma de um bandido. Sou um infeliz.
— Você está na matéria ainda?
— Acho que sim. Não tenho certeza. Não sei como vim para cá. Não sei nada.
— Como você se sente?
— Com muitas dores... – e narrou, em detalhes, tudo que Antonino sentiu o dia inteiro, sem que Mariana, a médium, tivesse qualquer informação sobre o caso.
— Nós podemos aliviá-lo das dores. Gostaria?
— Não quero alívio, quero morrer. Eu pertenço a eles.
— A eles, quem?
— Aos Ciclopes. Meus donos.

Osório, fora do corpo, tinha consciência de toda a sua triste realidade espiritual.

— Ninguém pertence a ninguém, Osório. E ainda que estejamos presos a essas ideias, podemos nos libertar quando quisermos.

— Eu não tenho opção.

Assim que ele pronunciou essa frase, Karina, a mãe de santo, em um gesto rápido e característico das pombagiras, incorporou dona Maria Mulambo, que deu uma vibrante gargalhada, e disse:

— Osório, eu sei quem você é! E vou tirá-lo das mãos desses senhores agora!

No plano espiritual, imediatamente se formou, em torno da médium incorporada, uma roda de vários exus. O senhor João Caveira, que já estava também a postos, iniciou um ritual de magia com uso de pulsos apométricos.[22]

Uma roda de fogo intensa podia ser percebida por nós, acima da cabeça de cada médium. Maria Mulambo, ainda incorporada em Karina, percebia tudo e, em alta voz, declarou:

— Este é seu momento, Osório! Liberte-se da tormenta, liberte-se desse corpo físico que não o atende mais, liberte-se da escravidão dos Ciclopes. É seu momento! O fogo esteriliza toda maldade.

Aquela roda de fogo aumentou, e João Caveira deslocou o perispírito de Osório do corpo físico de Mariana, envolvendo-o em bandagens que lembravam folhas finas de alumínio e acomodando-o a uma maca na sala astral da tronqueira[23], da Casa de Pai Benedito.

Em seguida, depois de alguns movimentos que faziam tremer todo o seu corpo, Mariana incorporou o senhor João Caveira, que deu também uma sonora gargalhada, dizendo:

— Exu é Mojubá! Laroyê exu! João Caveira está aqui.

Todos o saudaram, e ele continuou falando:

— O serviço está feito. Esse homem está deixando o corpo no Hospital Souza Aguiar neste momento. Os inimigos vão procurá-lo, e não irão encontrá-lo. Precisamos que ele fique aqui pelo menos sete dias, puxando, com toda força, a frequência do seu mental inferior, que foi capturado e está escravo em regiões infelizes.

Karina, que já havia regressado à consciência, perguntou ao Caveira:

— E o médium Antonino, senhor João, como vai ficar?
— Vai sobreviver – e deu nova gargalhada.
— Com a graça de Zambi e de vocês. O caso é grave, senhor João?
— Lidar com gente que não presta é sempre um desafio, senhora. Tentaremos salvar esse infeliz das masmorras. Ele saiu de lá antes de renascer e está com passaporte carimbado para voltar.
— Ele ficará em nossa tronqueira?
— Está escondido aqui. Enquanto isso, tentaremos puxar o mental dele para cá e, se não conseguirmos, iremos negociar com a falange.
— Ciclopes?
— Eles mesmos.
— Esse Osório é quem estou pensando, senhor João? – perguntou Karina que, em sua mente, ligou toda a trama com o atendimento prestado a Renato[24], para livrá-lo da ação da Cigana da Sedução.
— O próprio. O médium da falsa Maria Padilha.

— Meu Deus! Tive mesmo notícias de que ele teria tentado suicídio. Nem sei se desencarnou.

— Agora, desencarnou, depois dessa roda cármica com fogo que fizemos. Pode procurar notícias, que você vai confirmar o fato. Sou o interventor cármico[25] do caso.

— O que faremos nesses dias em que ele estiver aqui, no astral da tronqueira?

— Serviço completo para exu. Alimentem[26] a tronqueira todos os dias. Os médiuns deverão fazer duas sessões extras esta semana para sustentar as ações. Não se trata de uma pessoa apenas. A história é grande. Estamos mexendo com falanges e com muitas pessoas. E não permita a vinda do médium Antonino por esses próximos dias, para não rastrearem a vibração por meio dele. Ele absorveu muito de Osório e ficará assim por alguns dias, com o cheiro vibratório[27] dele. O que será uma pista aos investigadores, que vão caçá-lo como loucos.

— Há possibilidade de descobrirem que ele está aqui?

— Não saberão. Desde que Antonino não apareça aqui nos próximos dias.

Com essas orientações finais, a sessão foi encerrada, e Antonino, ainda muito desenergizado, tomou passes, água fluida e deitou-se na maca para limpar-se de algumas magias feitas pelo grupo, resultado do intenso trabalho realizado em favor de Osório.

Sentindo-se um pouco melhor, pediu alguns minutos à Mãe Karina, enquanto os médiuns se despediam. Precisava conversar e pedir alguns esclarecimentos.

— Mãe, achei que fosse morrer.

— Sente-se melhor agora?

— Um pouco. Estou um tanto apavorado, confesso. Será que fiz algo para que isso acontecesse? Alguma invigilância de minha parte?

— Não, Antonino. A meu ver, pelo que sinto intuitivamente, não se trata disso. Você tem alguma cobrança consciencial a respeito do que aconteceu?

— De forma alguma! Tenho vivido dias maravilhosos. Ontem à noite, fiz minha oração ao me deitar e estou muito feliz com minhas conquistas espirituais.

— Então! O que aconteceu foi um serviço de urgência. E, muito ao contrário, é indicador de que os amigos espirituais, nossos mentores e guias, estão contando com sua colaboração na condição de médium, para serviços específicos.

É a sequência natural da maturidade mediúnica. Quanto mais o médium apresenta condições de serviço, mais será chamado a especialidades no trabalho.

— Não tive controle nenhum, Mãe. Tudo o que aprendi sobre disciplina, conduta reta, preparo mediúnico e proteção, parece não ter ajudado em nada. Foi algo muito além do que conheço.

— O alicerce existe para que possa erguer os tijolos com segurança. Você recebeu o básico, tem sido aplicado na disciplina e na oração, nutre um profundo desejo de aprender e de ser útil. Esses ingredientes são o alicerce dos serviços mediúnicos mais especializados.

Aprendemos o básico em assuntos da mediunidade com o único intuito de formar referências mentais seguras, ter uma boia para se agarrar nos momentos de turbulência.

— Mas essa boia em nada me ajudou para que saísse do clima mental em que me encontrava!

— Talvez não fosse para sair. Aliás, agora, depois desse atendimento, fica muito claro que você serviu de "maca" para que ele saísse de uma situação dolorosa.

Pelas informações do senhor João Caveira, trata-se de um caso que eu acompanhei, muito grave, e toda ajuda que for prestada será uma bênção.

— Eu me senti muito confuso. Não sabia definir o que era meu e o que podia ser mediúnico. Então, a senhora acha que essa entidade foi auxiliada mesmo assim?

— Não é entidade, Antonino, era ainda alguém na matéria, e que, pela informação recebida, desencarnou enquanto fazíamos o trabalho.

— Mas isso é comum? Receber um ser vivo que ainda esteja no corpo físico?

— Mais comum do que imagina a grande maioria dos médiuns.

— E o que era meu? O que era anímico, de minha própria alma, nesse caso? Que aprendizado posso fazer de um estado emocional e psíquico tão conturbado? Eu aprendi, aqui em nossa casa, com o estudo das obras de Allan Kardec e com Pai Rubens Saraceni[28], que o médium tem uma parte grande em cada comunicação. O que é meu no que aconteceu?

— Antonino, como você se sentiu ao longo deste dia tão difícil?

— Confuso, angustiado, com vontade de desistir de tudo, infeliz por ser quem sou, desacreditando da minha própria mediunidade e, confesso, tive até vontade de morrer em certos momentos, embora eu tenha certeza de que essa última parte não é minha.

— Aí que você se engana, meu filho. Isso e tudo o mais que citou lhe pertence também ou não experimentaria tanta dor na aproximação dessa pobre alma que foi ligada a você.

— Mas, Mãe, não tenho vontade de morrer.

— Tudo o que citou, conflito interno, angústia e descrença em si mesmo, é a própria morte do ser, Antonino.

Acredito piamente que você, conscientemente não quer se matar, mas, com a simples aproximação dessa alma em dor, todos os ingredientes similares vieram à tona.

Você não tem desejo de autoextermínio, mas não está feliz com a vida que tem.

Não quer se matar, porém, não tem a vontade de viver. Entendeu a diferença?

— Nossa, Mãe Karina, isso me assusta!

— Por qual motivo?

— Quer dizer que eu, que fiz meu sacerdócio nesta casa e tenho já alguns anos no serviço iluminativo da mediunidade, sou uma pessoa que não gosta de viver? Sinto-me machucado, ferido, magoado, só de pensar nisso.

— Filho, são poucos os médiuns que escapam dessa verdade.

Nós, aqui me incluo sem reservas, temos a mediunidade como uma oportunidade.

Não somos missionários e muito menos espíritos iluminados. Somos espíritos que nos afastamos ostensivamente de nós próprios ao longo de várias reencarnações, para nos divertirmos e nos completarmos com prazeres e conquistas externas.

O resultado é que não sabemos nada sobre nós. Não temos gosto por nós mesmos. Temos uma profunda mágoa com nosso passado de más escolhas, não acreditamos em nós mesmos, sentindo-nos falsos e desprovidos de recursos para caminhar.

O efeito do nosso descuido em outras vidas, com a presença de tanto egoísmo, está dentro do nosso próprio campo mental em forma de falta de autoamor, desapontamento com quem somos, com uma vida mental frágil que nos faz sentir o mundo e as pessoas à nossa volta com uma super sensibilidade, sem que tenhamos clara noção de quem somos, do que sentimos e por que sentimos o que se passa em nosso coração.

Somos essas criaturas em busca de uma identidade sólida, em busca de sabermos quem somos de fato. Isso nos causa imensa dor.

— E por que isso se intensifica durante as aproximações mediúnicas?

— Para que nos enxerguemos. A mediunidade é um espelho revelador de nós próprios.

O que sentimos, o que escrevemos, o que vemos, ou seja, independente de qual for a expressão da mediunidade, revela algo de nós próprios, sempre.

Isso, porém, não invalida as percepções que temos.

Veja esse atendimento de hoje. Você o retratou com fidelidade, com exatidão. Sem sequer saber do que se tratava. As informações que deu, as dores que sentiu, tudo se encaixou.

— Mas tudo foi tão doloroso!

— Você está sendo promovido, Antonino.

Sua honestidade emocional, seu desejo de aprender e de ser útil, além de sua disciplina, são fatores avaliados pelos nossos benfeitores. E, pouco a pouco, conforme o progresso, o médium é chamado a serviços mais especializados e profundos.

— Nossa, Mãe Karina! Assim fico mais assustado! Será que darei conta? Passar um dia como o que passei não é nada animador. Quantas vezes isso irá se repetir?

— Eu o compreendo, Antonino. Ser médium com Jesus não é tarefa simples.

Embora, na condição de sua Mãe de Santo, só tenha motivos para animá-lo.

— Animar como?

— Como você se sente agora, após o atendimento?

— Completamente restabelecido. Desde o momento que Mariana puxou essa irmã, senti-me outra pessoa. Para falar a verdade, sinto-me como quem realizou algo muito necessário e valoroso. Não sei explicar ao certo.

— Pois então! É a sensação de dever cumprido, filho. Só tenho motivos para encorajá-lo ao trabalho. Você procurou ajuda, fez suas orações, manteve-se conectado com os amigos do plano maior e, com sua colaboração tão comprometida, foi feita uma assistência de urgência muito valorosa aos nossos benfeitores, e ao médium Osório, que padece dores indescritíveis em função do mau uso da faculdade mediúnica.

— Mas quase morri!

— Não exagere, Antonino!

— Mãe, a senhora sabe. Não estou brincando.

— Foi tudo feito com seu consentimento.

— Como assim?

— Em atendimentos mais especializados e desse porte, primeiramente nossos orientadores pedem a nossa permissão durante a noite, fora do corpo.

— Ave Maria! Devia estar com algum problema se autorizei esse tipo de atendimento – e deram espontâneas gargalhadas do que disse o médium.

— Outro benefício é que tarefas assim ganham apoio incondicional dos exus e de diversos servidores do mundo espiritual. É justo que assim procedam pelo bem do próprio médium.

— Gostaria de ter outra opção, meu Deus!

— Você tem, Antonino.

— Mesmo?

— Claro que sim. Todo esse socorro ao próximo, de alguma forma, trouxe para fora uma profunda angústia de sua alma. Você tomou contato com uma pavorosa sensação de fracasso, identificou claramente a tormenta e a loucura pertinentes ao médium que entra em desequilíbrio e faz mau uso das faculdades mediúnicas.

Todo esse conjunto de dores emocionais e psíquicas são também remédios curativos para suas imperfeições.

No fundo, pensando com a lógica, um quadro tão enfermo no campo íntimo tipifica uma depressão grave e de proporções arrasadoras.

Você tem, como alternativa, a opção de deixar o exercício mediúnico e viver essa dor psíquica como doente.

Nada o impede de experimentar uma depressão severa.

— Mãe Karina, hoje a senhora está tirando meu couro. Ave Maria!

— Ao contrário, filho. Hoje estou lhe oferecendo o maior axé que um sacerdote umbandista pode ofertar a seus filhos, a noção de consciência cristã, o que significa comprometimento espiritual com o serviço da mediunidade.

Sem reconhecer a extensão de suas imperfeições, os médiuns padecem por caminhos lamentáveis em fuga do serviço honroso.

Não se trata de carma e, muito menos, de castigo. São essas as necessidades pessoais da alma que renasceu como médium. A mediunidade lhe foi outorgada como potente medicação protetora e curativa.

Uma experiência como essa que você viveu, em algumas horas de aproximação fluídica de Osório, pode corresponder à eliminação de sombras e a consequente melhoria da enfermidade dolorosa da depressão, que não seria possível de ser extinguida nem em uma vida inteira com terapias e remédios controlados.

São algumas horas de internação que valem, talvez, por décadas de tratamento.

— Isso sim é muito aliviador de ouvir. Sinto-me muito fortalecido com sua colocação. Muito mesmo.

— Fico muito feliz por você ter compreendido essas sutilezas do serviço no bem, nos terrenos da mediunidade com Jesus.

Não temos garantias, mas possivelmente, e graças a esse socorro no qual sua mediunidade foi ferramenta fundamental, Osório se liberte de padecimentos que não valem a pena de ser mencionados.

— Sou muito grato à Casa de Pai Benedito, Mãe Karina. Aqui me sinto acolhido e orientado. Fico pensando no que me aconteceria se não tivesse apoio em um dia como este.

Lembro-me, com certa dor, dos momentos que vivi nas tormentas da obsessão na casa espírita. Mesmo tendo o Evangelho e as obras de Kardec como divisa, éramos cobrados, rejeitados e censurados o tempo todo por sentir algo diferente como senti hoje.

A umbanda está melhor nesse ponto.

— Não generalize, Antonino. Assim como muitas casas espíritas, existem muitas casas umbandistas onde não existe esse carinho e empenho dos dirigentes para com seus filhos.

Isso tem mais relação com o caráter das pessoas e com sua formação moral do que com as religiões em si.

— Eu sei. Falo pela minha experiência pessoal e pela de muitos médiuns que conheço. Passaram por anos de estudo, cursos e leituras e nunca foram socorridos, como eu também não fui, nos momentos mais aflitivos.

A alguns cheguei a indicar a nossa casa espírita, depois de todo esse trajeto de preparo, mas abandonaram tudo por não encontrar apoio e retidão moral. É o caso de Anete, a quem a senhora tanto amparou, tempos atrás. Ela era assediada

sexualmente pelo dirigente da casa, que alegava vínculos do passado com ela. Não bastasse ser um homem mal-educado, tinha uma conduta infeliz e perturbadora.

Eu mesmo, por muitas vezes, fui repreendido por minha invigilância quando sentia dores assim, como as de hoje. Mesmo que não fosse com a mesma intensidade da dor que outros Osório médiuns passaram, alegavam que tínhamos de ser cuidadosos e que o nosso dever era nos mantermos completamente bem.

Isso me fez sofrer muito, porque achava que era só comigo que acontecia. Sentia-me um incompetente e desajustado. Depois, comecei a perceber que isso acontecia também com outros médiuns da casa. Começamos a conversar com o dirigente sobre o tema e fomos advertidos. Lamentável, mas, depois de conflitos desgastantes, todos saíram do trabalho.

Eu tive a bênção de encontrar esse templo de Pai Benedito. Outros se afundaram em dificuldades e nunca mais procuraram por casas espiritualistas.

— Sei bem como acontece, Antonino.

Por essa razão, colocamos como base do preparo de nosso grupo três fatores: o acolhimento afetivo, o profundo desejo de ser útil e o cultivo ritualístico[29] da fé.

Em outras palavras, amor no grupo, caridade ao próximo e a força da fé.

Os dois primeiros nos preparam para um relacionamento cristão, e o último nos prepara para um relacionamento saudável com o mundo espiritual, com os orixás e com a magia.

Além dos três fatores que qualquer médium necessita entender, é muito mais importante que os cursos preparatórios se dediquem a estas matérias: relacionamento harmonioso, como desenvolver a empatia para servir e a compreensão da fé como habilidade emocional.

— Só mais uma pergunta, Mãe. Por que tenho de ficar sem a sessão da semana? Ficar afastado sete dias, como disse o Caveira?

— É a proteção dos exus para você. Notou que o senhor Caveira se disse interventor do caso de Osório?

— Sim, notei.

— Significa que os Ciclopes vão procurar por Osório primeiro nos lugares onde o João Caveira atua, no mundo físico. Algo já bem conhecido de todos eles. Os médiuns da casa serão examinados, um a um.

— E eles têm permissão para isso? Nós médiuns sempre passamos por esse tipo de situação?

— Com mais frequência do que você pode imaginar. Todo grupo ou médiuns que se colocam a serviço do bem de alguém granjeiam inimigos dessa pessoa para si mesmos. Da mesma forma, toda proteção que aquele beneficiado recebe também passa a ser a favor dos médiuns que o auxiliaram.

— E se forem na minha casa?

— Eles irão, e terão autorização para entrar. Nada perceberão. Nada farão. No entanto, se entrarem aqui com sua presença física, aumentam-se as chances de identificarem o perispírito de Osório através de cruzamento de vibrações magnéticas entre você e ele, feitas por aparelhos que eles possuem.

— Estando em casa, isso não é possível?

— Não, em função da grande distância entre sua casa e nosso templo. Isso impede essa detecção.

— Então, com todos que eu for assistir mediunicamente vai ocorrer isso?

— Não, não funciona assim. Esse caso é muito específico. Estamos falando de captura de corpos. Algo que acontece em situações mais complexas e que exigem esse tipo de cuidado. Ainda assim, poderia não ter nenhum problema a sua presença física, se o caso não exigisse tanta cautela.

— E por que sete dias?

— É um prazo razoável, até que desloquem Osório daqui do astral da nossa tronqueira.

— E é assim? Eles têm permissão de entrarem aqui, e mesmo na minha casa? Isso *tá* me deixando meio...

— Apavorado?

— Acho que mais que isso, Mãe!

— O conceito de proteção para a maioria de nós, Antonino, é muito ilusório. Proteger nem sempre significa evitar que aconteçam situações difíceis para nós, no plano físico.

Você não teve hoje um grande desafio? E não foi protegido o tempo todo? Nem sempre a proteção virá evitando-se que situações difíceis aconteçam.

Podemos também impedir que identifiquem a presença de Osório. Mas a sua ausência evitará muitos riscos.

— E por qual motivo o corpo astral dele, estando aqui, está protegido?

— O corpo astral tende a sugar o CMI que foi sequestrado. É a ordem natural após o desencarne. A força maior de

atração de todo esse sequestro de corpos se concentra nele. Quem tem o perispírito, tem o fator principal do processo. Pelo que percebi, na fala do Caveira, após o completo desligamento do corpo físico de Osório, os Ciclopes ficarão enfezados ao extremo. Isso vai ocorrer em algumas horas, quando começarem a notar que o CMI de Osório passou a se "desintegrar" na prisão onde se encontra.

— Quer dizer que o corpo mental dele está preso com os Ciclopes?

— Sim. Foi a informação que os exus me passaram.

— Confesso meu medo de mexer com essas entidades. Vou seguir a orientação, Mãe. Ficarei afastado, e em contato. Ainda me encontro com muito receio de tudo isso, mas confio nos exus e na senhora.

As observações de Mãe Karina, os ensinos de João Caveira e a experiência de dor vivida por Antonino naquele dia valeram por um curso intensivo de mediunidade.

Uma nova ordem de percepções sobre o significado da parceria nos serviços mediúnicos passava a fazer parte das lições para aquele grupo de serviços umbandistas.

A entrega à disciplina, o profundo desejo de ser útil e a humildade se tornaram alicerces de um verdadeiro chamado do mundo espiritual. Os médiuns sabem o quanto lhes custa tais conquistas.

No entanto, o ponto mais consistente de tudo isso está também nessa parceria entre os componentes do grupo. Uma abertura para ajustar-se ao imprevisível. Não era dia de tarefas, mas a mãe de santo atendeu com carinho a necessidade do médium atormentado. Os demais médiuns deslocaram de suas

residências, fora do dia de trabalhos, para prestar socorro a Antonino.

Um grupo de amigos, antes de um grupo mediúnico. Amorosidade, atenção e carinho de uns para com os outros. A obra de Allan Kardec é rica nesse tema:

> *"Temos dito que um médium pode carecer dos conhecimentos necessários para perceber os erros; que pode deixar-se iludir por palavras retumbantes e por uma linguagem pretensiosa, ser seduzido por sofismas, tudo na maior boa-fé. Por isso é que, em falta de luzes próprias, deve ele modestamente recorrer à dos outros, de acordo com estes dois adágios: quatro olhos veem mais do que dois e — ninguém é bom juiz em causa própria. Desse ponto de vista é que são de grande utilidade para o médium as reuniões, desde que se mostre bastante sensato para ouvir as opiniões que se lhe deem, porque ali se encontrarão pessoas mais esclarecidas do que ele e que apanharão os matizes, muitas vezes delicados, por onde trai o Espírito a sua inferioridade."*
>
> *O Livro dos m*édiuns, Capítulo 29, Item 329.

O próprio Jesus formou um grupo de amigos para espalhar Suas luzes espirituais.

A parceria é o resultado da soma de esforços. A soma de esforços é o resultado do desejo abnegado de colaborar. A colaboração é uma das expressões mais legítimas da generosidade. E a generosidade é a alma dos ensinos cristãos.

O grupo da Casa de Pai Benedito conseguiu romper uma das barreiras mais duras da convivência, a construção da confiança. Quando confiamos em uma relação, temos estímulo para dar o nosso melhor a ela e a tudo que a envolva.

A Casa de Pai Benedito passou momentos de muita pressão espiritual durante os quinze dias seguintes.

Osório, após o completo desencarne, puxou automaticamente o seu CMI para acoplá-lo ao seu corpo astral. Sem qualquer grau de consciência da dinâmica, apenas em função da lei natural do fisiologismo do Espírito e de seus corpos agregados, ele se salvou da situação. Dois dias depois, foi retirado do ambiente astral da tronqueira e levado para o Hospital Esperança.

Os Ciclopes juntaram todas as suas forças, obrigando João Caveira e sua equipe a um regime de quarentena na vigilância das casas de todos os envolvidos na ajuda espiritual ao caso.

A parceria com os exus é uma das melhores garantias de que o serviço mediúnico terá a proteção necessária a ponto de evitar o que seria injusto e perturbador.

Por que tanto esforço considerando uma reencarnação tão desprezível como a de Osório? Foi essa a pergunta que vários alunos nos fizeram durante as etapas de amparo e socorro.

Se até aos piores criminosos do mundo, Jesus lança seu olhar compassivo e sua justiça educativa, por qual motivo Osório, um coração equivocado, seria abandonado? Se até aos intencionalmente maus o projeto do Mestre é que não haja abandono, e sim misericórdia, por qual motivo desprezar um médium enganado pelas suas próprias ilusões? Por certo, ele teria amargas e dolorosas lições a superar como desencarnado e, mais tarde, nas lutas árduas da reencarnação, que lhe imputaria limites e corretivos muito penosos em função de suas atitudes insensatas no uso da mediunidade.

Depois de tratado, Osório ingressaria nos serviços de reeducação. Recomeçaria sua vida no mundo espiritual de outro jeito e em outro cenário, até que fosse autorizada nova reencarnação a seu favor. A grande vitória é que, dessa vez, teria um projeto feito por benfeitores, ao contrário do que lhe aconteceu anteriormente, pois renasceu de um projeto feito

pelos próprios Ciclopes. Passou, portanto, sua existência sem conseguir superar e romper com essa organização.

Seu caminho era a esperança de uma nova oportunidade e, dessa vez, mais afinada com o bem e a luz espiritual.

Mesmo tendo uma grande derrota consciencial, para nós que servimos sob orientações de Jesus o caso de Osório terminou vitorioso. Foi uma vitória do bem.

Não se tratava de uma guerra vencida contra os Ciclopes, mas de uma batalha valorosa e rica de lições. Eles, em verdade, não ficaram sabendo do destino do médium. Várias foram as negociações em função do caso. Algo que poderemos detalhar oportunamente. O que importa é destacar a natureza dos trabalhos que envolvem as falanges dos exus e das pombagiras.

Abençoados aqueles que guardam amor, fé e amizade legítima com essas entidades, que servem a Jesus na condição de Embaixadores do Cristo.

03

ORIENTAÇÕES DE BEZERRA DE MENEZES NA PALESTRA DE MARIA MULAMBO

As intensas atividades promovidas pela Ala dos Exus[30] no Hospital Esperança absorviam nossas atenções e energias.

Aumentavam as necessidades de apoio, libertação e socorro que envolviam as ações de nossos guardiões benditos. O índice de agressividade e reatividade humana na convivência social apresentava um grau superlativo de acontecimentos e destacava-se entre as principais urgências no mundo físico. O homem na Terra encontra-se muito estressado por vários motivos que envolvem seu estilo de vida, tirando o foco das suas necessidades de aprimoramento espiritual e moral.

Estava marcada para aquela tarde a palestra da pombagira graduada, a Guardiã do Amor, dona Maria Mulambo.

Gonçalo, Salete e Rafael estavam presentes na companhia de Baixinho e se aproximaram para uma conversa à parte. Alguns minutos antes do evento muito esperado, Rafael nos dirigiu a palavra:

— Pai João, tenho a felicidade de usufruir das últimas atividades de dona Mulambo e tenho feito inúmeros registros, para que o senhor possa enviá-los ao mundo físico pela psicografia.

— Qual o tema, Rafael?

— Vida mental ansiosa.

— Ansiedade é mesmo uma ocorrência que alcançou níveis graves.

— Tenho presenciado os atendimentos prestados pela bondade dos exus e pombagiras a multidões fora do corpo. A habilidade deles com energias e magia impressiona.

— E o que você tem destacado desses atendimentos, Rafael?

— Pai João, a ansiedade gera tão grande mal ao campo orgânico e astral, que muita gente usa suas noites apenas para "tomar banho" em câmaras especificas de limpeza e asseio energético. São feitas transfusões e cuidadosa ação de remoção de placas densas provocadas pelo estado mental de ansiedade. Isso sem contar a nociva fragmentação de corpos que ocorre nesses casos.

— Sim, Rafael. Tem razão. A ansiedade é um quadro de afastamento do corpo mental inferior. O desajuste provocado com essa projeção do corpo abre brechas enormes para imediata baixa de imunidade astral e física.

Salete, atenta, entrou na conversa:

— Qual o motivo de tanta ansiedade, Pai João?

— Medo, minha filha.

— Medo? Medo de que especificamente?

— Sobretudo, medo de perder o que tem e de não conquistar o que não tem. Insatisfação é outra causa. Um efeito danoso da incapacidade de lidar com as frustrações, traço bastante acentuado nos espíritos que renascem na Terra atualmente.

Foram muitos milênios de fixação no egoísmo, realizando todos os seus prazeres e viciando o

espírito ao costume de atender a todos os seus caprichos.

Esse quadro trouxe dores graves à alma, que experimenta uma mágoa profunda com a vida ao passar por um instante de decepção ou contrariedade. Frustração e desconsideração não são acolhidas como episódios emocionais educativos, e sim como verdadeiros acidentes da existência, que ativam a revolta. Ser muito reativo é próprio de corações desarmonizados pela tormenta interna de insatisfação com a vida.

A ansiedade é resultado de tudo isso. É o desgoverno, a falta de medida e a exigência descabida com tudo. O efeito necessário da falta de limites.

Sem generalizar, a ansiedade ocorre por uma compulsão em controlar a vida para que ela atenda aos interesses próprios. O medo de não chegar aonde se quer e do jeito que se quer formata todo esse quadro de dor. O comportamento reativo, que sustenta a agressividade e até a violência, guarda íntima conexão com esse estado de ser.

A forma como se reage aos acontecimentos tem piorado muito a vida da grande maioria das pessoas. O desejo de controle, a ansiedade e a reatividade andam de braços dados, provocando uma inquietude dolorosa ou uma depressão sufocante em quem se comporta sob os domínios desses quadros da vida mental.

— Meu Deus, Pai João! Creio que terei de voltar à enfermaria da Ala dos Exus para um novo tratamento. Já passei por lá por conta da mágoa, agora vou por

conta da ansiedade – brincou Salete, que oportunamente havia sido atendida por dona Rosa Caveira.[31]

— Verei o que posso fazer com seus apontamentos, Rafael. De fato, uma obra com essa temática poderá orientar nossos irmãos no mundo físico.

A conversa agradável com os amigos foi interrompida pela chegada de dona Mulambo, que tomou o seu lugar e começou a palestra:

— Agradecida pela presença de todos e por atenderem ao nosso chamado.

Vejo que temos a presença de um público extenso, o que também agradeço. Somente alguns trabalhadores do Hospital Esperança não estão aqui, pois encontram-se nos serviços de socorro de urgência na Ala dos Exus e não puderam comparecer.

Somos algo em torno de oitocentos servidores e pedimos a generosidade de todos com sua atenção. Serei breve.

Como sabemos, por determinação de doutor Bezerra de Menezes, em seu projeto de humanização com foco específico na comunidade espírita, temos nos esforçado quanto possível pelas mudanças culturais na seara. O objetivo central é espalhar noções mais consistentes para a construção da amorosidade e do afeto na convivência entre irmãos de ideal espiritual.

Vivemos um cenário histórico, no qual muitos líderes influentes encontram-se no endurecimento de conceitos, ao tempo em que renascem almas com

maior amplitude de concepções, com base nos avanços científicos e culturais da vida moderna. Conflitam a tradição e a renovação. E por uma questão de segurança emocional, inúmeros colaboradores da seara, com extensas responsabilidades à frente de organizações, tornaram-se alvo de uma sutil obsessão que alcança níveis coletivos.

Graças a essa inflexibilidade de visão, ficou fácil a dominação do pensamento de tais dirigentes por parte de grupos sombrios. E não são somente dos dirigentes gerais das instituições. Há vários diretores de departamentos e colaboradores que podem abrir brecha para tal tipo de influência.

Várias organizações estão debaixo de um lamentável assédio e exploração de facções vinculadas aos Dragões, que trabalham para tornar o Espiritismo uma doutrina decrépita e sem qualquer força para a sociedade.

Como já sabemos, o lema não é derrubar e extinguir as casas, mas corrompê-las. Plano esse arquitetado em meados da década de 1950, em pleno momento de efervescência e litígio na comunidade espírita, em torno da soberania de entidades organizadoras do Espiritismo no Brasil.

Os dirigentes e demais trabalhadores, enquanto valorosos e de grande percepção intelectiva, infelizmente, têm sido os principais pontos desses ataques que crescem década a década, desrespeitando consciências e emperrando planos de esperança e amadurecimento espiritual em larga faixa de casas da seara.

As orientações de doutor Bezerra, para nossa Ala dos Exus, vigilantes e servidores, são de intensificar a proteção desses dirigentes e trabalhadores, para evitar, quanto possível, o agravamento dos quadros, que já são graves por demais, sob a perspectiva da conduta moral, tornando vulnerável e frágil a defesa e proteção espiritual dessas organizações.

Elaboramos uma abordagem inicial, com maior volume de detalhes e atenção, para as casas de médio e grande porte, onde se encontram os casos com mais amplas possibilidades de se transformarem em episódios de impactos coletivos. Homens e mulheres centralizadores em suas iniciativas de direção, mantendo velhas e perniciosas tradições.

As causas, como já são de nosso conhecimento, são as de sempre, nada novo! Corações profundamente infelizes que encontraram ânimo, motivação e paz relativa na aquisição do conhecimento espírita e nos serviços de caridade em favor do próximo. Almas sedentas por mudança interior, conquanto carreguem espessas algemas de tendências e dores emocionais que lhes impedem o progresso na caminhada educativa de si mesmos. Irmãos queridos que tiveram a coragem de romper as barreiras para erguer grandes núcleos de ação, sem, no entanto, terem força e lucidez o bastante para vencerem suas velhas ilusões.

Estão no serviço ativo. Construíram obras dignas de respeito, mas não conseguiram superar as manifestações prejudiciais de velhos hábitos de seus passados reencarnatórios.

No centro de todas as dificuldades que atingem esses servidores da doutrina, encontra-se o mais antigo e destruidor sentimento de poder.

O sentimento de poder é uma expressão da aspiração humana de progredir. Tem íntima e profunda conexão com o instinto de sobrevivência. É quase um sinônimo de autoestima, a mola impulsionadora do interesse pessoal e do progresso. Poder é existir, é ser. É necessário esse sentimento para construção da alegria de viver e da autenticidade emocional. O ser humano tem que poder viver, poder ter prazer, poder se expressar, enfim, tem que usufruir da força de poder ser quem é.

Sem domínio pessoal e educação emocional sólida, o poder faz terríveis alianças com o ego para suprir carências e vazios existenciais. O resultado disso é a tristeza e a falsidade, doenças milenares da alma.

Uma pessoa triste se distancia de emoções fundamentais no circuito da vida. Uma pessoa falsa é alguém que não quer reconhecer a extensão de sua necessidade nos assuntos morais. Uma mente tomada por essas engrenagens infelizes do poder estagia na ambição, na corrupção dos costumes, na disputa inglória, na soberba intelectual e no narcisismo incontrolável.

A presença desse sentimento de poder adoecido nas relações patrocina o desrespeito, a intolerância, o vício de prestígio pessoal, a mentira e o impulso de domínio, criando uma profunda crise de egoísmo e ilusória autossuficiência.

Nesse contexto, encontramos o que mais deve ser alvo do nosso carinho, respeito e ação. O poder sobre os outros na vida de relação, de alguma forma, supre o desejo interno de domínio. E há duas formas de exercer o domínio: sexualidade malconduzida e destaque pelo cargo. As duas experiências estão presentes no seio da comunidade espírita, na vida dos que tombaram nas armadilhas da vaidade desenfreada.

Infelizes, falsos e tristes! Não é julgamento. É diagnóstico.

Por essa razão, agiremos em favor de todos eles, orientados por esse trecho abençoado do Evangelho do Cristo, em Mateus, capítulo 7, versículos 1 a 5, que tomo a liberdade de ler a todos vocês:

> *"Não julgueis, para que não sejais julgados, porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós. E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu olho? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e, então, cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão."*

Nosso incentivo será para dois focos principais: a amorosidade e a importância da honestidade emocional.

Com a amorosidade como cultura nas organizações, as pessoas serão mais conscientes a respeito de uma rede de fraternidade, colocando a convivência cristã como meta soberana do clima da casa espírita. Um

santo remédio contra o encanto com cargos e referências enganosas de autoridade e força espiritual.

Por sua vez, a difusão da honestidade emocional será inspiração motivacional da autenticidade que deve se tornar o lema de todo espírita nos rumos dos tempos de regeneração.

Acolheremos a todos com incondicional amor.

Temos um mapeamento completo e atualizado que servirá de norte para toda essa década de 2020. Foi feito a partir das próprias ações que já vem sendo desenvolvidas com esforços nem sempre tão produtivos.

O propósito é recuperar a força do humanismo e do ideal de transformação pessoal que vem sendo duramente desmotivado em muitos adeptos, em função das posturas nocivas de vários líderes influentes, dos quais muitos esperam o exemplo e a orientação, e que, lamentavelmente, vem se tornando a pedra de tropeço e decepção.

A tarefa estará sob minha coordenação e da falange servidora de doutor Bezerra, representada por Tranca Ruas das Almas.

Temos uma lista de 1.286 organizações doutrinárias influentes, das quais 85% são de médio e grande porte, que atingem um público entre 500 e 15.000 pessoas por semana em suas atividades. Algumas poucas organizações ficam fora da avaliação apresentada e estão registradas na lista em função do grau de influência de alguns dirigentes que vão além dos limites de sua própria casa, e que desempenham um papel expressivo de divulgação

dos princípios espíritas com palestras e várias formas de comunicação.

Todas elas estão afetadas pelos planos das trevas organizadas em tornar o Espiritismo uma doutrina estéril, uma bolha de espiritualidade, um movimento segregado e institucionalizado, contrário ao dinâmico movimento que passou a experimentar a sociedade depois do surgimento da internet no mundo. São casos graves de obsessão passiva, não visam destruir, visam esterilizar a força do Espiritismo.

As determinações de doutor Bezerra são amorosidade e firmeza para com todos eles. Que tenhamos bons resultados na causa e que nossos esforços possam alcançar melhores resultados.

Axé e paz no coração de todos! Oxalá nos ilumine na missão!

A palestra de Maria Mulambo fez brilhar os olhos de todos nós, tamanha sua sensibilidade e clareza.

Terminada a fala, Salete, sem pensar duas vezes, em um gesto carinhoso, puxou-nos para um canto e disse:

— Pai João, por Deus! O senhor me dê cinco minutos que seja para perguntas, senão minha mente vai explodir.

— O que foi, Salete?

— A fala de dona Mulambo me envergonhou. Eu não me encontro, como ela mencionou, entre aqueles citados que estão preparados para esse tipo de trabalho. O senhor sabe que, se visitar esses dirigentes com vocês, eu vou dar muito trabalho.

— Salete, minha filha, em algumas situações, a melhor forma de limpar a trave de nossos olhos é ajudando o

próximo a enxergar o cisco que está no dele.

— Não sei se consigo, pai. Eu fui ferida, exatamente, por essa hipocrisia. Fui ferida e feri muitas pessoas. Não tive tempo, na vida material, de resolver minhas questões. Estou aqui penando. O senhor, porventura, chamou-me aqui porque pensa em me levar para essa missão?

— Não tenha dúvida, Salete.

— Ave Maria, de novo! Só se for para esganar o pescoço de muitos dirigentes! Perdoe-me a dificuldade, pai.

— Eu a entendo, filha. Era só isso que a angustiava?

— Não, não é. O senhor sabe o quanto eu torcia o nariz para os umbandistas. Eu custo a creditar que acabei de ouvir uma pombagira fazendo uma palestra. Ela é mesmo uma pombagira? Com toda essa sabedoria? Com toda essa elegância verbal e moral? Mesmo tendo mudado bastante meus conceitos depois da visita à Casa Pai Benedito e de meu contato com dona Rosa Caveira[32], ainda não entendo muitas coisas.

— Sim, essa é Maria Mulambo das Almas, graduada a Guardiã da hierarquia dos exus e Pombagiras. Servidora do Hospital Esperança e chefe de ala nesta casa de amor.[33]

— Ah, Pai João! Acho que necessito de maior aprofundamento no tema das pombagiras para que consiga melhorar minhas ideias. Ela é a mesma que se comunicou no terreiro por intermédio da mãe de santo Karina?[34]

— Não. A Maria Mulambo que trabalha com a médium Karina faz parte da falange dessa pombagira graduada que acabamos de ouvir.

— Então, essa guardiã tem uma falange?

— Com milhares de contatos e servidoras. Uma rede extensa de entidades que trabalham sob sua liderança.

— Somente em terreiros?

— E em casas espíritas também, onde ela mesma atua. Embora, em muitas delas, os grupos prefiram designá-las apenas guardiãs.

— Mas são pombagiras?

— Com todas as letras!

— *Tá* vendo! É isso que chamo de hipocrisia dos espíritas. Padre chega à reunião e é padre. Doutor chega à reunião e é doutor. Por que tem de mudar o nome das pombagiras? – manifestou Salete, com irritação.

— Calma, Salete. Vivemos um momento de mudanças no seio da comunidade espírita. Não é apenas hipocrisia. Há outros motivos pelos quais isso ocorre.

— Quais?

— Preconceito em função da falta de informação e pela própria cultura, que, historicamente, trouxe as manifestações das pombagiras para a umbanda e para o candomblé, o que desenvolveu o pensamento de que são entidades que somente se manifestam lá.

Além disso, as próprias formas de se expressarem, com traços de sedução e conteúdos perniciosos e recheados de lascívia e sedução – que tem mais a ver com as médiuns do que com as entidades –, fizeram com que muitos espíritas se fechassem para a possibilidade de permitir que elas manifestassem mediunicamente em suas sessões.

— *Tá* na hora de mudar isso, né, pai?

— Para isso colocamos você em nosso grupo. Colabore conosco.

— Colaborar como, Pai João? Nem morta eu ainda me abri completamente para essa realidade. O senhor me coloca em uma "sinuca de bico", sem saída...

— Faz parte da pedagogia da vida, minha filha, chamar quem tem prontidão, e não os "prontos" para os serviços do bem e do crescimento espiritual.

— Ave Maria no senhor, pai!

— Ave Maria, *muzanfia*! – e demos boas gargalhadas.

— A nossa Maria Mulambo Guardiã foi uma das magas mais notáveis e generosas da Idade Média. Ela foi a própria Bruxa de Évora[35]. Suas servidoras de falange seguem seus passos de muita magia, principalmente em assuntos amorosos.

— Eis uma área da vida em que me afundei. Mais uma razão para tentar entender por que o senhor me traz para um evento desses.

— Você pode não estar pronta, Salete. Tem prontidão, no entanto. Está aberta. Aceitou o tratamento de dona Rosa Caveira, seguindo os impulsos de sua própria dor na mágoa. Não precisa mais do que abrir o coração para esse estado de prontidão a servir e aprender.

— Por acaso, o senhor pretende me levar a algum auxílio a esses dirigentes?

— Não só você, mas também Rafael, Gonçalo e outros companheiros.

— Ouvindo Maria Mulambo, eu tive muita raiva, Pai João. Lembrei-me dos abusos e assédios que sofri dentro do próprio centro espírita. Ouvindo-a falar em amor e humanização para com eles, nem preciso falar da minha indigestão emocional...

— Compreendo seu ponto de vista. Foi muita decepção!

— Se fosse só isso... Por conta desse tipo de gente, minha família inteira sofreu muito. Filhos jovens desapontados, marido traído, mãe ferida e outros dramas. A mágoa é enorme, pai.

— Dirigente espírita é gente, minha filha. E não um ser iluminado.

— É verdade. Acho que nisso o erro foi meu.

— Exatamente. Mágoa surge nas relações quando esperamos demais de alguém ou, então, quando julgamos que aquela pessoa tenha que ser e fazer, em conformidade com o nosso entendimento.

O chamado de Maria Mulambo para auxílio aos dirigentes não exclui o cenário que envolve trabalhadores e demais colaboradores. Tarefeiros aplicados, estudiosos, dedicados a casa, encontram-se muito magoados, e não reconhecem isso. Sentem-se manipulados, passados para trás com mentiras e manobras que não estão preparados para admitir que existem dentro da casa espírita, por parte da liderança. Engolem seus próprios sentimentos a pretexto de paciência uns com os outros. Terminam nos braços da omissão e da mágoa. Outros tantos caem também nos interesses infelizes.

A dor é imensa. Uma profunda decepção, uma quebra interior de fé que nunca imaginou passar um dia, muito menos na sua casa abençoada de trabalhos espirituais. É esse o preço que o trabalhador paga por se iludir com figuras humanas falíveis e repletas de ego.

Nós, que servimos às fileiras da Doutrina Espírita temos que reconhecer nossa condição de doentes espirituais graves. Centro espírita é ambiente de

tratamento e aprendizado, e não um núcleo de gente espiritualizada e com a vida interior resolvida.

Raramente o trabalhador escapa desse tipo de vivência emocional dolorosa. Vai custar caro, mas é o início de uma nova etapa em sua caminhada de educação emocional à luz do espírito imortal.

Por conta disso, alguns perdem o encanto com a doutrina. Outros gastam saliva e tempo tentando arrumar a casa e convencer dirigentes presunçosos e teimosos que não querem mudar. Outros, por sua vez, incendeiam a casa com fofocas, aumentando o tumulto.

Quando somos magoados, a lição que a vida quer nos aplicar é a de identificar, em nós próprios, quais foram as nossas responsabilidades para que aquela mágoa acontecesse. Não é fácil esse capítulo no centro espírita. Quem entende as atitudes pessoais que estão por trás das mágoas é premiado com bênçãos que ninguém imaginaria um dia receber.

— Infelizmente, eu me enganei e não recebi esse prêmio. O senhor tem toda razão ao dizer que quem é magoado tem muito o que aprender.

Eu fui ferida, desorganizei minha família e minha vida por conta de um dirigente que abusou da minha fragilidade. Passei a vida culpando-o e tropecei na descrença em relação à vida e ao próprio Espiritismo.

Sinceramente, se um dia me fosse permitido, eu mandaria um recado a todos os espíritas e diria que corram de lugares onde tem gente assim. Não caiam na cilada dos que se acham espíritos iluminados ou

preparados espiritualmente, nem em almas gêmeas, recurso que muitos usam para seus abusos. Isso é uma mentira, uma ilusão.

Centro espírita é lugar de gente atormentada e, mesmo que a pessoa tenha cara de gente da paz, *tá* perturbada de alguma forma.

Eu falo essas coisas e vai aumentando a raiva. Daqui a pouco, estou xingando todos. Vou parar por aqui.

— Por essas e outras, que queremos você no serviço, Salete. Seu recado será dado ao mundo físico.

— Ah, *tá* bom, pai! Eu vou, mas vão se arrepender, tenho certeza – falou Salete, com um sorrisinho de ironia.

04

A EGRÉGORA ASTRAL DO CENTRO ESPÍRITA

Assim que Salete ficou calada, foi a vez de Gonçalo, que estava muito atento ao diálogo, fazer suas perguntas:

— Pai João, a respeito desse endurecimento de conceitos citado por dona Maria Mulambo, ocorre apenas com dirigentes?

— Não, meu irmão. O foco da palestra foram os dirigentes pelo grau de influência que detêm na seara. Eles são o alicerce de uma casa do Cristo. A proposta de humanização, em verdade, atinge-nos todos.

— Como um projeto focado em humanização pode ajudar aos dirigentes e a nós mesmos?

— Tirando-nos da profunda e milenar amargura decorrente do sentimento de poder. O poder tornou-nos criaturas com uma dolorosa sensação de vazio interior e de indignidade.

A dor de não ser merecedor do bem e do que há de melhor vem dessa ferida aberta na alma, que nos faz sentir abandonados, inferiores e frágeis. Para agravar, camuflamos essas dores emocionais usando de arrogância e prepotência.

Muita razão, pouco sentimento. Muito saber intelectual, pouca humildade no coração. Muito movimento exterior nos campos espíritas, pouco sossego interior na mente.

O sentimento de poder fez-nos escravos de algemas emocionais sombrias.

— Ouvir isso dói na alma, Pai João!

— Eu sei, meu filho. Dói mesmo. Dói porque diz respeito a todos nós. Reconhecer a extensão de nossas vulnerabilidades causa uma sensação muito desagradável e desalentadora. É o preço que pagamos pelos nossos desvios seculares em não ouvir a consciência.

— Só mesmo respirando fundo! Dói e, ainda assim, tenho mais desejo de saber. É somente assim que me acalmo. Falar dos dirigentes me faz sentir que falo de mim.

— Fale, meu filho, compreender melhor lhe fará bem.

— E essa obsessão coletiva? Tantas casas atacadas por essa tática, vem disso? Desse endurecimento de conceitos?

— De conceitos e de posturas, o que é ainda mais grave. Inúmeros líderes da seara, por conta dessa necessidade interior de poder, sentem-se como outrora, legítimos proprietários de dons divinos. Grandiosos e especiais. Fascinados com a parte exterior da obra do Cristo.

Antigamente, exerciam o poder para fora, com base nas conquistas perecíveis que fizeram. Hoje, continuam com o mesmo movimento interno, sentindo-se demasiadamente importantes, essenciais e soberanos com base nos conhecimentos oferecidos pelo Espiritismo.

— Que luta!

— É a nossa luta, Gonçalo. Desde os primórdios.

— Primórdios?!

— Vou fazer uma reflexão para que você possa entender isso melhor. Vamos selecionar aqui, em meu leitor

digital, um trecho para nossa leitura.

“Logo que pôde levantar-se da cama, foi ouvir as pregações naquele mesmo recinto onde insultara o irmão de Abigail pela primeira vez. Os expositores do Evangelho eram, mais frequentemente, Pedro e Tiago. O primeiro falava com profunda prudência, embora se valesse de maravilhosas expressões simbólicas. O segundo, entretanto, parecia torturado pela influência judaizante. Tiago dava a impressão de reingresso na maioria dos ouvintes, nos regulamentos farisaicos. Suas preleções fugiam ao padrão de liberdade e de amor em Jesus Cristo. Revelava-se encarcerado nas concepções estreitas do judaísmo dominante. Longos períodos de seus discursos referiam-se às carnes impuras, às obrigações para com a Lei, aos imperativos da circuncisão. A assembleia também parecia completamente modificada. A igreja assemelhava-se muito mais a uma sinagoga comum. Israelitas, em atitude solene, consultavam pergaminhos e papiros que continham as prescrições de Moisés. Saulo procurou, em vão, a figura impressionante dos sofredores e aleijados que vira no recinto, quando ali esteve pela primeira vez. Curiosíssimo, notou que Simão Pedro atendia-os numa sala contígua, com grande bondade. Aproximou-se mais e pôde observar que, enquanto a pregação reproduzia a cena exata das sinagogas, os aflitos se sucediam ininterruptamente na sala humilde do ex-pescador de Cafarnaum. Alguns saíam conduzindo bilhas de remédio, outros levavam azeite e pão.”

"Saulo impressionou-se. A igreja do "Caminho" parecia muito mudada. Faltava-lhe alguma coisa. O ambiente geral era de asfixia de todas as ideias do Nazareno. Não mais encontrou ali a grande vibração de fraternidade e de unificação de princípios pela independência espiritual. Depois de aturadas reflexões, tudo atribuía à falta de Estevão. Morto este, extinguira-se o esforço do Evangelho livre; pois fora ele o fermento divino da renovação. Somente agora se capacitava da grandeza da sua elevada tarefa."

Paulo e Estevão, capítulo 3, 2ª parte
Lutas e Humilhações.

Tiago foi a porta para que o Judaísmo, com todos os seus vícios religiosos, destruísse os planos da Casa do Caminho[36], que estava alinhada com as genuínas propostas de Jesus.

O centro espírita é composto por homens e mulheres falíveis. Nada de errado nisso. Jesus não procurou pessoas perfeitas para Sua obra. Chamou pecadores, aleijados, obsidiados, enfim... É um hospital para almas enfermas que carregam um vício de prestígio[37], que as leva a se confundirem com a obra abençoada que produzem. Com isso, servem muito à obra, e não edificam, em si próprias, as lições advindas das próprias obras. Essa, em verdade, é a luta de todos nós, com maior ou menor proporção de ilusões acerca de nossa suposta grandeza e importância pessoal. Tudo em função desse vício de prestígio.

Os interesses pessoais de Tiago na Casa do Caminho se confundiam com sua fé nas Escrituras. Em nada

discordamos do apóstolo do Cristo.

— E como acontecem as obsessões coletivas citadas por dona Maria Mulambo?

— A situação espiritual das instituições citadas na estatística não é boa. A maioria se encontra tomada por falanges draconianas com esse propósito de esterilizar os núcleos por meio do que ela chamou de obsessão passiva.

Para se ter uma ideia, em muitas delas, existem repartições das trevas dentro do astral do próprio centro espírita. Permanecem lá essas entidades. Tomaram conta de parte da casa, depois de décadas de conflitos e acordos, em função das brechas abertas por seus próprios dirigentes e por alguns integrantes, no mundo físico.

— Jura, Pai João? Que lamentável! Um local que deveria ser da luz, servindo ao mal? Repartições das trevas dentro da casa espírita? Meu Deus! Só vendo mesmo para crer!

— Você verá, Gonçalo. Visitaremos de perto essa dura realidade. Imagine algo parecido com o que acontece na Terra, onde grupos invadem terras que não lhes pertencem, tomam posse daquilo que não lhes é devido. É muito similar o processo.

— Revoltante pensar nesse tipo de exploração dentro de uma casa de respeito e amor. Confesso que, se não fosse o senhor falando, eu, definitivamente, duvidaria. Ao contrário de Salete, mesmo não me sentindo também pronto para ver isso de perto, quero ingressar nessas equipes. A vontade de conhecer essa realidade me fascina e motiva.

— Não será uma cena agradável, Gonçalo. Entretanto, incentivo seu propósito. Há de se ter muita bondade e vigilância para tomar contato com esse contexto.

A Terra é um hospital e uma prisão, meu filho. De alguma forma, muitas organizações terrenas, não só esses centros espíritas citados, encontram-se nessas condições, em função da presunção e da ambição, da má vontade e do egoísmo que homens e mulheres carregam em seu coração.

As instituições do mundo físico formam um piso astral para que se ergam as mais estranhas e diversas formas de cooptação, isto é, uma adaptação forçada com base em imposições e acordos nascidos do contato entre os que se encontram na matéria física e aqueles que estão fora dela.

Acordos para uso, explorações, contratos de cessão, comodato, arrendamento e outros trâmites são estabelecidos nesses locais, e o que envolve cada uma dessas negociações sempre diz respeito ao papel que desempenham os dirigentes e colaboradores. Eles são o alvo principal em função das responsabilidades que assumem perante tais organizações.

— Como se encontram, na prática, as 1.286 casas citadas por ela?

— Em estágios mais avançados. Estão a caminho da esterilidade de afeto nas ações e nos propósitos ligados ao bem maior.

— Pode explicar isso melhor? Quer dizer que fazem o mal, mais do que o bem?

— Não, Gonçalo. Apenas não fazem todo o bem que poderiam caso desejassem avançar. São organizações

ativas, promotoras do bem, mas que possuem todos os ingredientes para solidificar, cada dia mais, a acomodação no processo incessante da espiritualização de seus condutores e até mesmo de quem frequenta a casa.

Assim como aconteceu com o Catolicismo, esses núcleos correm o risco de ficar com um Espiritismo na estrutura, e seus condutores e frequentadores, com o cérebro recheado de teorias e informações que suscitam neles a sensação de possuir o saber espiritual e de poder transmiti-lo exclusivamente de intelecto para intelecto. Uma agremiação especializada em informar em vez de gerar pessoas transformadas e inspiradoras de um mundo novo e melhor.

São entidades que não se reciclam, que não querem abrir mão do que acreditam e que, por esse motivo, travam todo projeto que poderia colocar essas agremiações na rota do futuro, relativamente à capacidade social do Espiritismo.

Não avançar, para quem tem tão precioso tesouro nas mãos como a Doutrina Espírita, já é esterilidade e tropeço. São celeiros repletos de alimento para a alma, mas tal alimento está acondicionado e estocado em recipientes não apropriados para garantirem durabilidade e manutenção dos ideais. Recipientes em que sementes valorosas, que trariam grandes benefícios, podem facilmente apodrecer.

— Pode tornar mais claro que tipo de conduta faz esses celeiros serem tão inadequados e improdutivos tanto quanto poderiam ser?

— Primeiramente, como já citamos, o endurecimento de conceitos. Vivemos um tempo no planeta em que qualquer aprendizado, seja em que área for das atividades humanas, vai requerer ousadia para reaprender, fazer de outro jeito, recomeçar de forma diferente. O que vai exigir desapego de projetos e objetivos.

Em segundo lugar, algo bem mais grave, como já citou dona Mulambo. A falta de uma profunda honestidade emocional que permita a expressão da autenticidade em nível mais abrangente possível. Sem autenticidade, a tristeza e a hipocrisia fazem estragos gradativos na vida desses dirigentes e de todos que com eles convivem.

Em terceiro, a ausência da amorosidade. Laços de afeto criados para expandir a criatividade, o respeito, a melhoria das ideias, o sentido de grupo, a formação de uma convivência educativa e sustentadora da segurança para todos.

E em quarto lugar, como efeito natural dos três primeiros pontos, o fato de não aprender a identificar suas obsessões pessoais nos assuntos que ainda são vulneráveis na própria conduta.

— Nossa! – Gonçalo fez uma cara de espanto.

— O que foi, Gonçalo?

— Ouvindo isso, tenho novamente uma sensação de dor. E mais cem perguntas saltam na minha mente, e não sei por onde começar!

— Eu mesmo começo, meu filho. Vamos lá. Sobre essas obsessões, por exemplo...

— Ótimo, comecemos por aí, pai.

— Por conta desse endurecimento emocional, os dirigentes não admitem que são alvos de obsessão. Isso já é suficiente para gerar devastadores problemas na parte astral do centro espírita.

Esse gênero de obsessão passiva não está na classificação mais usual e conhecida. Ela se faz sutil e gradativamente. Aos poucos, os adversários do trabalho vão disseminando ideias que os dirigentes assimilam, mas que, num primeiro momento, resistem em aceitar porque confrontam com sua forma de entender os princípios espíritas. Mas esse grupo dos Dragões é especialista em vida psicológica e estuda, com paciência, quais são as defesas criadas pelos dirigentes para não aceitarem suas ideias e, depois, desenvolve métodos e caminhos para minar essas resistências.

E as duas áreas em que os dirigentes mais tombam, como mencionou nossa palestrante, são o encanto com cargos e a sexualidade malconduzida em função de uma afetividade mal orientada. Duas das mais atraentes iscas para atolar alguém nos porões prisionais do sentimento de poder.

Não há ética e vigilância que resistam a essas duas armadilhas, quando não se usa de honestidade emocional e amorosidade como recursos urgentes de defesa.

A honestidade emocional promove um desejo de contínuo reaprendizado e liberta da autoimagem de arrogância. A arrogância é parceira de cargos e destaques.

A amorosidade constrói relações que servem de âncoras de segurança e fortalecimento contra os

descuidos do pensamento fixo nas interpretações individuais e nas ideias que adulteram os ensinos do Cristo, portas pelas quais facilmente penetram os ataques da maldade. Pensamento fixo é um tampão contra os chamados da consciência, gerando um autoengano na mente que cria a permissividade e o abuso com nomes elegantes como “somos almas gêmeas”, “temos velhos laços do passado”, “nessa vida, não consigo resistir aos meus impulsos”, e outras víboras da vida mental que levam aos despenhadeiros da sexualidade atormentada.

Entretanto, o caminho de boa parte dos espíritas não tem sido o da amorosidade e honestidade emocional, como medidas de vigilância e alerta. Muitos se isolam em meio da multidão sem criar relacionamentos sólidos, são excessivamente autoconfiantes, acreditam demasiadamente no conhecimento adquirido em anos de Espiritismo e viajam mentalmente em muitas informações mediúnicas recebidas a respeito de suas missões, tomando isso como um aval indiscutível para continuarem fazendo o que fazem, e do jeito que fazem.

Têm dificuldade de aceitar questionamentos de alguém, tornam-se administradores do centro espírita e se esquecem de ser irmãos de caminhada ou aprendizes da escola do bem. Colocam sobre os ombros a fascinação de missões gloriosas, com as quais acreditam que vão se redimir de velhos erros do passado. Fazem isso utilizando o canto das sereias que ouvem da sua própria razão, distante do que sentem verdadeiramente.

Tornam-se criaturas distantes do convívio salutar com todos, perdem a simpatia, acabam por ficar isolados e tristonhos e são centralizadores de todos os processos. São alvo de energias enfermas e de maledicência em função da postura soberba. Isso se torna um alimento ainda mais indigesto às suas próprias lutas morais. E a pior parte é que se acostumam com a ilusão de ser o que não são, mantendo imagens para o público que, em nome de uma tolerância omissiva, aceita esses padrões.

Muito fácil tornar-se uma presa das trevas nessas condições em que se somam arrogância pessoal e distância de amizades legítimas.

E é isso que acontece. As trevas não visam eliminar a instituição, mas sim adoecê-la, colocando limites dessa ordem em quem a dirige, que se torna, infelizmente, um parceiro indireto das próprias trevas no mundo físico.

— Pare um pouquinho, por favor!

— O que foi, Gonçalo?

— Deixe-me recuperar do susto. É muito para minha cabeça. Preciso digerir isso. Assim como Salete, sua clareza na exposição dos temas me atinge também. Quase que sinto vigorosa aversão em pensar nisso.

— Tudo bem, meu filho. Compreendo seu sentimento. É de se lamentar mesmo. Vou dar outro foco no assunto para encerrá-lo e voltarmos ao trabalho.

— Faça isso, meu pai! O choque emocional está grande aqui dentro da cabeça e do coração.

— É por essa razão que essa tarefa é entregue aos exus.

Somente eles conseguem, por meio de magias e acordos, penetrar nessas agremiações e realizar algo

de útil e meritório em nome da proteção. Eles têm muita autoridade nesses locais.

Tem ficado cada vez mais complexo adentrar o astral dessas casas espíritas, porque os posseiros, aqui entendidos como aqueles que tomam posse, que se apropriam indevidamente de espaços que julgam serem seus, por conta do acesso que conseguem no centro espírita, dificultam nosso acesso. Esses filiados a falanges dos Dragões ou outros posseiros astrais não são fáceis e são muito violentos.

Um lugar do bem loteado pelos Ciganos é um cenário triste. Eles arrebanham os vampiros, larápios, viciados e doentes mentais que acompanham os frequentadores dos centros, e que poderiam ser socorridos se não fosse o loteamento. Como os Ciganos providenciam remédios, alimentos, vacinas, drogas, entre outros itens, para mantê-los cativos, não é exagero dizer que, dentro de muitas dessas casas citadas, vocês verão cenas que lembrarão locais do mundo físico como cracolândias, zonas de meretrício, esconderijo para espíritos em fuga, taperas onde dormem espíritos desorientados, pequenos restaurantes para quem deseja comida física, e tudo o mais que se possa imaginar envolvendo as necessidades de quem saiu da vida física, mas não abandonou a rotina da vida na matéria.

— Pai João do céu! E tudo isso por conta desses... – e Gonçalo desejou usar uma palavra infeliz, mas voltou atrás – desses dirigentes e de companheiros afinados a eles?

— Gonçalo, você verá de perto o cenário.

Não será impróprio chamar tudo isso de um quadro de vulnerabilidade social no astral do centro espírita. De fato, tudo começa por conta desse modelo tão monopolizador e frágil, que permite tanto poder de decisão e autoritarismo.

No entanto, outros fatores vão somando-se a esse, e seria injusto colocar responsabilidade total neles. Existem grupos de pessoas que tendem a fazer coro com essas situações em suas ideias. Ajustam-se ao jeito de ser de quem comanda e nada fazem para alertar ou mesmo ponderar outros pontos de vista.

São também responsáveis, porque, se não caem nas mesmas armadilhas dos dirigentes, tombam na fofoca, que não é um caminho útil, mas costuma ser o que mais fazem em torno desses líderes. Outros preferem o afastamento uma vez que não são ouvidos. E ainda existem aqueles que adoram uma fatia de poder e se organizam com esses dirigentes, formando células de domínio.

Não nos compete julgar a quem quer que seja. Todo esse conjunto de ações contribui para que o clima astral das casas chegue a esse ponto e fique insustentável.

Há outras causas que fazem com que esse tipo de situação piore. Por exemplo, uma pessoa que tenha um problema mais grave e que vá a uma casa espírita que apresente esse tipo de situação poderá, embora atendida no passe, na palestra, tornar-se vigiada e usada de alguma maneira por um grupo que, tendo os mesmos problemas que ela, esteja estabelecido naquele local.

— Mas como fica a proteção nesses lugares? Não há como impedir a entrada desses espíritos ruins?

— Eles não entram, Gonçalo. Já estão lá. Algumas casas já foram invadidas em suas dependências para fins contrários ao bem.

— Como pode isso, Pai João?

— Pode sim, meu filho. Há casos em que os dirigentes e outros integrantes do centro se envolveram com comportamentos irresponsáveis. Por exemplo, temos uma casa dirigida por um ex-dependente que se limpou, mas continua com sérios laços com essas falanges. No caso em questão, o dirigente fez acordos com "mentores" para atender dependentes químicos. Achou que essa era sua missão. Mas acordos foram feitos no mundo espiritual, sem conhecimento dele. Ele prosseguia na sua caminhada de abrir mão do vício, sem saber que os posseiros permitiam a outras entidades "assessorarem" pessoas que procuravam o centro com problemas nos vícios.

— Assessorarem? O que isso significa?

— Tomarem posse, fazerem acordos para as usarem, de conformidade com propósitos escusos ligados ao vício.

— Ah, Pai João. Desculpe-me mil vezes. Mas não dá para acreditar nisso! Como imaginar um centro espírita tomado dessa forma no astral?

— Não é no astral, Gonçalo. É no plano físico mesmo. Vamos supor que, numa dessas casas, o dirigente, ou um dos coordenadores da casa, tenha sido um dependente químico que já está limpo há anos e criou um espaço de auxílio para *drogaditos*, uma organização de amparo no bem com recursos de várias fontes e até do governo. No entanto, formou-se, dentro da casa, uma rede de

corrupção, da qual nem ele tem conhecimento. Doações estão sendo desviadas e o clima está comprometido. O fato é ignorado pela maioria dos trabalhadores e por todos que lá frequentam. Vai estourar a notícia e tudo vai ruir. Falanges do mal introduziram infiltrados seus no trabalho do bem, e o resto você deve imaginar. O trabalho pode ficar assim por muito tempo ou uma hora a verdade vem à tona e tudo pode ruir.

— E é um centro comum, como qualquer outro?

— Sim, como qualquer outro. Com palestras, passes e tudo mais. Nesses casos, misturam-se lá trigo e joio, em aparente comunhão.

— Mas nem o dirigente sabe? Como? Estão traindo-o?

— Trabalho que é fruto de uma quadrilha. Como a organização pode estar favorecendo comunidades próximas, há uma ingerência. Desejam acabar com a organização espírita. A raiz das falanges, que se estendem no plano físico, chega a enviar para lá falsos dependentes para participarem da casa e assumirem, pouco a pouco, as tarefas e, depois, fazerem parte do grupo.

Criadas as brechas entre os encarnados, a quadrilha vê a "oportunidade" de ganhar recursos financeiros. Uma pequena interferência em quem recebe as doações basta para extraviar e forjar documentos, comprovando a doação. Complexo o caso.

— Mas e se esse dirigente descobrir e quiser acabar com tudo?

— Vai sofrer horrores, porque a própria capacidade dele de superar o vício veio de um acordo feito por advogados espirituais, o tal "mentor", que retiraram dele as obsessões cruéis em troca de construir esse tipo

de espaço, mas sem ele saber. Na sua cabeça, ele criou um local abençoado que faz o bem, no entanto, a malha astral de antes, de quando ele usava drogas pesadas e destruidoras, nunca deixou de fazer parte da estrutura astral, paredes adentro do centro espírita.

— Meu Jesus! Que perigo isso, pai!

— Olhar por dentro de um local assim é algo muito chocante mesmo!

Uma igreja mercenária, uma empresa de fachada para ocultar operações ilícitas ou outra qualquer instituição que se ergue com aparências sociais de cooperação e licitude podem enganar o mundo físico, temporariamente. Entretanto, em suas expressões vibratórias, são canais de marginalidade e destruição.

— Mas é nesse nível de problemas que se encontram essas 1.286 entidades espíritas?

— Não. Esse caso é raro e exige uma performance bastante diversa no terreno da ação defensiva. E ainda existem outros em que os temas envolvem corrupção de patrimônio físico, quando o dirigente passa para seu nome bens que recebe como doação para o centro, e outras situações críticas que nem vou comentar por se distanciarem demais dos nossos propósitos, envolvendo ideologias políticas. Infelizmente, há casos em que marginais usam o próprio Espiritismo com fins lamentáveis.

Casos muito particulares. Essas casas nem sequer podem ser computadas dentro da estatística.

— E no que diferem dos centros espíritas mencionados por dona Mulambo?

— A grande maioria deles ingressara nas estatísticas em função da conduta pessoal de seus trabalhadores, como afirmou dona Maria Mulambo. Especialmente, em função da afetividade mal dirigida no campo do sexo e do delírio por cargos, decorrente do sentimento de poder.

— Quanto mais o senhor fala, mais descrente eu fico! Perdoe-me por me sentir assim.

— Mas não precisa acreditar, meu filho. Agora não. Estou apenas preparando as reflexões para os cenários que verão à frente. Somente com visitações locais, você conseguirá conteúdo substancioso para formular a crença isenta e realista.

— Eu jamais imaginei situações como essas em uma casa de Deus!

— Sim, o centro espírita é uma casa de Deus. Por isso mesmo, nossos esforços são no sentido de amparar e socorrer, mesmo com tantas lutas a vencer.

Você traz do mundo físico a ilusão de que centro espírita é um lugar santificado. Centro espírita é campo de luta, pronto-socorro de almas muito adoecidas. Existe ordem, disciplina e elevação, mas o contexto astral de qualquer casa espírita é marcado por desentendimentos, brigas, gritos, dor, perturbação, interesses pessoais, grosseria, violência, tumulto, agitação e muita loucura.

Fala-se muito que a Terra é uma cópia do astral. O inverso também acontece. No Evangelho de Mateus, capítulo dezoito, versículo dezoito, tem uma explicação clara para isso quando Jesus afirma que, o que for ligado no plano físico será ligado no plano espiritual, e tudo o que for desligado lá será

desligado aqui. Assim como a Terra copia o plano espiritual, o que acontece na Terra também determina o astral.

Temos hoje, no Brasil, mais de vinte mil organizações espíritas, portanto, aquelas citadas por dona Mulambo representam uma faixa de aproximadamente seis por cento. A preocupação da Ala dos Exus em enviar socorro mais organizado e intenso se dá porque tem surgido um grupo crescente de problemas.

Até 1980, essa percentagem não ultrapassava 2%. A abertura de ideias, a mudança social provocada pela internet, o desentendimento na convivência provocando abertura exponencial de novas casas, os hábitos humanos radicalmente transformados, e outros fatores, trouxeram-nos o aumento dessa realidade astral nos centros espíritas.

A moral evangélica é pregada, mas não sentida. O estudo é dirigido para a informação e não para a transformação.

E o serviço em favor do próximo tomou dimensões muito diferenciadas, afastando-se da postura de servir, promover e amar. Muitas vezes, entram em foco os conceitos de queima de carmas por parte de quem é assistido, e os esforços em favor do semelhante são para abrandar a sensação de culpa. A caridade, nesses grupos, perdeu a seiva do amor e tornou-se uma atividade a mais para muitas pessoas.

Infelizmente, recriam-se cenários puramente assistencialistas dentro do centro espírita. Temos bons religiosos, mas, por dentro, somos seres humanos envolvidos em nossas próprias dores

interiores, fazendo muito pouco pelo bem de nós mesmos. Quando me refiro às nossas vivências na religião, o faço com muita gratidão e respeito às nossas experiências dentro delas.

Ainda prevalece a religião exterior e o desassossego no coração. E esse é um campo vibracional fértil para a falsidade e para a tristeza. Ao invés da alegria e da transparência, da humildade e da simplicidade, encontramos, com frequência, a falsidade, a bondade de verniz e a formalidade com mais valor que a espontaneidade dos gestos nos relacionamentos. Onde a amorosidade na convivência entre os trabalhadores espíritas?

Essa atitude entre homens forma o piso vibratório dos centros espíritas. Essa interligação, esse fluxo e contrafluxo de forças, essa ação e reação, é o que determina a qualidade astral dos ambientes astralinos.

Vamos encontrar uma referência muito rica sobre o assunto na mensagem do Doutor Barry, em A Gênese, de Allan Kardec, capítulo 18, item 9:

> *"Uma coisa que vos parecerá estranhável, mas que por isso não deixa de ser rigorosa verdade, é que o mundo dos Espíritos, mundo que vos rodeia, experimenta o contrachoque de todas as comoções que abalam o mundo dos encarnados. Digo mesmo que aquele toma parte ativa nessas comoções. Nada tem isto de surpreendente, para quem sabe que os Espíritos fazem corpo com a Humanidade; que eles saem dela e a ela têm de voltar, sendo, pois, natural se interessem pelos movimentos que se operam entre os homens. Ficai, portanto, certos*

de que, quando uma revolução social se produz na Terra, abala igualmente o mundo invisível, onde todas as paixões, boas e más, exacerbam-se, como entre vós. Indizível efervescência entra a reinar na coletividade dos Espíritos que ainda pertencem ao vosso mundo e que aguardam o momento de a ele volver."

O poder de influência do mundo físico sobre o espiritual é algo que merece muita atenção. Culturalmente, convencionou-se a pensar na influência dos desencarnados sobre o mundo físico. Sabemos como isso é forte e impactante.

As leis que regem a física quântica[38], porém, fazem-nos ampliar muito os conceitos, porque o mundo dos chamados vivos é tão influente sobre a parte invisível quanto se imagina.

O que os homens chamam de egrégora[39] é uma clara manifestação da identidade energética de locais e aglomerações. Um estádio de futebol tem sua egrégora, um prédio público tem e até mesmo uma avenida movimentada.

A egrégora do centro espírita é formada, sobretudo, pelas emanações vibracionais dos que o dirigem e dos que nele trabalham. Expressam o teor energético das atitudes de cada um. Mesmo não sendo formada apenas pelas vibrações dos dirigentes e coordenadores, ficam "impressas", nessas organizações, o modo de pensar, as regras e as condições estabelecidas pelos encarnados. A responsabilidade na formação da aura energética – egrégora – de um centro espírita, por essa razão,

está sob a total responsabilidade do que eles moldam no grupo.

Compreendeu, Gonçalo?

— Em parte. Mas nem sei mais que pergunta formular. Estou com um "nó" na mente. Esses esclarecimentos, ao invés de melhorarem meu raciocínio, pioraram – respondeu com bom humor.

A conversa continuava muito salutar. Rafael, Baixinho e Salete apenas ouviam, até que ela, com um olhar que misturava gozação e susto, disse-nos:

— Pai João, acho melhor pararmos por aqui, senão vou ter um colapso mental pior do que o de Gonçalo. Só tenho a certeza de uma coisa. O senhor vai se arrepender de me levar nessas visitações.

Rimos todos da fala de Salete. Muito compreensível e justa.

Depois da palestra abençoada e do diálogo esclarecedor, o trio, Gonçalo, Salete e Rafael, passou a realizar entrevistas com exus e pombagiras que serviam a esse tipo de tarefa, a fim de se preparar para as excursões de socorro que fariam aos dirigentes e demais trabalhadores da seara.

É um equívoco considerar todos os centros espíritas como lugares sagrados, à parte da humanidade. Não é local de santos, e sim de espíritos enfermos em busca de recuperação. Estão muito mais para um centro ambulatorial de "hemodiálise" energética-espiritual do que para um ambiente de iluminação. Os que mais permanecem dentro dele são os que mais dependem dessa limpeza energética-psíquica-espiritual. Quando acontece a "santificação" de superfície, ela é o resultado da ausência de honestidade emocional.

A egrégora de uma casa espírita com Jesus deveria ser um palco resplandecente de humildade, um efeito da maior transparência possível de seus condutores e trabalhadores. Está mais para um hospital com doentes mais dispostos a recuperarem sua saúde interior.

Não necessitamos de ficar nos martirizando e falando das chagas que carregamos. Basta-nos não aceitar os confetes vindos de fora, que alimentam a vaidade e a ilusória superioridade. E, acima de tudo, não aceitar os que vêm de nós próprios nos arroubos lamentáveis da vaidade e do narcisismo descontrolado.

Dirigentes e trabalhadores espíritas com Evangelho expandem brilho a casa com testemunhos de honestidade emocional, reconhecendo, expressando e contagiando a todos com exemplos de humildade a respeito de sua condição espiritual ainda repleta de sombras a vencer. Uma egrégora de autenticidade magnetiza almas aflitas, convence os incrédulos e incentiva os desanimados.

Sem dúvida, a lembrança a respeito da Casa do Caminho é uma advertência para todos nós em qualquer tempo:

> *"Saulo impressionou-se. A igreja do "Caminho" parecia muito mudada. Faltava-lhe alguma coisa. O ambiente geral era de asfixia de todas as ideias do Nazareno. Não mais encontrou ali a grande vibração de fraternidade e de unificação de princípios pela independência espiritual. Depois de aturadas reflexões, tudo atribuía à falta de Estevão. Morto este, extinguira-se o esforço do Evangelho livre; pois fora ele o fermento divino da renovação. Somente agora se capacitava da grandeza da sua elevada tarefa."*[40]

05

PROTEÇÃO DOS EXUS AOS VÍNCULOS ESPIRITUAIS DE EDGARD ARMOND

Alguns dias após a palestra abençoada de Maria Mulambo, equipes especializadas prepararam novos colaboradores. Foi estabelecido um plano muito organizado para auxílio àquelas casas que ofereciam bênçãos de paz a multidões, nas quais seus trabalhadores da linha de frente guardavam a mente fervilhando de desequilíbrio e dor.

O trabalho para ampliar a proteção às 1.286 agremiações era gigantesco, rico de detalhes e cuidados particulares.

Nossa equipe era apenas uma entre centenas de outras. Composta por Baixinho, Gonçalo, Salete, Rafael, eu e mais quinze operadores de magia que respondiam pela hierarquia dos exus, foi destacada a prestar serviços a um grupo enorme de organizações que desenvolviam um extraordinário programa de ação, sob tutela do respeitado Edgard Armond.[41]

A egrégora espiritual de Armond é organizada por muitas correntes hierárquicas do mundo espiritual, sobretudo, os Cruzados. Várias Fraternidades entrelaçavam-se no trabalho notável e orientador a respeito dos estudos da Doutrina Espírita e do Evangelho de Jesus.

No plano físico, a obra de Armond foi, sem dúvida, uma das mais ricas contribuições à solidificação dos conceitos espíritas em terras brasileiras. Não será exagero afirmar que foi o primeiro ensaio sistematizado de estudos do Espiritismo, iniciado em plena década de 1950.

Seus laços com doutor Bezerra de Menezes, desde outras vidas, mantiveram-se após o desencarne. Ele próprio, fundador de núcleos abençoados de Espiritismo, trabalhava agora com grande empenho pelo projeto de humanização proposto por doutor Bezerra, especialmente junto a esses grupos que respondiam aos *Códigos do Trevo*[42], um emblema que representa a parte magística das escolas de estudo dos Templários.

Entre as centenas de grupos que adotaram a bandeira da Escola de Aprendizes[43], inspirada por Armond, encontravam-se alguns grupos nas condições citadas por dona Maria Mulambo. Esses grupos estavam sob nossa responsabilidade. Eram 57 casas entre as citadas no projeto de visitação especializada proposto por doutor Bezerra à Ala dos Exus.

A simples notícia de que faríamos uma assistência mais direta a esses grupos e a possibilidade de contato com o Edgar Armond, foi recebida pelos nossos alunos como algo muito gratificante e estimulador.

E assim aconteceu. Antes mesmo de nos empenharmos nos serviços mais diretos junto ao mundo físico, ele veio até nós em um gesto de bondade espontânea de sua parte.

O encontro se deu em uma tarde no Hospital Esperança, quando ele apareceu em meio a uma de nossas reuniões, surpreendendo-nos todos ao bater na vidraça da porta.

— Uma boa tarde a todos! Posso entrar?

— Armond, seja muito bem-vindo! Entre, por favor – e trocamos um abraço muito caloroso.

— Pai João querido, perdoe-me a intromissão. Sei que estão trabalhando.

Depois de cumprimentar todos com uma clara manifestação de carinho, deixando Salete emocionada por vê-lo, ele falou

com muita simplicidade, demonstrando conhecimento dos planos de ação da Ala dos Exus.

— Tomei conhecimento de que o senhor e sua equipe farão visitações a alguns de nossos grupos.

— Sim, Armond. Afinamos nossas iniciativas com o projeto de humanização e, a pedido de doutor Bezerra, atenderemos de perto à Casa do Perdão[44] na grande capital, entre outras entidades inspiradas em seu projeto abençoado.

— Sou muito grato ao Hospital Esperança, especialmente à Ala dos Exus, pelo que já fazem pelas nossas casas que se organizaram em torno do projeto da Fraternidade dos Discípulos de Jesus (FDJ)[45]. Vejo essa nova etapa de assistência mais especializada como um instante muito decisivo de iluminação espiritual.

— Sente-se, irmão Edgar! – Rafael, com muita alegria, ofereceu-lhe uma cadeira.

Todos estavam encantados com a visita do companheiro, que queria conhecer mais informações sobre o que seria feito junto à Casa do Perdão, entidade ligada à União Fraternal[46], um dos braços da Fraternidade.

— Armond, estávamos avaliando os detalhes de ação para, em seguida, marcarmos algumas reuniões com suas equipes mais vinculadas aos serviços das organizações ligadas ao trabalho das Escolas.

As falanges dos Cruzados e índios, especialmente, já são parceiras conhecidas de outras iniciativas do nosso trabalho. O projeto de doutor Bezerra está no entorno do que já é feito por essas fraternidades ao longo de décadas.

Nossa colaboração será mais junto aos líderes e trabalhadores da linha de frente, objetivando proteção e advertências a respeito de suas vulnerabilidades, que abrem largas portas para as investidas dos Dragões.

— Eu tenho consciência disso, Pai João. Realmente, muitos amigos queridos que erguem a bandeira de nosso ideal na Aliança Espírita Evangélica e na União Fraternal, entre outras entidades afins ao nosso projeto de Escola, estão se desviando de seus chamados conscienciais e sendo atraídos pelos velhos ímpetos que ainda habitam em nós, desde a sociedade do trevo sagrado dos Cruzados.

Tenho informações sérias e graves sobre os desvios que atingem a corações muito queridos ao meu.

— A luta é a de sempre. Qual de nós não corre o risco de se perder nesses desmandos, não é mesmo?

— Tem toda razão. Mudando nosso assunto, quem são os irmãos queridos que estão estudando o planejamento? – indagou, educadamente, Armond, desejoso de conhecer nossos integrantes.

Depois que todos foram apresentados, o próprio Armond se colocou à disposição para prestar informações, caso tivessem alguma curiosidade.

Salete não perdeu tempo, e indagou:

— Bem, eu queria fazer uma pergunta, mas, antes, quero dizer que estou trêmula de emoção. Conhecer e poder abraçar o senhor, aqui, é algo que não tenho como definir. Eu li praticamente tudo de Edgard Armond, embora não pertencesse aos seus grupos abençoados.

Sou uma apaixonada pelo livro *Exilados de Capela* e pelo *Mediunidade*[47]. Logo que aqui cheguei, já tomei conhecimento da existência deles e os tenho como fontes de orientação e estudo.

Perdoe-me por minha pergunta, pode ser inconveniente, mas queria muito saber como se sente um homem que deixou um patrimônio espiritual tão valoroso no mundo físico?

— Sinto-me com muita vontade de comunicar aos meus seguidores o quanto é enganoso pensar que o estudo e a aquisição cultural são suficientes para a conquista da tão sonhada paz de espírito.

Defendi ardentemente o estudo, o trabalho e a reforma íntima, e eu mesmo não alcancei todos os benefícios que podia com tudo isso. Só não tive problemas graves porque sempre prezei os avisos da minha consciência.

Reconheço o valor do que deixei e a virtude daqueles que continuaram a obra, mas, se pudesse, recomeçaria de outra forma.

— Acho que vou ser novamente inconveniente. De que forma recomeçaria?

— Salete, não se incomode em perguntar. Não há nenhuma inconveniência. Seja direta, é como eu gosto e prefiro. Faz bem o meu estilo. Até porque, sei que o querido Pai João sempre faz seus registros e, oportunamente, poderá, quem sabe, transmitir ao mundo físico o meu sentimento. Algo que seria para mim um grande presente. Poder expressar-me por médiuns fora da organização, com maior neutralidade no texto mediúnico.

Eu recomeçaria, primeiramente, com um método que não motivasse tanto o apego à hierarquia por meio da cultura espiritual e do trabalho, e sim por meio de relacionamentos fraternos e transparentes.

O verdadeiro Servidor e Discípulo[48] da Escola de Aprendizes deveria ser reconhecido pela simpatia, pela humildade, pela habilidade em incentivar os talentos alheios, pela cordialidade de suas palavras e pela amorosidade. Esse é o lema pelo qual vamos todos trabalhar no projeto de doutor Bezerra.

De fato, todas essas recomendações estão contidas na própria ordem dos temas da Escola, embora a didática necessite urgentemente dessa atualização para continuar colaborando com os conteúdos nos dias atuais.

Há várias décadas, no tempo em que foram desenvolvidos esses conteúdos, o próprio cenário social e moral da comunidade espírita era outro. Não me envaideço de dizer que conseguimos desenvolver um projeto inovador e fora do seu tempo.

Estudo, trabalho e, acima de tudo, reforma íntima como objetivos essenciais nas diversas escalas da Escola. Hoje, acrescentaria a palavra de ordem: relacionamentos libertadores.

A partir da década de 1980, para ser mais exato, chamei muito a atenção de todos os grupos para a importância de agregarem novos conteúdos, objetivando a reforma íntima, focados em emoções no uso da caderneta.[49]

Falar de emoções é destinar os conteúdos para o tema central, que ainda não é tão contemplado

quanto deveria: a convivência. O tema já existe, falta o foco.

No entanto, os caminhos criados na prática ainda são sufocados pelas condutas de muitos companheiros que endureceram seus corações, tornando o caminho áspero e repleto de desafios, com muita rigidez, regras e hierarquias. Algo que atendeu nas décadas iniciais do projeto, até meados dos anos oitenta, e hoje é um desafio a ser superado.

Os próprios líderes do projeto precisam se reciclar. Não estou aqui fazendo qualquer julgamento. Ao contrário, são heróis por manterem a obra viva. Lamento, porque, em muitos casos, eles próprios não usufruem da bênção do próprio alimento que distribuem. Mesmo assim, as Escolas de Aprendizes promovem bênçãos no caminho de todos.

Outros que surgiram, como a União Fraternal, inspirados no mesmo projeto da Escola de Aprendizes, são grupos com compromissos severos adquiridos nos tempos dos Cruzados, mais particularmente, envolvendo a história do Rei Ricardo, Coração de Leão. Em nossa alma o rigor filosófico e o abuso de poder já caminham juntos há vários séculos.

Mas sem me alongar demais, Salete, eu supriria a aura de hierarquia com a mais rica amorosidade em todas as Escolas. A convivência fraterna, transparente, autêntica e valorosa acima de qualquer lema. Relacionamentos cristãos são a prova aferidora do estudo, do trabalho e da própria reforma íntima.

Mais amor sem abandonar a instrução. Mais amizade sem a vaidade em mudar de graus. Vejo perfeitamente como isso poderia ser feito.

— Sua resposta me toca profundamente, irmão Edgar!

— Meu compromisso com esses grupos ainda não se encerrou. Razão pela qual esse socorro especializado também toca profundamente minha alma. Espero que consigamos ótimos resultados com os nossos companheiros da linha de frente. Seguirei com fidelidade as recomendações de doutor Bezerra de Menezes.

Sinto-me ainda muito responsável por não ter sido um exemplo de amorosidade e humildade nesse campo da vida prática. Minha alma, ainda portadora de resíduos de disciplina excessiva, impediu-me de experimentar mais ternura e bondade quanto poderia.

Confundi cultura com dureza de princípios. Salvei-me porque fui fiel à moral do Evangelho. A própria obra, incentivada pelos planos espirituais, foi boa a mim mesmo, antes de tudo. E é nesse ponto que lamento por alguns dirigentes e colaboradores que estão tombando em velhas armadilhas do comportamento radical e da não transparência na conduta.

Edgard Armond falou, com a voz embargada, essas últimas palavras, e ficou em silêncio por alguns minutos. Uma forte sensibilidade invadiu o coração de todos ali presentes, levando-nos também ao silêncio.

Era como se cada um mergulhasse em reflexões urgentes e necessárias. Percebendo o efeito que causou em nós com sua

transparência e leveza, assim que recobrou a emoção Armond completou:

— O poder é nossa doença nos trabalhos em grupos.

Sempre tivemos os bombardeios infelizes das trevas ao nosso projeto. Naturalmente, em função desses compromissos de outrora, ainda temos uma vibração astral pesada sobre a aura dos nossos trabalhos, em decorrência dos desmandos nas Cruzadas da vida. Um grupo que foi muito prejudicado pelas nossas fraternidades investe contra nós, desde o início das atividades que realizamos na honrosa Federação Espírita de São Paulo.

O trevo, aqui simbolizando a riqueza do conhecimento espiritual conquistado, ainda está na alma de muitos discípulos que ativaram, em seu próprio mundo interior, os velhos descuidos da vertigem com o poder. O militarismo e a tendência espartana não saíram de dentro de nossos irmãos que assumiram os compromissos mais intensos com nosso ideal.

Aqui me incluo como aquele que, diante das frentes de combate ao longo da reencarnação, não foi um exemplo de amorosidade e perdão, mesmo sendo aplicado e devotado. A índole autoritária do passado cedeu lugar a um homem justo e persistente. Foi o máximo que consegui em meu próprio benefício, conquanto o generoso doutor Bezerra sempre gosta de me lembrar com suas carinhosas instruções: “Armond você venceu, foi fiel à consciência”.

E hoje, vendo de perto a luta de muitos dos nossos líderes, entendo melhor as bondosas observações de

doutor Bezerra. Muitos corações ligados ao meu estão caindo diante de suas próprias consciências.

Ontem, foi a inteligência das vitórias exteriores a preço de sangue e disciplina. Hoje, novamente, a inteligência do saber espiritual a preço de destaque pessoal, supremacia do controle e interesses pessoais atendidos.

Abrindo minha própria alma a Bezerra de Menezes, logo após meu desencarne[50], reconheci o quanto nosso grupo espiritual, composto por diferentes líderes de diversas nacionalidades, tem compromissos com os excessos provenientes do poder e da arrogância.

Enquanto estava na matéria, absorvi o alívio do serviço espírita como um bálsamo, depois de séculos de tormenta consciencial por comandar grupos sanguinários e impiedosos. Exerci, com melhor proveito, a mesma função na recém-finda reencarnação.

Hoje, os nossos dirigentes passam pela mesma experiência. Infelizmente, alguns estão tombando pelos "encantos das sereias" e pelas superficialidades da vaidade.

Não me sinto com a autoridade que eles me atribuem por ter sido um servidor da doutrina, entretanto, não tenho como fugir à oportunidade de endereçar-lhes meu carinho, meu respeito e minha colaboração pelo empenho com que assumiram a obra que deixei. Criei por aqui tão larga rede de vínculos, que não tive escolha senão dar continuidade à obra.

As décadas têm colaborado com a renovação dos trabalhadores, no entanto, deixei um rastro de rigidez a respeito da sistematização da proposta, lutei muito por isso, e hoje vejo que já não traz tanto benefício quanto trazia naquela época.

O endurecimento de conceitos atingiu principalmente os que se encontram nas linhas de frente, mesmo depois de tomarmos medidas salutares para incluir, nos programas de estudo, a obra bendita da pioneira Ermance Dufaux e outras que trazem o Evangelho e a Doutrina Espírita da cabeça para o coração, sobretudo na criação de relacionamentos cristãos.[51]

Inclusive, acompanhei essa etapa do Projeto de Humanização do doutor Bezerra de Menezes[52] a partir do ano 2000, tendo a jovem Ermance à frente da gestação de uma cultura de generosidade entre os irmãos de ideal cujo núcleo é a construção de relacionamentos curadores e libertadores.

Perdoem-me por alongar, Pai João, mas sou daqueles que adora repetir a própria história. Sinto-me mais confortável assim e também porque tudo isso, mesmo representando conquistas importantes para minha própria alma, ainda me dói por saber que estamos longe da paz interior e da iluminação que tanto desejamos.

— Armond, estamos todos no mesmo barco. A maior bênção é que a vida sempre nos oferece a oportunidade do trabalho. Enquanto trabalhamos, a vida corrige nossos rumos.

Aqueles foram momentos inesquecíveis na presença do irmão Armond. Poucos minutos renderam uma eternidade de

ensinos e grandeza espiritual.

Suas palavras repercutiam em nós como um lema para o serviço que estava por se desenrolar à nossa frente. Ele solicitou especial atenção para com o presidente da Casa do Perdão, a quem prestaríamos serviços de amparo. Pelo carinho e vínculos que com ele guarda, Armond nos deu mais informações sobre as lutas de seu tutelado em outras reencarnações, quando assumiu graves compromissos espirituais nas Cruzadas junto ao Rei Ricardo – Coração de Leão, e quando, mais adiante, regressou ao corpo como um de seus descendentes.

Tranquilizamos o nosso querido irmão. Faríamos o que estivesse ao nosso alcance, e de nossa falange de exus, para cooperar com aquele homem atormentado e enfermo, carente de profundo amparo e acolhimento.

As observações trazidas por ele expressavam o núcleo do projeto de humanização da comunidade espírita à luz das orientações do Evangelho do Cristo.

A cultura e o trabalho aliados a uma proposta de transformação íntima ganham valor e solidez quando constatados pela natureza da convivência. Relacionamentos sólidos, gratificantes e autênticos são, sem dúvida, a marca mais evidente da profundidade dos ensinos espirituais em nós mesmos.

Claramente, o assunto vinha ao encontro do que envolvia nossas iniciativas junto àquelas 1.286 organizações destacadas por dona Maria Mulambo, para auxílio e proteção.

Os líderes e trabalhadores da linha de frente, por mais realizadores e devotados que fossem, traziam em sua conduta comum fortes traços de arrogância, intolerância e pretensão. Isso lhes dificultava não somente o andamento dos serviços das casas e tarefas sob suas coordenações, mas também criava um

campo fértil para interferências espirituais nocivas e destruidoras.

Poucos dias após essa passagem do Armond em nosso grupo, iniciaram-se as atividades do projeto de assistência.

Em uma noite de quinta-feira, após as tarefas da Casa do Perdão, acompanhamos nosso irmão Renan, um dos líderes daquela entidade junto aos grupos da União Fraternal, até o seu lar. Ele veio acompanhado por Baixinho e por mais alguns colaboradores. Já aguardávamos em sua casa na companhia de Salete, de Gonçalo e de outros integrantes dos serviços noturnos.

Já passavam das 23 horas quando, depois de muita ansiedade para conseguir dormir, ele saiu do corpo.

Verificamos que duas entidades de aspecto sombrio e desagradável, vestidas da forma sensual dos Ciganos, aproximaram-se dele e o impediram de sair do astral de sua casa, tão logo se desdobrou pelo sono. Eles não notavam nossa presença por questões de frequência vibratória. Assim que Renan tomou consciência de si, eles se dirigiram a ele nos seguintes termos:

— Opa, opa, pode parar por aí! Se quiser, pode ficar na sala da casa. Não vai sair daqui. Está proibido.

— Proibido por quem? Eu mando na minha vida. Vou ter que lhe explicar isso de novo?

— Você quer apanhar outra vez? Toda noite é a mesma coisa. Quer tomar mais um cacete? Fica quieto! Você está preso.

— Não foi esse o trato que fiz com vocês.

— Mas você rompeu e agora vai pagar.

— Mas não dependeu só de mim. Não mando sozinho nas decisões da Casa do Perdão, e vocês sabem muito bem

disso.

— Manda sim. Você sabe disso. Quando você quer, as coisas saem direitinho. Não banque a besta conosco. Nosso chefe vem conversar com você. Nem pense em sair daqui.

Passaram-se alguns poucos minutos, nos quais todos se mantiveram em completo silêncio. Renan, de cabeça baixa, mostrava-se atormentado mentalmente e com muito medo. Desorientado, pensava no que dizer. Mas seus pensamentos estavam confusos. Não conseguia sair do lugar. Vimos, então, que chegou um jovem todo paramentado com roupas de bruxo. Trazia uma enorme espada na cintura. Sobrancelhas grandes e bem feitas. Mas o que chamou nossa atenção foi seu olhar. Era espantoso! Seus olhos eram vermelhos cintilantes, e emitiam raios da mesma cor. Ele parou diante do dirigente, e disse:

— Então, você vende o espaço em sua casa para nós a troco de seus prazeres, e agora quer recuar?

— Não quero recuar. Eu já decidi sobre minha vida.

— Então, por que não impediu a palestra? Sabe que esse médium é nosso adversário. Por que não interferiu? Já pensou no mal que esse infeliz pode trazer aos nossos planos na Casa do Perdão? Não queremos mais palestrantes que coloquem o povo para pensar.

— Eu não mando sozinho lá. Você sabe.

— Pobrezinho! De novo essa lenga-lenga! Se você repetir isso mais uma vez, eu o decepo do corpo[53] para sempre. Pare de se fazer de vítima! Você é um dos nossos. Adora o poder e sabe mandar muito bem. Você não impediu a palestra porque foi frouxo. Tem que assumir o comando sobre todos. Eles querem o mesmo que você, mas ficam fazendo de conta que não. O único que assumiu o que

quer foi você. Você é o mais autêntico, por isso merece o cargo. Os outros são fracos. Ficam brincando de ser cristãos. São uns falsos. Você é verdadeiro. Nós não lhe demos o que queria?

— Sim, não tenho do que me queixar – manifestou Renan, com altivez. – Tenho esse direito ou não? Não fiz tudo que vocês queriam em troca?

— Pois então, deu. Mas está nos devendo essa. E não fale em direitos aqui.

— Não sei o que fazer. A data está muito próxima, não tenho como cancelar.

— Você vai ter que fazer algo. Não me interessa.

— O quê?

— Vai impedir todos os trabalhadores da casa de irem à palestra. Deixe as migalhas para o povo. Não fará muita diferença. Você sabe que a luz está jogando firme de dois anos para cá. Já levou alguns que seriam ótimos guerreiros. Você está em débito com nossa falange. Arrumamos tudo que nos comprometemos, e você é só decepção. Conseguirá, pelo menos, fazer isso, seu fraco?

— Isso eu consigo. Deixe comigo. Nada difícil. Conte comigo. Tenho regras que posso usar a meu favor.

— Pois faça isso. Essa palestra não pode ser ouvida pelos trabalhadores, senão será um desastre.

— E, dirigindo-se a seus subordinados, o bruxo, com muita raiva, falou: Levem-no daqui, homens, e o vigiem!

Seguimos o comboio que levou Renan na condição de um prisioneiro. Foram até um bairro próximo, onde se situava a Casa do Perdão.

Nosso grupo se admirou do que viu. No astral e na parte dos fundos do centro espírita, havia uma tenda montada ao estilo

cigano. Na frente, uma inscrição bem grande dizia: Tsara[54] do Amor. Era um ambiente estranho, muito similar a uma armação de circo. Era um local de encontros amorosos com vários cômodos separados, e com vários vigias que acompanhavam os casais. Intensa luz vermelha saía daquele lugar.

Entramos junto com o grupo que conduzia Renan. Outro grupo estava com uma mulher dentro da tenda. Os dois foram deixados sozinhos, e os guardas ficaram a distância. Para nós ficava fácil ouvir o diálogo entre os dois, e ninguém ali se dava conta da nossa presença.

Depois de se cumprimentarem com afagos amorosos, começou a conversa entre os dois:

— Raquel, as coisas estão ficando difíceis. Você sabe!
— Por que difíceis?
— Sinto que sou cada vez mais vigiado pelos amigos da casa espírita. Tenho receio de que alguém já saiba sobre nós dois. Seu marido me olha como se me fuzilasse. Nem olho nos olhos dele, mas sinto muito ódio. Não sei por que uma mulher como você não larga dele.
— Foi você mesmo quem colocou isso na minha cabeça, de eu ficar com ele. Por mim, já estaríamos juntos há muito tempo.
— Sinto muita necessidade de sossego. Tem horas que fico pensando se estamos fazendo a coisa certa.
— Você não me ama?
— Muito. Você é minha alma gêmea. Ninguém avança em sua direção. Temos velhos elos.
— Está querendo retomar seu casamento? – indagou Raquel, com profunda manifestação de ciúme.
— De forma alguma. Não é isso. Sei lá. É muita coisa rodando na minha cabeça. Ando cada dia mais confuso

e não tenho me sentido bem fisicamente.

— Confuso em relação a quê?

— A Casa do Perdão tem sido um grande carma para mim. Tudo lá é pesado, é tenso e desgastante. Não estou com muito ânimo para continuar. Fico porque é um carma que tenho de saldar. Se pudesse, sinceramente, desistiria. Sinto que, na minha mente, tudo está uma confusão, além de também sentir desânimo e a sensação de carregar grande peso sobre meus ombros Dá para entender?

— É isso mesmo ou tem outra pessoa?

— Pelo amor de Deus, Raquel! Eu aqui, falando de minhas dores, e você com ciúme! Tenha dó!

— É que você não me passa nenhuma segurança.

— E você? Passa segurança a mim? Por que não larga logo daquele traste?

— Já lhe disse. Você vai pagar minhas contas?

— Você quer uma vida a dois, normal?

— Sim. Casamento e tudo. Alguma dúvida sobre isso?

— Não sei, Raquel.

— Fale logo, que não estou mais com tanta paciência com você.

— Pensei em algo mais aberto...

— Aberto? Relacionamento aberto? Isso que você quer, seu infeliz! Então é isso! Não largou ainda sua mulher, não quer que eu largue meu marido, e quer me manter como sua. É isso?

— Não, não é bem assim!

Dali para frente, os dois se desentenderam a tal ponto, que os vigias interferiram e retiraram Renan daquele cômodo.

— Para onde estão me levando?
— Vai tomar nova vacina. Está muito nervosinho hoje.
— Mas hoje não é dia disso.
— Quem sabe disso somos nós. E fica calado.

Foram momentos tensos. Salete, Gonçalo e outros aprendizes que nos acompanhavam tiveram sua primeira lição a respeito dos informes que receberam, previamente, no Hospital Esperança. Mostravam-se assustados com a situação espiritual daquela casa de bênçãos. Ela estava submetida a delicados contextos de obsessão que fugiam a qualquer padrão mais conhecido pelos amigos já esclarecidos pelo conhecimento espírita.

— Deite-se na maca – ordenou o vigia, com voz de comando.
— Não preciso da vacina hoje. Estão fazendo isso por vingança. Vou conseguir impedir a palestra.
— Já não faz mais diferença. Deite-se. Você vai tomar essa dose extra, então se cale.

Em seguida, vimos o que parecia uma pequena seringa na mão daquela criatura, que foi injetando, com habilidade, um líquido viscoso na nuca de Renan, na altura do bulbo raquidiano. Ele, instantaneamente, adormeceu, foi levado de volta ao seu lar e acoplado ao corpo físico. Após isso, os vigias foram embora. Já era madrugada alta.

Deixamos no lar de Renan os nossos aprendizes com função de acompanhar o despertar dele pela manhã. Ele acordou com profunda enxaqueca. Saiu para o trabalho com certa dificuldade. Parecia dopado. Seus pensamentos não tinham outro centro de interesse que não fosse Raquel.

06

COMO AS TREVAS AGEM DENTRO DA PRÓPRIA CASA ESPÍRITA

Renan, mesmo sentindo-se mal, passou uma mensagem a ela, e sorria sozinho no carro por imaginar que logo se encontrariam: “Bom dia, meu amor!”.

A mensagem de resposta não demorou a chegar, e assim a troca continuou:

“Bom dia. Achei que fosse mesmo fazer contato. Estava aqui pensando em você. Sonhei tanto conosco. Como está seu dia?”

“Estou com uma baita dor de cabeça, mas louco para vê-la. Também sonhei com você. Parecia que brigava comigo.”

“Confesso que vontade não falta, mas nada que não possa ser resolvido com um bom afago. Vamos nos ver hoje?”

“Claro que sim. Logo após o almoço, já estarei liberado. Pode ser?”

“Fechado. Estarei lá.”

Na hora combinada, encontraram-se em um apartamento que Renan alugou temporariamente para se verem. Logo que chegaram, partiram para um enlace carnal. Ficamos a distância, na sala, onde também se encontravam dois daqueles Ciganos que sempre o vigiavam. Algum tempo depois, o casal saiu do quarto e passou a conversar em pequena saleta.

— E então, agora se sente melhor da dor de cabeça?

— Bem melhor. Você é meu remedinho, sabe disso.

A conversa caminhou entre afagos e carícias.

— Que bom saber. Sou mesmo um remedinho. Mas queria saber uma coisa de você – mudou de assunto, como é típico de quem guardava uma dúvida há mais tempo.
— Fale.
— Por que disse, hoje de manhã, em nossas mensagens, que queria brigar comigo?
— Sinceramente, nem eu sei lhe dizer. Na verdade, sonhei que brigava comigo. Acordei com aquela dor de cabeça e indisposto com a gente.
— Indisposto?
— Acho que seria bom resolvermos logo essa nossa situação.
— O que você propõe, Renan? – perguntou impaciente.
— Lá vem você com cobranças.
— Não é cobrança, só quero saber como vamos ficar.
— Também acho que está na hora de definirmos isso.
— Você quer que eu me separe de meu marido?
— Não. Pelo contrário. Acho que deve ficar como está e que devemos nos manter assim.

A mesma conversa que iniciaram fora do corpo era, agora que estavam acordados, reproduzida. Quase sempre é assim que acontece. Os sucessos e insucessos nascem durante a noite, enquanto se dorme. O clima da conversa foi esquentando.

— Parece até que já sabia que diria isso. É como se já tivesse escutado essa resposta de você. Qual é o problema? Quer um relacionamento aberto por quê? Tem outra pessoa? Só me falta dizer isso.
— Sim, acho esse caminho melhor...
— Melhor para quem?

— Para nós dois, porque assim você cumpre seu carma com seu marido, eu cumpro meu carma com minha esposa...

— Como cumpre seu carma com sua esposa, se nem a vê constantemente? E eu é que tenho que ficar suportando aquele marido doente que tenho?

— Eu tenho outra pessoa, Raquel!

— Ah, então é isso... – e levantou-se do sofá, mantendo distância de Renan, já com os olhos marejados. – Relacionamento aberto para você é ter quantas quiser... Entendi. Bem, dê-me licença, vou me vestir, quero ir embora.

Raquel trancou a porta do quarto, vestiu-se e, por conta da natural curiosidade e instinto feminino, passou a abrir todas as gavetas do armário no quarto, e o previsível aconteceu. Achou uma peça íntima usada, pertencente a outra mulher. Pegou-a e foi para a sala.

— Por acaso, isso pertence ao seu novo amor? – falou aos berros, chorando.

O clima ficou péssimo. Ela saiu batendo portas e pedindo que ele não a procurasse mais.

Tão logo ela saiu, Renan, com uma frieza espantosa, como se tivesse alcançado o seu objetivo com relação a Raquel, entrou em contato com a outra referida parceira.

A situação espiritual e moral do dirigente era de uma irresponsabilidade sem limites. Já com quase sessenta anos de idade, não só era escravo dos apelos da sexualidade como também demonstrava uma nociva imaturidade emocional. Renan ultrapassou todos os seus limites. Sua conduta já era conhecida por alguns parceiros de diretoria no centro espírita,

que o alertavam com relação à mudança de conduta, mas sem resultado.

Ali encontramos um homem com inteligência privilegiada, conhecimento espiritual farto e com um instinto que o dominava de forma destruidora.

Várias mulheres na casa espírita não se sentiam bem perto dele, relatando o olhar sensual que ele lançava, e outras, que foram abordadas de forma estranha, pararam de frequentar a casa, e ainda outras, carentes e tão perturbadas quanto ele, sintonizavam com aquela energia erótica de nosso irmão.

Naquele mesmo dia, aliás, um longo e trabalhoso dia para nós, Renan não conseguiu se encontrar com sua outra parceira de aventuras. Mais ao anoitecer, naquela sexta-feira, haveria uma reunião extraordinária da diretoria, convocada em regime de emergência, da qual Marcelo, marido de Raquel, fazia parte.

Chegando à Casa do Perdão, furamos o bloqueio vibratório imposto pelos Ciganos da Tsara do Amor na sala de reuniões. Aqueles dois vigias que o acompanharam durante o dia chegaram juntos com Renan e trocaram de guarda, passando a outros dois o serviço. Na sala da reunião, encontravam-se outros Ciganos, já aguardando o início da tarefa.

Na porta de entrada da sala, dois amigos nos saudaram discretamente. Vestidos com capas roxas, mal se delineavam seus rostos. Eram dois exus da falange de Baixinho. Exu Caveira, uma falange atenta e prestativa, continuava a fazer a vigilância da Casa do Perdão. Os Ciganos não nos viam, mas eles dois se conectaram mentalmente com nossa equipe e pediram muita atenção ao momento.

Assim que Renan se ajeitou, iriam iniciar a prece, mas, antes, Marcelo pediu:

— Peço a licença de vocês para envolvermos Raquel em oração. Estou muito apreensivo.

— O que houve com ela? – indagou dona Armênia, bondosa colaboradora.

— Posso responder a ela, Renan? – indagou Marcelo, com receio de ser repreendido.

— Vai desviar do nosso objetivo, não é? Mas fique à vontade – respondeu Renan, com misto de gentileza e curiosidade mal disfarçada.

— Agora à tarde, Raquel chegou em casa completamente transtornada, chorando rios de lágrimas, com vibração de profundo ódio. Fechou-se no quarto, não quer falar com ninguém e mandou que eu viesse à reunião, dizendo que nunca mais colocaria os pés aqui na casa.

— Vamos envolvê-la nas boas vibrações da prece. Isso vai passar logo. Não há de ser nada – disse Renan, passando uma sensação de profunda confiança, que foi interpretada por todos como fé e elevação espiritual, mas, no íntimo, com profundo sentimento de deboche.

Em nosso plano, os Ciganos bateram palmas como uma torcida infantil, e Salete teve náuseas ao ouvir a fala de Renan. Fizeram a oração e começaram o debate com a palavra de Renan:

— Serei claro com vocês. O assunto vocês já sabem, é sobre a palestra do médium Antonino.

Eu quero fazer um levantamento para ajudá-los a entender.

Bem, recentemente, vocês viram o que passamos quando Zezinho ficou responsável pela direção da casa. Tanto fez e aconteceu ao assumir os trabalhos,

que quase desorganizou por completo a estrutura da casa.

Passei a ele o bastão a contragosto. Seus conceitos, por demais abertos, em torno do Espiritismo, especialmente em relação à mediunidade, trouxeram grave perturbação à União Fraternal como um todo, e não somente à Casa do Perdão.

Recebemos mensagem direta do Armond para afastá-lo, e vocês viram a luta que foi, quanto desgaste até tudo se finalizar. No fundo, ele queria mandar e centralizar tudo em si mesmo. Os planos de Zezinho eram trevosos e destruidores.

Como Zezinho já trabalhava em outro centro, começou a levar nossos médiuns e trabalhadores para lá, onde praticam uma mediunidade desequilibrada, fora das normas da União Fraternal.

Foram momentos tristes – dramatizou Renan –, mas a misericórdia divina nos auxiliou a colocar o trem nos trilhos novamente.

Pouquíssimo tempo depois disso, estamos novamente com um incidente que considero grave. Esse médium Antonino também tem sido muito criticado por seus livros. Não concordo com nada do que publica, e agora o convidam para uma palestra sobre os exus? Juro que não consigo entender onde está a cabeça de vocês.

Em recente reunião da direção das Casas da União Fraternal, alguns diretores deixaram claro que estamos sendo invadidos por pessoas com grande afeição pela umbanda, por seitas espiritualistas e por outras correntes. Definiram, inclusive, não entregar o trevo[55] para os discípulos que frequentam

a União e que vão a esses lugares ao mesmo tempo. Portanto, quero propor o cancelamento dessa palestra e que nunca mais o convidem para vir aqui.

— Acho que está sendo injusto, Renan – manifestou Lena, com indignação. – Antonino é muito respeitado e já se mostrou, por várias vezes, colaborador prestimoso de nossa casa e do ideal da União.

— Isso não justifica!

— Justifica sim – continuou Lena, já demonstrando nervosismo pela fala. – Você tem que aprender a respeitar a opinião das pessoas que trabalham com você. Não é assim que se decide. Qual a razão de nos chamar aqui, na condição de diretores? Qual o valor de nossa opinião?

No tempo de Zezinho, foi você mesmo quem complicou bastante as coisas, porque passou o bastão, mas não tirou a mão do controle. Não sou apoiadora de Zezinho, no entanto, você foi quem criou todo o clima de tensão. Ele trouxe grandes avanços para a Casa.

— Você não sabe um décimo do que aconteceu, Lena, e fica falando essas coisas.

— É isso que estou questionando – respondeu Lena, agora com mais firmeza. – Pode ser verdade mesmo que eu não saiba um décimo do que aconteceu, porque você centraliza tudo. Quantas discussões tivemos, por conta disso, no grupo da direção no WhatsApp? Sempre você tomando conta de tudo, não larga o "osso" por nada.

Nesse momento da conversa, vimos alguns Ciganos aproximando-se de Lena para intimidá-la. Gonçalo e Baixinho me olharam. Nada fizemos, não era a nossa hora. Um deles

puxou do bolso um pequeno aparelho, muito similar a um controle remoto, apertou um botão, apontou-o para a nuca de Lena, e vimos saírem dele pequenos raios, que a atingiram com choques anestésicos.

Os dois exus chegaram com força, seguraram o braço do Cigano com dureza, e perguntaram:

— Vamos ter que ir para a grosseria? Não tente isso novamente!

Com uma fisionomia entre amedrontada e irônica, o Cigano respondeu:

— Que valentia! Tudo por conta de um choquinho? Até parece que vocês mandam aqui.
— Nem tente isso novamente, você é muito abusado.

Lena, imediatamente, sentiu um mal-estar, um endurecimento no pescoço, e Renan, percebendo seu estado, logo usou seu artifício doutrinário, já bem conhecido.

— Se eu fosse você, ficaria mais calma. Mantenha o equilíbrio para não atrair más influências.

Salete, que parecia uma panela de pressão prestes a explodir, pediu socorro e foi levada para fora do ambiente da reunião, amparada por um de nossos amigos da equipe. Mais um pouco, ela abaixaria sua frequência vibratória, seria identificada, e nosso trabalho, prejudicado.

— Renan, você tem toda razão. Estou prestes a me desequilibrar de raiva. Aliás, algo que muitos aqui sentem a seu respeito, e não tem coragem de assumir, sabia?
— Calma, Lena. Não estamos tratando de sentimentos.

— Pois deveríamos. É duro para você ouvir queixas a seu respeito?

— Nós não viemos aqui para isso.

— Mas seria uma ótima oportunidade. Estamos necessitando ser mais claros com você. Fazemos isso porque ainda resta um pingo de respeito pela sua pessoa, mas está ficando difícil.

De minha parte, sinceramente, se vocês cancelarem essa palestra, pensarei se quero continuar nesta casa. Basta! É muito desrespeito acumulado no tempo sem o menor sinal de melhora. Não quero isso para mim.

— Recebemos um alerta do comandante e deveríamos obedecer.

— Vou ser clara! Não acredito que o comandante Armond daria uma mensagem com esse teor. Se os diretores da União decidirem por não dar o trevo aos formandos, porque frequentam também a umbanda, metade deles não irá receber, porque o que mais tem nesta casa são simpatizantes da umbanda. Você conhece essa história desde o início da fundação.

— Imagine se o comandante Armond se ligaria a este tipo de entidade: exu! O comandante está muito acima disso.

— Certamente você, Renan, não leu o livro de Antonino para falar uma distorção dessas. Você mesmo, na condição de estudioso, precisa rever seus conceitos. O próprio Ricardo, Coração de Leão, é um grande exu.

— Um guardião! – contestou Renan.

— Que trabalha com os exus. Nossa casa está cheia de exus e pombagiras. Quantas vezes, os médiuns já tiveram percepções, e simplesmente são reprimidos ao falarem deles ou manifestarem suas percepções e mensagens. É

por isso que procuram a umbanda, na qual são amparados, encaixam-se e trabalham com uma sadia produção mediúnica. Infelizmente, a casa não oferece outro caminho.

— Não é o que dizem as mensagens do comandante Armond.

— Por intermédio de quem? Quem foram os médiuns? Por que ele colocaria esse tipo de preconceito? Não foi o que aprendemos nas Escolas sobre respeito às outras religiões.

— Isso não posso dividir aqui. É algo exclusivo da direção.

— Pois acho que a direção está sendo enganada. Todos vocês – falava Lena, com uma firmeza ímpar –, não permitindo que tenhamos opinião, nesse grupo seleto que cuida da direção da União, estão debaixo de uma cilada. Já admitiram isso alguma vez?

— Lena, a reunião caminha para um campo que não é útil à nossa tarefa.

— Por que não faz uma enquete aqui, agora, para ver se nosso grupo gostaria de debater isso?

— Lena, vamos encerrar isso por aqui.

— Está bem, Renan. Faça o de sempre. Abstenho-me de qualquer esforço a mais, e não acho que será bom cancelar a palestra. Para mim, chega!

— Calma, Lena. Não precisamos decidir as coisas assim. Podemos encontrar um meio-termo – expressou Renan, com uma postura autoritária e calculista.

— E qual sua proposta?

— Deixe-o vir então, mas não pararemos o trabalho. Os trabalhadores não participarão e deixaremos a palestra somente para o público.

— Mas como assim?

A reunião ainda alcançou níveis lamentáveis de desarmonia, outros manifestaram o desagrado por não poderem participar. Ficou estabelecido que a palestra aconteceria. As tarefas da casa continuariam sem interferência. Os trabalhadores não poderiam assistir à palestra que tanto desejavam. Ao fim de tudo, a equipe dos Ciganos aplaudiu, e dois dos diretores saíram profundamente desanimados de continuar na casa. Renan saiu da tarefa como se nada de anormal tivesse acontecido e com uma sensação de ter conseguido o que desejava. Para ele, tais conflitos de opinião eram uma rotina. Prestamos socorro aos dois diretores e fortalecemos a vigília sobre o centro espírita, tendo em vista as ações programadas de auxílio e proteção.

Já não tínhamos mais tanto acesso a Renan e a diversos trabalhadores da casa, em função dos acordos espirituais. O domínio é quase completo.

Lena e mais alguns poucos ainda nos ouviam.

07

OBSESSÕES COMPLEXAS: O DOMÍNIO DE UM CENTRO ESPÍRITA

Saindo dali, ainda fomos realizar visitações a outras casas que estavam em nosso mapa de assistência e em semelhante situação. Embora a tarefa fosse intensa, encontramos um tempo para saciar a curiosidade dos nossos colaboradores.

Salete, ainda sob o impacto de tudo o que tomara conhecimento, precisava desabafar:

— Eu disse, Pai João, que daria trabalho. Estou engasgada até agora.

— Fale, minha filha.

— Que homem falso, Pai João. Minha mente voltou às minhas experiências na casa espírita, com os descuidos que, infelizmente, acabei me permitindo.

Doeu muito ver essa mulher, a Raquel, sendo enganada, usada e, agora, atormentada. E a esposa dele, como está? Imagino que sofrendo, não? Passei por tudo isso. Pai João, o senhor me perdoe, é muita hipocrisia. Quando isso vem de um homem comum, que não tem conhecimento espiritual, já é ruim, mas fica mais fácil de entender. Porém, vindo de um espírita, com essa bagagem e conhecimento, é imperdoável!

— Não tiro em nada a sua razão, Salete. Lembremos o ensino de Jesus:

> *"Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos e de toda imundícia. Assim também vós, exteriormente, pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade."*[56]

Hipocrisia não é apenas fingir ser quem você não é. Não é apenas trapacear o outro. É um comportamento que resulta da falta de consciência sobre qual o verdadeiro sentimento que dirige suas palavras, suas ações e suas escolhas. Impossível superá-la sem uma profunda honestidade emocional, guiada pelo legítimo desejo de fazer o bem.

A hipocrisia foi a doença espiritual que o Mestre mais combateu. No campo íntimo, ela representa a dor de não sermos quem gostaríamos de ser.

Ser hipócrita não significa enganar intencionalmente. Essa é apenas uma das facetas morais dessa doença da alma.

Em verdade, somos também hipócritas sem o desejar, pelo simples fato de não conseguirmos ainda estabelecer em nós mesmos a expressão clara e transparente de nossa sombra inconsciente.

Enquanto o ser humano viver sem um contato honesto e transparente com seus sabotadores internos, com suas personalidades dominadoras sob coerção do ego, não conseguirá a tão almejada autenticidade.

Lembre-se dos fatos que tanto a fizeram sofrer, minha filha. Traiu, feriu, lesou sua própria

consciência. Acaso fez isso por maldade ou intencionalmente? Talvez sim, em algumas escolhas. Outras atitudes nada mais foram do que efeito de sua dor interior por não estar feliz com sua realidade pessoal.

É o que acontece com Renan, com Raquel e com todos nós na medida em que não somos os proprietários dos planos de alegria e paz que Deus tem para nós.

Hipocrisia é a maior doença da humanidade. De fato, é também usada para esconder os interesses pessoais, o apego às conquistas materiais.

A roda social dos patrimônios perecíveis, da política e das organizações que visam ao monopólio e ao controle age, deliberadamente, usando a hipocrisia, com técnicas modernas de engenharia social para enganar, corromper e trucidar inimigos.

Os religiosos de todos os tempos sempre tiveram grandes desafios com a honestidade emocional a respeito de suas fraquezas e limitações.

Foi a respeito disso que o Armond lhe deu a sábia resposta, dizendo que ele teria como foco, nos programas que orientasse, a formação de relacionamentos transparentes, sólidos, autênticos e duradouros.

Hipocrisia nem sempre é a respeito de enganar os outros. Ela é muito mais a respeito de não saber como lidar com as múltiplas facetas que estão dentro de nós e que foram construídas na longa viagem das reencarnações.

Ser hipócrita, portanto, tem nuanças que necessitam ser conhecidas para melhor

entendimento e construção de estratégias de superação.

Renan, por exemplo, em função de sua extrema arrogância e necessidade de poder, tornou-se um homem solitário, com resistência a relacionamentos de parceria. Sem o desejar, tornou-se uma criatura desagregadora, mesmo sendo tão devoto ao serviço do bem. Fechou-se à transparência e oculta-se, sistematicamente, numa fisionomia de rigidez, porém com a tristeza sempre presente. Raramente externa um sorriso, raramente se abre a uma sinergia sincera e compensadora. E, quando o faz, arrepende-se de ter se exposto, em função do vício do isolamento emocional.

A hipocrisia é uma prisão enlouquecedora. Os sinônimos a ela atribuídos, tais como fingimento, falsidade, dissimulação e outros, não são suficientes para defini-la sob uma perspectiva da alma.

Sepulcros caiados foi o símbolo empregado por Jesus, porque o hipócrita fica apenas com a sobra da vida, com os restos mortais, com a imundície de si mesmo, sentindo-se um ser miserável que precisa continuar a viver, enganando a si mesmo com ideias a seu respeito para não ter que interromper a própria vida física.

— Ai, Pai João! Que vontade de chorar ao ouvir isso! Já nem sei mais a razão de tanta dor interior!

— É sempre assim, minha filha. Quando estamos descobrindo nossas próprias sombras, quando estamos tomando mais consciência de nossas limitações, olhar para alguém que carrega os mesmos problemas é muito

doloroso. Vemo-nos nessas pessoas e as odiamos por odiar o que somos. Eis o motivo de sua dor interior.

Salete chorou copiosamente como uma criança. Ficamos todos em silêncio e meditativos. Gonçalo e Baixinho entreolhavam-se. Assim que ela se recuperou, indagou-nos Gonçalo:

— Pai João, como essas criaturas tomaram conta dessa casa? O senhor havia nos prevenido dos loteamentos de vampiros e posseiros no centro espírita, mas ver aquilo foi desolador!

— A história começou há dezoito anos.

Renan procurou um centro de candomblé. Seu intuito era saber se poderia se relacionar com uma mulher chamada Rose, por quem tinha um desejo incontrolável.

Mesmo casado e com filhos jovens, já coordenando as atividades da União Fraternal, estava confuso sobre sua vida afetiva e sexual.

Pai Igor, que o atendeu, alimentou todas as suas ilusões com ideias de que tinha compromissos do passado com a moça e ainda afirmou que não conseguiria se livrar disso. Fez revelações tão claras e aparentemente sensatas a Renan, que ele se convenceu de que era uma mediunidade verdadeira.

Com esse encontro, estava formado o ponto de disparo para uma longa caminhada. Renan ficou completamente atordoado pela ideia. Aproximou-se da moça e, depois de pagar uma quantia vultosa por trabalhos que visavam enfraquecer sua resistência, por fim se enlaçou com ela.

No entanto, depois de certo tempo, arrependeu-se de procurar a magia daquela casa de candomblé e

não levou a sério as obrigações mensais que Pai Igor lhe passou, para que dominasse para sempre o coração de Rose.

Além do pai de santo encarnado, as entidades que lhe atendiam aos pedidos também passaram a fazer parte da trama. Esses temas que envolvem magia criam uma teia. Não é simplesmente pagar por um serviço. Quem faz amarrações amorosas assina uma duplicata de alto valor nos tribunais cármicos da vida.

E a conta chegou para Renan. Ele não pagou ao Pai Igor os valores combinados. Apenas uma parte. Mas teve que se ver com os Ciganos desencarnados que assistiam Igor. Eles começaram, então, a desfazer o que fizeram, criando outra arapuca para Renan.

Rose passou a frequentar a Casa do Perdão e era uma mulher perigosa. Começou a furtar dentro da instituição, sendo que ninguém suspeitava dos laços entre ela e Renan.

Até que teve também acesso ao dinheiro destinado à casa e que estava sob a responsabilidade de Renan. Na primeira oportunidade, ela roubou todo o valor causando grande prejuízo ao centro espírita, desaparecendo em seguida.

Porém, o maior prejuízo de todos foi causado pelos Ciganos, que não queriam mais o pagamento de Pai Igor. Queriam implantar mais um núcleo, entre os muitos que já possuíam no astral, dentro da Casa do Perdão. Seria uma forma de saldar a dívida que Renan tinha com eles e com Pai Igor.

A princípio, apenas compareciam às tarefas, mas, com o tempo, passaram a ser exigentes e, depois, em

função dos descuidos que se seguiram na vida de Renan[57], não só tinham posse sobre ele, como também grande influência na Casa do Perdão.

Além de tomarem conta do dirigente, fizeram um despejo de vampiros[58] que assediavam sua vida sexual. Hoje, os Ciganos são os "protetores" que ele escolheu para si e, em troca de trabalhos feitos por eles, para que efetivasse suas conquistas, montaram a Tsara do Amor no ambiente astral do centro.

Passaram a ser parceiros de interesses sombrios. Renan era facilmente manipulado pelos ciganos fora do corpo, durante a noite. E, como lhes agradava a parceria, tomaram também posse do CMI do dirigente.

Foram anos de prestação de assistência espiritual inferior a Renan para que as coisas chegassem a ficar como estão hoje. Por várias vezes, conseguimos retirar os Ciganos do ambiente, mas eles voltavam com a anuência da posse do CMI[59], que mantinham cativo no astral.

Esse é um resumo da história para você entender que não somos omissos no serviço do bem ao semelhante, no entanto, há limites de nossa atuação quando os contextos não favorecem uma mudança imediata.

Renan tinha feito acordos lamentáveis com aqueles espíritos em troca de terem um espaço dentro da casa espírita para criação de casamentos planejados[60]. O objetivo deles, que começou com a própria história do dirigente, era servir de agenciadores da vida amorosa e formar uma

corrente de agregados que se mantivessem presos aos seus desejos mesquinhos.

Eles montaram um espaço onde recrutavam pessoas para enlaces amorosos grotescos. Uma tenda de amarração no astral da própria casa. E, infelizmente, até mesmo alguns trabalhadores já haviam criado laços espirituais com esse ambiente.

— Ave Maria! E nada mais pode ser feito, Pai João?

— Tentaremos. Essa é a nova etapa de serviços que dona Maria Mulambo orientou para negociações com essas entidades, objetivando mudar o clima astral dos ambientes das casas espíritas.

— Uma curiosidade, pai. Onde eles mantêm o CMI de Renan?

— Parceria feita com os Dragões, que são proprietários de instalações especializadas no assunto.

— E todos aqueles 1.286 centros espíritas, estão nessa mesma situação?

— Alguns em situações piores, outros em melhores. Todos trazem em comum esse cenário das posturas arrogantes, personalistas e atreladas ao poder por parte de seus dirigentes e trabalhadores da linha de frente. A enfermidade da hipocrisia, da qual adoeceram esses condutores, fez com que eles se tornassem pessoas com visão limitada sobre a importância e a forma como o centro espírita pode atuar na sociedade. A esterilidade está nisso.

— E a Casa do Perdão? Um local daquele tamanho, com tantas pessoas que lá frequentam, também está nessa esterilidade?

— Sob essa perspectiva da proposta profunda do Espiritismo, sim. É uma casa que promove o bem, sem

dúvida, apesar da situação ora presenciada por vocês.

Sob a perspectiva renovadora, relatada pelo próprio Armond, a casa paralisou.

— E aqueles exus que vimos lá? Cuidam da proteção da casa?

— São os verdadeiros Anjos da Guarda. Enfrentam as situações mais desgastantes e violentas.

— Somente aqueles dois cuidam de tudo?

— Hoje, há mais de uma centena deles. Baixinho tem um vínculo contínuo com o grupo, que o mantém informado dos detalhes das ocorrências diárias, que são muito lamentáveis.

Os padrões estipulados pela casa, a respeito do intercâmbio mediúnico, não favorecem manifestações espontâneas e livres. Isso impede que o grupo de diretores seja alertado sobre os perigos reais que rondam a tarefa.

Alguns médiuns têm percepções isoladas em tarefas da organização, mas são proibidos, pelas regras, de manifestarem o que percebem. Os diretores têm um grupo no qual acreditam para acessar o mundo espiritual.

— E, com isso, não correm o risco de serem enganados?

— É possível, sim.

Por alguns instantes, o grupo permaneceu em silêncio, a refletir sobre a situação. Foi Gonçalo que o interrompeu, dizendo:

— Pai João, não posso negar que, assim como Salete, encontro-me chocado com essa realidade. Tinha uma visão tão diferente a respeito de centro espírita que, se estivesse encarnado e alguém falasse sobre isso, eu

jamais acreditaria. Confesso, estou tendo dificuldade em acreditar, mesmo vendo e sabendo de tudo que o senhor está nos explicando.

— Compreendo seu sentimento, Gonçalo. Embora, por isso, não devamos desmerecer ou mesmo passar a ter uma visão extremista e negativa das casas espíritas.

Só precisamos ajustar nossos conceitos. O ambiente de um centro espírita nunca foi aquela bolha de paz e iluminação espiritual que a maioria das pessoas imagina.

Ao contrário, é um hospital da alma e, como tal, reúne enfermos graves em busca de socorro.

— O senhor tem razão. Mas o que podemos esperar a respeito do futuro desse dirigente?

— Meu filho, acredite em mim. Renan já foi pior. A idade o limitou um pouco a respeito de suas aventuras sexuais.

Sua grande sombra hoje é mesmo o apego ao poder. Ele sustenta a ilusão de que deve cumprir uma missão que, para ele, em seus raciocínios egoicos, está acima de qualquer valor humano.

É um espírito que já fracassou tremendamente nos abusos da sexualidade, como templário violento e desumano. Prejudicou várias comunidades de Ciganos e tem compromissos sérios com muitos deles desde a Idade Média, nas terras espanholas.

Ao contrário do Armond, que também reconheceu perante nós, naquele encontro, a sua personalidade forte do passado, mas manteve-se firme com sua consciência, Renan intoxicou a própria consciência com novas culpas. Está muito doente espiritualmente, embora deseje a melhora e o avanço.

— O que fazer por uma pessoa como ele, pai?

— Lembra-se do enrijecimento de sentimentos mencionado por dona Mulambo?

— Sim, lembro-me.

— Estamos trabalhando com esse foco. Tentando tocar o coração de Renan de todas as formas possíveis. Ele nos sente, absorve nosso auxílio, mas os Ciganos, quando percebem a melhora dele, usam aquela vacina venenosa, que o entorpece novamente.

É uma luta entre o bem e o mal. E, de tempos em tempos, tentamos novos caminhos.

— Perdoe-me a curiosidade, minha mente fervilha de perguntas.

— Faça-as, meu filho. Sua intenção nobre motiva o esclarecimento.

— E o que aconteceria se o marido de Raquel descobrisse quem é Renan, e o envolvimento afetivo dele com sua esposa? Como ficará essa trabalhadora daqui para frente a respeito de seus próprios sentimentos e escolhas? Lena e os demais diretores que confrontaram Renan sairão mesmo da casa?

— Teríamos problemas bens mais graves se isso ocorresse. Raquel já decidiu que não voltará ao centro e, infelizmente, isso será mais um ponto de discórdia entre ela e o marido. Não acredito que ela revelará o romance dos dois. Ficará nos secretos porões da culpa. Lena e os outros diretores, em verdade, já estão se associando à nova casa fundada por Zezinho, citado durante os desentendimentos na reunião. Ele abriu uma casa umbandista e vem fazendo um belo trabalho.

— E o que existe de novo nesse momento, segundo as informações mencionadas por dona Maria Mulambo na

palestra, em favor do auxílio a Renan?

— Tomamos conhecimento de algo muito importante.

Esses Ciganos não se estabeleceram sozinhos no astral da Casa do Perdão. Tiveram ajuda da organização dos Dragões, como já mencionei. A falange draconiana persegue os centros espíritas desde o início da primeira casa implantada em solo brasileiro.

O núcleo que assistia a essa Tsara do Amor foi dizimado recentemente em função das muitas ações, do mundo espiritual, na reestruturação dos cenários astrais do planeta. Em uma diligência conjunta entre a falange de Exu Caveira e militares da hierarquia dos Templários, os Dragões tiveram de abandonar vários núcleos, residências, pontos de comércio de drogas e outros antros de maldade nas regiões onde se situa a Casa do Perdão.

Os Ciganos ficaram, portanto, órfãos desse tipo de tutela, o que vai favorecer uma nova ação protetiva da justiça espiritual, objetivando o desalojamento deles.

— E isso é simples?

— Nada simples, meu filho. Porém, temos muita esperança nas novas iniciativas. As mudanças estão acontecendo em todos os cantos do mundo astral. É a transição planetária já ocorrendo na vida espiritual. Temos que aproveitar o momento.

O processo de limpeza astral da Terra não se resume a retirar dos abismos e umbrais aqueles que padecem a tormenta consciencial. As medidas de progresso se dão, igualmente, e até com maior intensidade, nos ambientes mais próximos ao solo

terreno, no qual se erguem verdadeiras cidadelas da maldade.

Esse serviço ocorre, frequentemente, nas linhas mais próximas da vida material dos homens. O umbral é também composto por núcleos de assédio, domínio e dependência de organizações inteligentes e ativamente portadoras de planos e metas no mal. O umbral toca o plano físico, expressa-se nele.

A Tsara do Amor é um exemplo claro disso. Lembra-se de eu já ter citado um versículo do Evangelho de Mateus na nossa conversa no Hospital Esperança? Vamos relembrá-lo:

> *"Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu."*[61]

Pensem nas organizações sombrias estabelecidas na sociedade e entenderão. Clínicas clandestinas de aborto, negócios escusos na política, grupos narcotraficantes, tráfico de humanos, grupos de magia negra e satânica, clãs terroristas, cientistas da indústria da morte, fundações capitalistas com propósitos de corrupção, igrejas financiadoras do crime, tráfico de bebês para satanismo, enfim... Todas as células que se organizam para a maldade no plano físico têm o seu correspondente do lado de cá.

— Que sério esse quadro. Até onde vai a responsabilidade desse dirigente com tudo isso?

— A Tsara do Amor é um reflexo dos interesses de nosso irmão e de seus pares no grupo espírita. A isso chamamos obsessão passiva, com plena concordância e

aceitação de ambas as partes, embora, com o tempo, esse quadro tenha ganhado contorno de obsessão complexa, porque Renan passou a ser comandado e completamente dominado.

Considerando o quadro das sombras com as quais temos lutado, essa situação não representa a maldade em sua manifestação mais sórdida. Apenas se enlaçam por interesses do sexo e do desfrute das sensações. Ainda assim, são quase vinte anos de esforços e tentativas de desarticulação das sombras nesse grupo.

Por isso mesmo, a aura coletiva da Casa do Perdão define-se por ambiente desagregador da família e da estabilidade emocional nos assuntos que envolvem sexualidade e vida amorosa.

Cada casa espírita tem sua digital energética conforme seus compromissos e os do seu grupo de trabalhadores. Existem os expoentes da bondade e do esclarecimento, assim como existem os núcleos que permitem a multiplicação da inferioridade.

Os Ciganos passaram a intervir nos assuntos relativos à vida amorosa. São capazes de identificar esses traços nas pessoas pela simples leitura da aura.

— Que triste, pai! As pessoas vão lá para se curarem e correm o risco de se envenenarem com o astral do grupo?

— Sim, há essa possibilidade. Mas a Casa do Perdão não é exceção. Lembre-se do que já conversamos, o centro espírita é composto por pessoas doentes em busca de recuperação. Nenhuma surpresa, Gonçalo!

— A surpresa é para mim. Trouxe ilusões sem fim. Assim como Salete, que já manifestou, com sinceridade, sua

rejeição às más experiências que viveu quando reencarnada, eu também começo a nutrir um repúdio por tudo isso.

Fica cada vez mais claro para mim que o Espiritismo é uma luz, uma bênção, e sempre continuará sendo um farol para quem deseja seguir sua rota de aprimoramento, embora a comunidade que se organizou sob suas diretrizes seja composta por doentes graves e rebeldes, na qual me incluo.

— Bom que veja dessa forma, meu filho. Em verdade, todos somos os doentes na busca do remédio curativo da mensagem do Cristo e da bússola precisa do Espiritismo. Sigamos confiantes, a despeito de nossas limitações.

Chegou o dia da palestra do médium Antonino na Casa do Perdão. Iniciativas de proteção e outros cuidados, para evitar desgastes desnecessários, foram tomados pelas falanges dos exus que protegiam a organização.

Foram destacados guardas em número maior, prevendo possíveis conflitos na entrada dos convidados.

Os Ciganos armaram verdadeira trincheira à frente do centro, eram aproximadamente cem componentes que traziam facões enormes e muitos recipientes com pó de magia[62] na cintura, armas que poderiam ser usadas. Havia um clima de combate. Eles sentiam o momento, sabiam que novos acontecimentos estavam por vir, algo maior, poderia ocorrer naquela noite que prejudicasse a permanência na Tsara do Amor. Andavam temerosos desde que perderam o apoio dos Dragões, que foram dizimados. Era um momento de fragilidade para eles. São espíritos muito impulsivos e reativos. Por pequenas irritações, agem com alarde e destempero.

Por outro lado, mais na recepção interna, os exus estavam em número três vezes maior. Organizados em pontos estratégicos, paramentados com seus instrumentos de magia, e atentos.

O médium Antonino entrou no centro por volta de 19h40, cercado por quatro desencarnados que lhe faziam a guarda, desde o deslocamento do hotel onde se hospedara até o local. Foi debochado pelos Ciganos assim que penetrou no recinto. Alguns chegaram a tentar cuspir no médium, o que provocou uma intimidação dos exus, que se aproximaram com olhares de raiva e impediram o ato.

Toda a diretoria da casa estava presente. Renan recebeu o médium saudando-o educadamente, mas com a frieza afetiva costumeira. O salão estava repleto. Somente os trabalhadores da casa não puderam estar presentes, porque continuariam, simultaneamente, com as atividades de rotina. Foi isso o combinado naquela reunião de diretoria.

Tudo pronto. A oração feita e a palavra cedida ao expositor da noite. Começou o médium:

> "Amados, que tenhamos paz. Estou muito feliz por estar mais uma vez com vocês.
>
> Como sabem, os espíritos pediram-me a tarefa de escrever sobre as entidades exus. Hoje, venho aqui com alegria para falar sobre a experiência que tive com meu mais novo livro mediúnico.
>
> O mundo clama por proteção diante de um aflitivo sentimento de abandono e solidão. O momento de transição planetária obriga a todos nós, espíritas especialmente, ao mergulho profundo no coração e na mente, para avaliarmos a extensão desses dois sentimentos em nós mesmos.
>
> A dor de nos sentirmos sozinhos foi retratada pelo Cristo na subida do Calvário. Era Ele e Sua cruz. Ele e Seu sacrifício.

Assim também será conosco.

Diante da batalha que travamos com nossas sombras pessoais, somos testados com rigor a respeito de nossa autenticidade e transparência de conduta.

Como espíritas que somos, será cuidadoso e prudente verificarmos nossas reais carências pessoais e nos revelarmos a nós próprios. O nome dessa conduta é honestidade emocional. Na falta disso, sofreremos amargamente, além do necessário. Essa dor nos enfraquecerá, diminui nosso afeto. Nesse labirinto da vida interior, correremos o enorme risco de transformarmos a solidão em egoísmo e rebeldia, más escolhas e obsessão.

Precisamos nos revelar. Não há nada que esteja oculto que não será revelado em tempos de transição. O mal está sendo colocado em praça pública, para o conhecermos à luz do bem. Também no campo íntimo, faz-se necessário dirigir um olhar sábio e compreensivo, verdadeiro e acolhedor para a fragilidade que nos fere. Bancar o herói, assumir um papel alicerçado em padrões que foram criados em nossa comunidade, a respeito de líderes, médiuns, dirigentes e trabalhadores da doutrina, será uma porta largamente aberta para a derrota.

Somos pessoas comuns. Não somos especiais por sermos espíritas. Ao contrário, o movimento espírita e, em particular, o centro espírita são enfermarias para doentes graves como nós. O Espiritismo aplicado com autenticidade é a cura.

Estamos carentes emocionalmente, e não queremos reconhecer essa realidade ou não queremos nos curar.

A dor da carência destrói a fraternidade, abate nosso idealismo e torna-nos criaturas infelizes. Quando a carência é vivida como uma falta de alimento afetivo, ela nos

machuca e tira nossas forças com tormentas ilusórias. Quando a vivemos para atender instintos mesquinhos, atolamo-nos na obsessão.

A solidão e o abandono são os resultados dessa luta que nos leva a criar defesas com majestosas mentiras, geradas pelo orgulho a respeito de nós próprios. Criamos uma ilha, uma bolha mental, com comportamentos alienados e distantes da realidade.

Daí o motivo de procurarmos, em nossas casas espirituais, a instauração de amizades legítimas, de laços sólidos uns com os outros, para que, acima de grupos espíritas, tenhamos grupos fortalecedores que nos sustentem, que vibrem por nós para que tenhamos fôlego na longa caminhada do aprimoramento.

E o que tem isso a ver com os exus e as pombagiras?

Eles são as entidades que melhor desenvolvem o papel educativo e transformador de nos colocar em climas favoráveis, para vencermos essas camadas de ilusão.

E a energia que possuem, a forma como se expressam, e a natureza da magia que desenvolvem, são capazes de atingir nossa alma de forma singular. Ânimo, conforto, estímulo, lucidez e motivação para a fé sólida são alguns dos verdadeiros presentes espirituais que podemos conquistar na convivência com eles.

Além disso, faz-se necessário ter conhecimento de que não são entidades exclusivamente afeiçoadas à umbanda. São vigilantes disciplinados e persistentes dos grupos espíritas desde o surgimento da doutrina em nosso Brasil.

A informação que os guias espirituais me passaram é a de que não existe proteção espiritual sem mencionar os exus.

Os exus são uma hierarquia organizada no astral, com milhões de espíritos que cumprem a função de oficiais da

ordem e do carma: soldados, policiais, investigadores, espiões, procuradores, juízes, detetives e aplicadores da lei e da ordem.

Em comum, trazem a força de suas energias e, algumas vezes, a braveza (diferente de violência) para suas atividades. São também espíritos com grande poder mental e, portanto, com bagagem extensa em magia e feitiçaria. No topo dessa hierarquia, encontramos os Guardiões, que velam por nações e pelo planeta, embora seja comum usar a designação exu para todos que compõe essa hierarquia, incluindo as Pombagiras, que têm campos mais específicos de atuação.

Uma casa espírita que não reconhece ou não teve ainda a oportunidade de identificar os protetores espirituais dessa falange em sua organização está desconectada do verdadeiro conceito de proteção dos espíritos.

Os umbandistas abriram de forma mais espontânea a porta para que eles atuassem em seus centros, mas eles não são espíritos da umbanda. São espíritos da justiça, e esse é o trabalho mais essencial que realizam.

O mundo de regeneração não acontecerá sem justiça. O amor é a alma dos tempos novos, embora seja preciso entender que, no planeta, a justiça ainda é algo preliminar aos ditames do amor. É necessário aplainar os caminhos para obter tempos melhores à nossa casa planetária."

O médium continuou sua palestra por meia hora. A certa altura de sua fala, ele começou a ter percepções mediúnicas. Pediu à coordenação da palestra que providenciasse a mensagem que seria recebida para os trabalhadores e, pouco depois, assim se pronunciou:

— "Nesse momento, desde que aqui entrei, percebo várias entidades dessa hierarquia assessorando a organização.

Vejo também a presença de Ciganos – assim que foram citados, eles entreolharam-se com uma fisionomia de surpresa e deboche.

E vejo se aproximando de mim, neste instante, alguém muito caro ao coração de vocês na União Fraternal. É o comandante Edgard Armond. Ele quer dizer algo:

'Irmãos, Jesus nos ampare e inspire.

Pelo carinho e pelo amor que a mim dedicam na obra que iniciei, quero lhes dizer algumas palavras. O momento assim solicita, diante das experiências desta casa de amor e luz.

Nenhuma obra na Terra é maior que nossa própria redenção espiritual. Todo o cenário de serviço e aprendizado por onde transitamos, nos contextos da abençoada Doutrina Espírita, é material didático de aperfeiçoamento da nossa alma.

Leguei uma tarefa e minha alma se rejubila de vê-los tão corajosos, persistentes e interessados em oferecer o conhecimento, o trabalho e a melhora íntima como pilares nessa Escola.

Honra-me falar publicamente o que nem sempre consigo em suas reuniões mais íntimas, nas quais respeito os critérios e regras estabelecidas por vocês no intercâmbio mediúnico. Que todos tirem o proveito que puderem. A mediunidade com Jesus é livre, e hoje, tendo esta oportunidade, vou dela me valer.

Chamo-lhes a atenção para que agreguem aos conteúdos de seus estudos a importância da amorosidade no trato de uns para com os outros, ponto basilar dos novos tempos da regeneração.

Aplicá-los não como princípios morais, mas em forma de relacionamentos curativos.

Afeto legitimamente sentido e amorosidade aplicada à conduta tecem elos de confiança e respeito, carinho e fortalecimento nos relacionamentos, e isso cria um ambiente de segurança espiritual contra os assaltos das falanges dominadoras.

Há coerência ao falarmos sobre a importância da guarda e da defesa de nossas casas, que estão sendo assaltadas com facilidade incomparável nos dias que correm. A invigilância na conduta constitui larga porta aberta ao domínio do mal.

Vivemos o tempo da transparência da alma, da autenticidade do ser. A Terra só se libertará da mentira e da hipocrisia quando for tomada pela verdade. Nada ficará em oculto nesta casa planetária. A verdade brilhará desde o individual até o coletivo.

Diga-se, de passagem, que as lutas individuais nesse sentido são muito cruéis e dolorosas, podem derrubar o bom trabalhador ou algemá-lo nas cadeias da tormenta interior. Quanto mais solidão e ilusão sobre a grandeza espiritual que ainda não possuímos, mais aumentam os riscos da insanidade mental e da obsessão. Os relacionamentos autênticos eliminam as raízes

das ilusões, porque ninguém aceita conviver com alguém que não se nivela de igual para igual na relação e pretende manter uma posição de superioridade.

Muitos, na dolorosa solidão imposta por seu próprio ego, nutrem a mente com fantasias de iluminação da qual todos estamos muito distantes.

Os espíritos que hoje servem às falanges das sombras não desejam fechar casas espíritas, mas sim torná-las estéreis, subordinadas à falsidade e à acomodação. Plantam as sementes da esterilidade do ideal, levando grupos inteiros à desmotivação, ao desânimo e, por fim, à descrença. E o clima da desconfiança daí originado segrega o trabalhador, levando-o ao isolamento perigoso nos seus pontos de vista.

Amigos queridos da obra, perdoem-se pelos erros e busquem, na humildade, o refúgio. Distanciem-se do orgulho que impede o arrependimento e o acolhimento no caminho da reparação. O rigor com o qual aplicam a obra que deixei volta-se contra si mesmos. Não há essa necessidade. Precisamos mais de afetividade do que de disciplina. Precisamos mais de amizades verdadeiras do que de conhecimento que envaidece. Havendo fraternidade entre nós, a obra terá mais frutos. Não temam essa proposta.

Algumas gerações novas estão perdendo encanto com a Escola pela falta desse clima. A linguagem dos espíritos que renascem de duas décadas para

cá é completamente diferente e mais rica de diversidade. Muitas regras fazem mais mal que bem.

Vivemos um instante delicado a respeito dos esforços a serem empreendidos.

Por essa razão, buscar a proteção dos exus, dos guardiões e dos protetores espirituais, que são entidades capazes de enfrentar os agentes da maldade, será medida urgente, em se tratando de organizar e alinhar recursos para o futuro. Nutram-se da companhia de todos eles. Isso será uma ação de vitória e progresso.

Vocês não têm noção do quanto esses desvelados irmãos estão dando suporte às suas fraquezas e segurando as defesas desta casa do bem. Liguem-se nessa indicação. Reflitam, mergulhem na reflexão.

Amo muito a todos vocês, e formamos uma egrégora de velhos companheiros desejosos de acertar e avançar, frente aos dramas de nossa consciência.

Ouçam, com atenção, o meu chamado como uma humilde colaboração e fiquem na paz do Senhor Jesus!

Edgard Armond.'"

O clima da palestra e mensagem mediúnica tocaram a todos, inclusive ao coração de Renan. Ele, na verdade, chorava para dentro. Por pouco, não deixou correrem as lágrimas. Envolveu-se de tal forma com a palavra do médium e com a mensagem

mediúnica, que se perdeu nos próprios pensamentos. Continha as lágrimas pela frieza de seu modo de expressar.

Os Ciganos, notando a alteração dele, aproximaram-se para intimidá-lo, mas foram surpreendidos por seis Exus Caveiras, que impediram a ação e a aproximação mental.

Eles trançavam inquietos pelo salão da palestra, procurando atrapalhar o ambiente. Estavam também interessados em recrutar, entre o público presente, pessoas para suas práticas amorosas.

08

AMOROSIDADE, O CAMINHO PARA A AUTENTICIDADE

Foi uma noite de bênçãos. Depois da palestra, o médium foi interagir com as pessoas e, quando tudo estava encerrado, Renan se aproximou e solicitou alguns momentos de conversa, antes que ele fosse para o Hotel.

Nós nos aproximamos de ambos, e os exus fizeram uma roda de proteção para evitar interferências dos Ciganos, que estavam atentos e vendo tudo o que acontecia.

— Claro, Renan, estou à sua disposição. Só volto para minha cidade amanhã. Podemos conversar um pouco.

— Primeiro, quero parabenizá-lo. Seu trabalho continua sendo uma luz e uma inspiração.

— Agradeço, irmão, mas o mérito pertence aos amigos espirituais.

— Olhe, nem sei por onde começar. Não é fácil falar o que vou falar, mas estou muito tocado pela mensagem do comandante. Sabe como é, não?

— Compreendo, Renan. Sua admiração por ele transpassa o tempo das reencarnações.

— Bem, você é médium, e provavelmente até imagina o que quero dizer – falou muito sem jeito, desejoso de ter um empurrão para iniciar a conversa.

— Percebo a presença de muitos amigos espirituais, Renan. Entre eles, Exu João Caveira, que vem

desenvolvendo muita proteção a esta casa. Fique à vontade. Sinto ser um momento importante.

— Acho que aquela mensagem foi para mim. Você não tem a menor informação do que se passa aqui e, mesmo que tivesse, algumas partes da fala do comandante mexeram com meu pensamento a tal ponto, que eu diria que estou chorando. Chorando sem lágrimas – falou, com a voz embargada.

— Eu sinto... Fale o que lhe der vontade. Não tente raciocinar. O comandante está aqui.

— Antonino, tem horas que sinto como se eu não existisse. Sou uma pessoa muito instruída e pareço um vácuo, um ser que não serve para nada. Sinto que não existo, sabe?

Parece que uma parte de mim se foi, estou travado, é como se tivesse algemas.

Sonho continuamente que estou preso e não posso sair. Sempre num lugar escuro, onde eu mesmo fechei a cadeia e só tenho metade de mim. A sensação que tenho é a de que estou louco ou a caminho de ficar. Louco por dentro e por fora, não sou o dirigente iluminado que todos pensam que sou!

Eu não era assim, fiquei frio, insensível, muito mental e nada afetivo, como mencionou a mensagem que você recebeu agora há pouco.

Tenho tomado contato com um profundo sentimento de dor. Não sei como chamar isso. Talvez, desmotivação, descrença, sei lá!

Dói muito. Uma sensação de que, novamente, joguei minha reencarnação no fracasso. Se parar para pensar com mais clareza, tomo contato com

pensamentos que assustam, como se eu fosse um ser inútil e sem sentido nesta existência.

Por várias vezes, entro em um estado de abstração, fecho-me em mim e, quando retorno, parece que fui mentalmente a lugares sombrios e tristes. Parece que não estou onde estou. É como se uma parte de mim estivesse distante. Algo que não consigo reaver.

Isso tem me dado até medo de pensar. Se o faço, imagino que estou debaixo de uma atuação obsessiva. Outras vezes, penso que estou ficando perturbado.

Sinceramente, sinto pontadas no coração e fiz exames para concluir que nada tenho. É angústia. Eu me sinto, em resumo, perdido e desventurado, sem encanto por nada.

Você acha que é uma obsessão?

— Você gostaria de um esclarecimento ou de ouvir a verdade?

— Qual o motivo dessa pergunta, Antonino?

— Porque conheço os dirigentes espíritas. Com raras exceções, querem ouvir a verdade.

— Sim, fale a verdade. Você percebe algo?

— Percebo muito. Percebo a sua dor, a sua energia, as presenças espirituais que criaram sinergia com você. Percebo o quanto se perdeu e que realmente tem um quadro delicado de sequestro de corpo de espiritual, o que indica um nível complexo de obsessão.

Mas, antes de falar sobre isso, quero lhe falar o que me vem à mente de uma forma livre, assim me integro, com mais profundidade mediúnica, com o comandante.

Eu quero começar relembrando um versículo do Cristo:

> *"Portanto, não os temais; pois nada há encoberto que não venha a ser revelado; nem oculto que não venha a ser conhecido."*[63]

Estamos em pleno Século 21, meu irmão, uma hora decisiva para o planeta. Depois de milênios na escuridão, chega o momento de a luz vencer as trevas.

Porém, o planeta está tomado por raízes ocultas do mal. A mentira, a corrupção, o mau-caratismo, a maldade intencional estão travestidos nas formas mais ultrajantes ao julgamento humano sobre a realidade. Escondem-se nas sacristias da religião, nas bancadas políticas, nos laboratórios da ciência, nas escolas, nos lares, nas organizações do Espiritismo e em diversas atividades humanas que foram criadas para o bem.

O momento é de revelar a sombra, colocar para fora todo o mal, identificar, com clareza, essas raízes de ódio e de domínio, para que sejam retiradas e limpas.

Vivemos o momento da transparência. Energias poderosas da presença de Jesus, bem próximas do planeta, criam um campo quântico com forte pressão para drenar e revelar o mal, deixá-lo bem à vista. A humanidade vive um instante de desilusão, e em meio do furacão destruidor da mentira, nasce uma nova ordem de coisas na casa planetária.

Tudo que estiver oculto será revelado. Isso serve para a Terra e para cada um de nós, seus habitantes.

O nosso inconsciente, no qual se encontram velhos programas mentais do erro e da queda, também passa por esse asseio. Nunca, em tempo algum, fomos tão forçados a ser quem somos. Essa força espiritual do Mestre que está em volta do planeta impulsiona para a verdade, para a autenticidade, para a recuperação de nossa verdadeira identidade.

Ninguém alcançará a tão sonhada felicidade sem revelar a si mesmo a sua verdadeira individualidade.

É necessário que todo o mal pessoal seja conhecido, compreendido e transmutado por cada um de nós. Não é possível mais viver neste planeta carregando a falsidade. E quem o tentar terá duros golpes de conflito, dor e "ranger de dentes".[64]

Fomos todos convocados pela "lei dos fins dos tempos", para essa correção e melhora.

Eu não sei exatamente o que vai me dizer, contudo, que fique claro, seja o que for, o que lhe disse é a resposta. Você está sendo profundamente chamado para a verdade de si mesmo.

Não vamos perder o eixo. Fale o que sente em seu coração. Conte comigo.

Renan estava completamente absorvido pela fala do médium, como se o recado o tocasse nas profundezas da alma. E, como se voltasse de um transe, disse, brincando, sob o impacto daquela fala:

— Nossa! Eu sabia por onde começar, agora nem sei mais por onde continuar – e riram-se os dois, relaxando o clima.

Mas não quero perder a chance de aprofundar o tema com você. Isso que acabou de dizer realmente

explica tudo. Vamos começar a falar, se puder, sobre o sequestro de corpo, pode ser? Isso me chamou a atenção.

— Sim. Farei isso conectando com o que acabei de lhe dizer.

A razão de você sentir e sonhar, durante a noite, que está "pela metade", faltando uma parte sua, sem sentido para viver, é efeito de corpo sequestrado: o corpo mental inferior.

Temos um agregado de sete corpos, e o CMI pode ser facilmente deslocado e, em algumas vezes, até aprisionado por motivos diversos. Essa é uma das causas de muitas doenças psíquicas e orgânicas. Um quadro bem delicado de obsessão acontece quando se atinge esse ponto de sequestro.

— Nem imagino o que possa ser isso, nem como aconteceu. Confesso, mesmo com tanto desejo de aceitar, que não consigo me ver em obsessão. Fico muito curioso de entender.

— É sempre assim, Renan. É difícil, principalmente para nós que conquistamos tanto conhecimento e com uma ficha de serviços prestados ao Espiritismo por décadas, admitir uma obsessão. Agimos como se o conhecimento e a participação na seara nos imunizassem de todo mal.

Vejo o comandante entre nós. Ele está me esclarecendo algumas coisas enquanto você fala. Ele diz que não quer humilhá-lo nem acusá-lo e também que sabe tudo a respeito de sua vida íntima, e que não tem como alguém viver na obra do bem somente nas expressões exteriores, sem consolidar esse bem por dentro. Quem tenta isso se desalinha, descrê e abate a si próprio.

Faz sentido para você essa fala dele?

— Total sentido. Será que ele pode me responder o que está acontecendo comigo? Será essa a causa da obsessão?

— Sim, ele diz que você está colhendo o fruto da falsidade. Mas ele não o condena. Ele o entende, assim como acolhe e apoia. Entretanto, não tem como interferir nos efeitos disso em sua vida mental.

Ele pede também que não se preocupe com a obsessão. Ela é apenas um efeito, um dos males que resulta da conduta sem sintonia com o bem próprio.

Ele me diz que você se perdeu nas tormentas do apego ao poder e que isso o fez se distanciar de sua autenticidade, de sua verdade pessoal. E lhe faz uma pergunta: você acha que conseguiria viver longe da posição de comando na obra?

— Comandante, com tanta gente preguiçosa, como fazer isso? Certamente, a obra vai acabar e não prosseguirá – disse Renan, passando a dirigir sua fala ao querido Edgard Armond, em sintonia com o médium Antonino.

— Ele disse que você não respondeu à pergunta dele.

— Não, acho que não. Não conseguiria. Eu gosto de ter autoridade, de exercer o comando. Não sei viver sem mandar, sem controlar, sem ter as decisões em minhas mãos. Eu gosto disso. Eu também gosto muito da obra, do trabalho.

Aliás, essa tem sido uma dúvida minha. Creio que a única coisa que me mantém vivo é poder estar à frente de tudo. Quando Zezinho assumiu a obra, senti que minha vida acabou. Isso me assustou profundamente. Foi a primeira vez que identifiquei o quanto estou apegado a tudo isso, mas ainda não

consegui fazer nada para mudar. Foi a primeira vez que me dei conta de que não estava bem, entretanto, preferi acusá-lo de tudo o que aconteceu, menos olhar para mim mesmo.

Não, comandante, não sei viver sem comandar. Eu não teria vida sem a União Fraternal. Ela tornou-se meu centro de referência para viver. Tornou-se meu balão de oxigênio para me manter vivo.

— Ele agradece sua sinceridade e continua a dizer que não há como ser feliz colocando em uma obra perecível a sua razão de viver. Essa é a origem da sua dor. Se a obra se torna a sua missão, você inverteu tudo. A obra é o caminho, é a ferramenta para a grande missão da redenção pessoal.

No diálogo, Antonino alternava entre dar passividade total na comunicação e transmitir a fala do generoso amigo espiritual:

— Você ignorou esse simples princípio da elevação espiritual e está pagando doloroso preço moral e emocional por isso.

O seu CMI foi sequestrado, e estamos em um esforço conjunto para livrá-lo dessa situação. A verdade bate às portas da sua alma, e você não se abre para a mudança. Precisará tomar uma decisão na vida para que consigamos livrá-lo dessa tormenta.

— O senhor tem toda razão – falou Renan, com um olhar de revolta, e agora sim, marejado por lágrimas, que escorriam.

De fato, já não ligo a mínima para nada. Sinto que as pessoas não me suportam. Sou mesmo um zero à

esquerda e me definho em um conflito interior com a sexualidade e o poder.

Sinto-me vítima de meu vício de prestígio e de personalismo. Ajudo muitas pessoas e não consigo alívio para mim.

— A energia da autenticidade ilumina o planeta. Não há como fugir de si mesmo. O endurecimento do coração é sintoma de embotamento do afeto, o efeito indesejável da presença de muito ego e pouco amor. Mas eu sei que você tem outra angústia em seu peito, diga.

— Acredito que estou prejudicando muita gente.

— Muitas mulheres, você quer dizer?

— Sim, comandante. O senhor já sabe do que estou falando. Eu realmente "chutei o balde". Não dei conta mesmo.

— Mas sente-se arrependido!

— Muito. Começo a ser tomado por incômodos que estão me matando. Essa angústia...

— Essa angústia é reveladora. Ela diz que você está ferindo sua própria consciência. É dela que vem a descrença e a falta de ânimo com a própria vida. Essa é uma dor que massacra.

Você é um cooperador eficiente e consciente da obra, meu filho. O que fica em falta é entender que a obra não é sua, que muitas pessoas fazem a parte delas, uma vez que estão comprometidas com ela.

Se você deseja e aspira uma melhora, terá de encontrar uma forma de cooperar tornando-se desnecessário.

Um dos maiores equívocos do servidor do Cristo é fazer-se insubstituível. Todos somos necessários,

mas insubstituíveis, jamais!

— Cansei de ouvir isso dos amigos aqui da casa, e não consigo dar ouvidos a eles. O senhor, comandante, pode me dar uma orientação clara sobre como vencer essa dureza em meu coração?

— Entendendo que a obra que deixei não contempla toda a verdade. Tem muitos conceitos literalmente ultrapassados e que solicitam uma linguagem nova.

Além disso, colocaria a amorosidade e o relacionamento sincero e sadio como metas maiores de todo o projeto, pois são a base da reforma íntima. Mais até que o estudo e o trabalho. Compreendeu?

— Acho que compreendo sim, mas dá uma reviravolta tão grande dentro de mim, que chego a me sentir mal só de ouvir. Como fazer isso?

— Descubra o seu jeito. Esse será seu remédio e, ao mesmo tempo, um caminho de experiência que colocará novos conteúdos em nosso projeto, enriquecendo todos.

Corações duros, meu filho, só amolecem com relacionamentos sinceros, amáveis e gratificantes, ricos de amorosidade. Relacionamentos que nos colocam por igual com as pessoas, nos quais nos revelamos como pessoas comuns, quebram toda imagem falsa que plantamos nos outros sobre nossa suposta grandeza. As pessoas não o respeitam, elas têm medo de você. Elas não se relacionam com você, elas lhe obedecem. Você não se relaciona com elas, você manda, controla e impõe. E, por efeito, não o tratam como um ser humano, tratam-no como dirigente, como um ser portador de capacidades especiais. O que muito lhe agrada.

Isso petrificou seu coração. Entendeu?

— Alguma atitude pela qual posso começar?

— Desapego e autenticidade, essas são as duas grandes metas.

Diga a si mesmo que já chega, que chegou ao fim. Admita sua fragilidade, e um caminho se abrirá para sua verdade.

Fazer-se de forte e ser uma referência para os demais o tornou um homem falso, longe de si mesmo e dos outros, uma pessoa triste e infeliz.

A hipocrisia é fecundada quando o ser humano não reconhece suas limitações e quer impressionar e manter uma caricatura de si mesmo para os outros. Perdoe-me a franqueza, você faz um teatro, representa o papel de dirigente para seu grupo.

Eu sei de sua vida pessoal. Ela não só lhe tem causado árduas lutas, como também a esta casa de amor.

Não fossem os companheiros exus que você tanto recrimina, e tudo já estaria perdido.

— Então, o senhor também aprova os exus? – perguntou Renan, com surpresa.

— Pensa que não sei o que aconteceu na reunião de diretoria? Sabe o quanto perdemos essa noite, não permitindo que os trabalhadores participassem? Sabe você, acaso, o quanto todo o processo da Casa do Perdão pode ser travado em nosso plano por conta de sua decisão? Eu o ouvi convencendo, antes da reunião, dois dirigentes a votarem contra a palestra – nessa hora, Renan se assustou, porque não havia como o médium saber qualquer coisa sobre isso. Nem mesmo os diretores gerais tomaram conhecimento dessa atitude.

— Talvez, tenha me equivocado.

— Renan, meu filho, você precisa entender e aceitar que tem se equivocado muitas vezes. Se deseja, realmente, vencer a dor que me narrou, terá de mudar. Entenda que está muito enfermo espiritualmente, sinta isso em sua alma.

Essa fala foi um golpe muito forte. O dirigente parou por um instante, colocou as duas mãos no rosto, olhou para Antonino, e disse:

— Eu sinto vergonha. Como é difícil falar isso!

— Você ainda será muito testado – continuou o médium, sob influência do comandante Armond.

Estamos em um momento decisivo nesta casa. Sua postura fará enorme diferença para o futuro da obra.

Existe uma entidade aqui, o senhor João Caveira, que lhe propõe abertura incondicional nas atividades mediúnicas, para que ele e sua equipe possam lhe prestar mais orientações e amparo.

Além de sua conduta pessoal, com esse endurecimento de seu coração, será muito bem-vinda uma profunda e significativa mudança nas tarefas, nos relacionamentos e na condução da organização.

O astral da Casa do Perdão está comprometido.

— Comprometido significa o quê?

— Sob domínio de entidades com as quais você se envolveu e se comprometeu. Seu CMI está sob guarda e apreensão delas.

— Seriam os Ciganos? Velhos compromissos de outras vidas?

— Sim, são eles. Só que os compromissos não são tão velhos assim. Foram ativados em suas atuais vivências junto ao candomblé – e novamente Renan se curvou na cadeira com as mãos no rosto. Dessa vez, ficou em silêncio.

Nesse momento, Antonino assumiu o diálogo, mas ainda sob forte conexão com o mentor dos trabalhos:

— O comandante está me dizendo que não quer humilhá-lo, mas ele precisava ser claro para dar-lhe um choque de realidade. Você é muito descrente.
— Ele conseguiu, Antonino. Agradeça-lhe por mim. Nem sei mais o que dizer.
— Ele cita o nome de Rose. Você conhece alguém com esse nome?
— Sim, conheço sim.
— Ele diz que tudo começou com ela. Consegue entender?
— Perfeitamente. Tinha uma desconfiança disso. Foi há dezoito anos, em um centro de candomblé.
— Ele me disse que está feliz pela oportunidade e pediu que você guarde os conselhos dele. Graças à bondade divina e a diversas intercessões, você será muito assistido nesses assuntos, ainda esta noite. Prepare-se.

Se já não bastassem a palestra e a mensagem do comandante, Renan agora estava literalmente espantado com as revelações trazidas por Antonino. Apesar disso, sentiu-se mais calmo com tudo que foi dito. Em seguida, o médium se despediu e foi para o Hotel. Renan foi para sua casa.

Logo após esse momento, seguimos com Renan em direção ao seu lar.

Os exus de prontidão não permitiram a aproximação dos Ciganos, que se mostravam preocupados com os acontecimentos.

Era o momento de ação de nosso grupo. Chegando a casa, Renan fez uma pequena leitura. Preferiu não olhar as costumeiras mensagens no celular e dormiu.

Assim que se desdobrou, nós o conduzimos para um posto avançado do Hospital Esperança, no astral de São Paulo.

Embora não lhe tivesse sido revelado, na conversa com o médium, seu corpo mental inferior já estava devidamente resgatado após a queda da organização de Dragões, que o mantinha prisioneiro e pronto para a acoplagem. Foi feito um intenso asseio no corpo astral, removendo camadas de matéria grosseira e enfermiça na região sexual, eprocedemos à junção dos corpos logo em seguida.

Ataduras enormes de imantação, feitas com material da natureza, foram passadas em torno de todo o corpo espiritual, como se fosse um esparadrapo gigante que amarrasse um ao outro. Ficou bem parecido com uma múmia. As ataduras de material fluídico seriam absorvidas pela aura, fariam a função de uma cola. O objetivo era evitar que houvesse um desalinhamento dos corpos antes do período mínimo de 48 horas. Antes disso, a operação poderia não obter êxito.

Tudo obedecia a um cronograma muito bem planejado por parte de nossa equipe. Havia chegado o momento de pôr fim àquela situação.

Devidamente feito o procedimento, levamos Renan ao seu corpo físico, em sua casa. Estava em sono profundo. Tudo correu conforme o planejado e, assim como ocorreu com o caso de Osório[65], mais uma alma "vendida ao diabo" acabava de ser resgatada para seguir seu rumo natural na direção de Deus.

09

JOÃO CAVEIRA E AS COMUNIDADES DE INTEGRAÇÃO SOCIAL NO HOSPITAL ESPERANÇA

Passavam das duas horas da madrugada, e os Ciganos aguardavam do lado de fora da casa de Renan para falar com alguém. Queriam saber o que havia ocorrido lá dentro. Tentaram, por várias vezes, romper a proteção vibratória feita no lar. Não conseguiram. Estavam nervosos, e alguns gritavam:

— O que pensam que vão fazer com ele? Ele nos pertence. Temos posse.

Baixinho, transfigurado em Exu João Caveira, saiu à porta para conversar com eles.

— O ciclo de vocês acabou. Não irão mais vaciná-lo. Recebemos autorização para lhes impedir a ação. Ele já tem os corpos agregados. E não atenderá mais às diretrizes da vossa comunidade.
— Autorização? Acaso precisamos de alguma autorização para usar o que é nosso?
— O tempo do grupo de vocês acabou. A dívida do Renan está paga. Chega! Sabem que não têm mais a tutela de quem lhes garantia força e poder. A presença e as estruturas dos Dragões do bairro foram eliminadas. O bem está superando o mal em tudo. A luz venceu.
— Temos nossos próprios recursos, e tempo de uso que nos garante propriedade.
— Direitos que nunca existiram. Vocês foram enganados o tempo todo.

Não existe invasão definitiva, posse indevida e contas com prazo de validade. Renan já pagou o que lhes devia. Terão de mudar de local. Serão despejados da Casa do Perdão. A partir de hoje, daremos três dias para fazerem a mudança. Já tomamos as providências iniciais. Renan está com todos os corpos acoplados. As suas vacinas já não terão mais nenhum efeito, mesmo porque nem sequer permitiremos que se aproximem dele. Já usaram e abusaram do que não lhes pertencia e criaram embaraços de sobra para nossa tarefa. Agora chega!

— Vou levar seu recado a nosso chefe, e marcaremos uma reunião. Não reconhecemos autoridade em você. Não tomarão nosso espaço.

— Não haverá reunião alguma. Eu, João Caveira, sou interventor cármico com suficiente poder e autoridade para o que estamos fazendo. A partir de amanhã, destacaremos um pelotão de guerra que começará a fechar as portas astrais da Casa do Perdão. Só entrará quem permitirmos. Renan não obedecerá mais a nada, a respeito de suas propostas.

Estamos libertando, igualmente, os demais membros do grupo. A guerra acabou. Neste momento, todos estão sendo alvos de nossas ações curativas, realizadas em nome do Cristo. Não é só ao Renan que nós atendemos. Todos se encontram sob proteção especial, e vocês não têm mais o exército dos Dragões nem a tecnologia deles para impedir isso.

O ambiente astral da Casa do Perdão, neste exato momento, está sendo tomado pelas nossas equipes.

> Seu chefe está conversando com nossos guerreiros de linha de frente. Rendam-se, mudem de local. Chegou a hora de vocês. Se derrotamos os maiorais, imaginem como será pior se resistirem. Começaremos a prender um a um se insistirem. Querem acabar com a comunidade de vocês? Tentem para ver! E separaremos sua comunidade em algumas horas. O que preferem? Manterem-se juntos e terem um local digno que lhes pertença, ou serem isolados?

João Caveira falava com firmeza, e os Ciganos sentiam a situação melindrosa em que se encontravam. Imaginar que poderiam ser separados por prisão foi aterrorizante. Eles nutriam uma profunda simbiose de clã. Saíram revoltados, porém com medo. Foram atingidos no alvo.

O clima ainda ficou muito exaltado, e os Ciganos acabaram por sair em direção ao local da Tsara.

Não acreditaram no que viram. As mulheres, os homens e as crianças[66] de seu clã estavam todos do lado de fora da Casa do Perdão. A equipe de exus, toda trajada com o mesmo manto e capa roxa dos caveiras, montava guarda. Eles esperavam apenas a chegada da equipe que estava no lar de Renan, para passar as orientações coletivas. Havia um clima de medo e desorientação. Todos foram retirados da Tsara. Ao todo, aglomeravam-se ali mais de trezentos Ciganos.

Nossa equipe, composta também por Salete e Gonçalo, entrou para ver de perto. Eles estavam surpresos com o tamanho da Tsara, que mais parecia um grande hotel, com vários quartos e com várias dependências para festas e comemorações. Tudo muito enfeitado, muito colorido. A energia que dali emanava exauria, causava mal-estar. Alguns passos dados para dentro, e nossos companheiros

demonstravam nítido cansaço. Salete estava sufocada. Mesmo assim, prosseguiu.

Ouvimos gritos. Alguns dos ex-moradores xingavam, indignados com o despejo. Os exus da falange caveira mantinham-se firmes, corajosos e muito frios diante dos arroubos emocionais de todos.

O clima tenso foi quebrado por João Caveira, que também já havia se deslocado para o ambiente e ficou à frente de todos, na entrada da Casa do Perdão. Pediu silêncio e falou:

— Sou Exu João Caveira, e essa ação está sob minha tutela e guarda. Estamos aqui como interventores cármicos, e vocês não têm alternativa. Sabemos da situação de todos e, mesmo sendo justo o despejo, não é nossa intenção criar embaraços e deixá-los à míngua.

Os Dragões dominavam vocês com mentiras e maus-tratos, oferecendo este lugar e os elementos químicos que supriam suas dores e carências.

Como farão agora, com baixo estoque das drogas que os mantinham aqui, sendo que eles foram eliminados? Vocês não têm sustentação e não se organizaram de forma a se manterem. Queiram ou não, estão sendo punidos porque agem como ladrões da vida alheia.

Somos justiceiros, e não mercenários. Servimos ao Cristo, que vocês desprezam, e esta casa foi por muito tempo prejudicada pela acomodação de vocês e pelos descuidos dos que se encontram na condução dela no mundo físico, e que lhes abriram as portas.

O nosso trabalho aqui é parte de um serviço muito maior, que ocorre em todo o planeta, para limpeza e

asseio do astral mais próximo à vida material.

Temos trabalho, tratamento, remédio e orientação para lhes oferecer, além de um local mais distante e perto da natureza, onde poderão reorganizar a vida de vocês.

Em um ambiente afastado do centro urbano, poderão ser melhor tratados. Terão médico, hospital e acolhimento para conduzirem sua comunidade a novos dias.

Se aceitarem por livre escolha, assumiremos com vocês o compromisso de ampará-los. Do contrário, sigam o rumo que quiserem. Não os temos como inimigos, são nossos irmãos de caminhada.

É o que tenho a dizer. Amanhã de manhã, estarei esperando um grupo de representantes de vocês aqui, dentro do ambiente da Casa do Perdão, para discutirmos os detalhes.

Algumas ocorrências sem sentido foram notadas ao longo da madrugada. O clima era de conversa e aflição.

Já passava das sete horas da manhã, e tivemos notícias de Renan, que despertara sentindo-se muito mal, febre muito alta e com dores em todo o corpo. Algo esperado e explicado pelo processo de reajuste vibratório e acoplamento dos corpos. O CMI dele, apesar de esterilizado, vinha com algumas escórias de infecção adquiridas na prisão, e somente ao contato com o corpo físico poderiam se curar. Foi para o hospital com um quadro similar ao de apendicite, embora não localizassem a natureza da causa. Pela intensidade da infecção, começou a tomar doses altas de antibiótico e foi internado.

Por sua vez, no astral da Casa do Perdão, a noite foi longa para todos os envolvidos. Uma equipe de Ciganos chefiada por

um homem alto, que também chamava Igor[67] se aproximou. Logo Pai João perguntou:

— E então, o que decidiram?
— Não temos escolha. Falta-nos tudo.
— Vocês não são previdentes. Nem mesmo para uma boa luta. Foram escravizados e usados. Precisam ter humildade de aceitar isso. Nossos favores não serão eternos e implicam em mudança e trabalho de cooperação.
— Que tipo de mudança e trabalho? Largar nossas origens?
— Jamais. Nada a ver com raça. Mudança de costumes morais. Vocês têm força de magia e podem aproveitar isso no bem. Trabalho não faltará aonde os mandaremos.
— O que chama de mudança de costumes?
— Educação e respeito com as pessoas.
— Mas nós nada fazemos que alguém não queira.
— Não vou discutir isso com você. Fale-me o que decidiram.
— Por quanto tempo vão nos oferecer ajuda?
— Por quanto tempo precisarem, até conseguirem se manter e organizar a própria independência.
— Temos casos de pessoas que precisam do regresso urgente ao corpo físico. Os Dragões nos prometeram reencarnações. Nossos amigos doentes estão perdendo a forma espiritual[68] e estão apavorados com a ideia de não regressarem ao lado dos seus elos no mundo físico. Precisaremos de drogas e remédios. Poderão nos oferecer isso também?

— Temos departamentos para tudo isso, e que poderão avaliar os casos. Drogas como as que usavam não terão. Nada de vícios. Temos tratamento e internação específicos para dependentes.
— E que lugar é esse para onde nos levarão?
— Fica nas imediações do Hospital Esperança. São comunidades agrícolas e de serviços de cooperação e de autossustentabilidade.
— Serão instalações isoladas?
— Perto de outras, com natureza, onde poderão trabalhar e com boa infraestrutura. Temos muito serviço no hospital.
— E como saberemos chegar lá?
— Temos locomoção pronta à espera de vocês. Levaremos todos ainda agora, pela manhã.
— Vocês estão nos prendendo nesse lugar? É um presídio?
— De forma alguma. Serão respeitados nos seus direitos e terão deveres a cumprir. Terão juiz, médico, professores e orientadores educacionais. Tudo custeado pelo hospital até que possam começar a colaborar com os serviços de nossa Casa de Amor.
— Aceitamos a oferta de vocês.

Naquela manhã, todos os Ciganos foram transferidos sem nenhum incidente. Começariam uma vida nova e assistida pelo Hospital Esperança, que estava com um projeto fantástico de formação de comunidades no entorno de sua área astral.

O ambiente da Casa do Perdão foi completamente higienizado em três dias de serviço. A Tsara foi destruída para ampliação das enfermarias de socorro no astral. O deslocamento dos Ciganos resultou também em libertação do

peso espiritual sobre várias outras pessoas que frequentavam a Casa do Perdão, e que eram obsidiadas por eles.

Passaram-se oito dias de tudo aquilo. Era o dia de visitas a Renan. O quadro agudo de infecção havia cessado. Ficou muito abatido e fraco. Tivemos notícias de que Raquel iria visitá-lo no hospital onde estava internado. Assim que soubemos, Salete comentou:

— Pai João, que risco! Vai começar tudo de novo entre os dois?

— Vamos para lá, minha filha. Vamos acompanhar.

Chegamos ao ambiente com Salete, Gonçalo e Baixinho, que agora se apresentava na sua forma original.

Olhamos para Renan com piedade. Muito magro e fraco, embora sua energia espiritual tenha se alterado para melhor. Logo em seguida, chegou Raquel, que falou:

— Bom dia! Olhe quem chegou para visitá-lo! – chegou brincando e descontraindo o clima.

— Raquel! – respondeu Renan, entre surpreso e temeroso.

— Sim, a própria em corpo e alma!

— Mas...

— Nem precisa falar nada – brincou, colocando o dedo na boca em sinal de silêncio. – Vim com bandeirinha da paz. Estou muito nervosa, mas não vim para brigar. Fique tranquilo. Só precisava vê-lo e conversar um pouco.

— Não posso deixar de confessar que estou surpreso.

— Eu sei. Compreendo. Também me sinto surpresa com minha coragem de vir até aqui. Como você está?

— Hoje, bem melhor. Foram dias difíceis. Muito remédio, muita dor.

— E descobriram o que é?

— Uma infecção estranha que ninguém consegue explicar.

— Que bom que se encontra melhor. Várias pessoas me deram notícias e falaram que viriam visitá-lo, então eu resolvi vir também.

— Várias pessoas? Quer saber quantas visitas recebi?

— Quantas?

— Meus filhos. Mais ninguém.

— Nossa! Verdade?

— Sim, é verdade. A última pessoa que poderia imaginar que viria aqui é você.

— Pois então, eu precisava dizer-lhe algumas palavras. Espero não estar sendo inoportuna. Hoje acordei com essa vontade e não consegui me frear.

— Fique à vontade. Estou feliz com sua visita. De verdade!

— Quero que saiba que melhorei muito daquele estado. Comecei uma terapia, passei a frequentar outro centro e estou em uma ótima fase. Vou mesmo me separar, mas não porque tenha alguém ou queira ter alguém. Simplesmente, não dá mais.

Eu vim aqui, na verdade, pedir-lhe perdão por tanta exaltação. Nós não daríamos mesmo certo. Estou entendendo minhas próprias dificuldades, carências e limitações. Fiz várias avaliações e não sei se é só a terapia ou se tem algo de espiritual, mas, de alguns dias para cá, sinto-me mais leve. É como se um peso espiritual, que eu sentia, tivesse se diluído. Comecei a sonhar com metas de vida e a sentir a importância de olhar para meus atos recentes.

Não sei! Meu marido falou a mesma coisa sobre a Casa do Perdão. Não sabemos o que é. Algo mudou.

Conversando com várias pessoas, todos sentiram isso.

Enfim, quero lhe dizer que desejo tudo de melhor e que você foi muito importante nessa minha transição. É isso. Não tenho motivos para odiá-lo. Estou entendendo tudo melhor.

— Que bom ouvir isso, Raquel. Eu também lhe peço perdão. Estou muito sensível desde que me internei aqui. A solidão está me fazendo pensar muito sobre meu lado sombrio e dominador.

Sua fala e sua lealdade ao bem só me incentivam a tomar a direção correta de meus atos no futuro. Desejo que você seja muito feliz.

— Eu o entendo, Renan. Qual de nós pode falar dos outros, não é? Também desejo suas melhoras e sua recuperação rápida.

Ao fim da visita, após beijar a testa de Renan, Raquel saiu do quarto.

A cena foi intensa de sensibilidade e verdade. Salete tinha os olhos lagrimejando. Olhar a luz dissipando as sombras tocou o seu coração, em genuína fonte de amor.

Baixinho olhou-me, pediu licença a todos e convidou-nos para rezar na capela das Treze Almas Benditas no cemitério da Vila Alpina. Fomos todos para lá. Era um dos lugares preferidos em que os exus da falange caveira costumam realizar magias e desenvolver suas atividades magísticas.

Chegando diante daquele ponto de força, humilde na sua construção física e majestoso de riqueza espiritual, Baixinho orou, em voz alta, a famosa Oração das Treze Almas Benditas e, em seguida, transfigurou-se aos nossos olhos em plena luz do dia, surgindo o senhor João Caveira, que olhou para o céu e, em

seguida, agachou-se, colocando sua mão esquerda no chão do Cruzeiro, e, em alta voz, disse:

— Laroyê Exu! Mojubá Exu! Exu é Mojubá! Salve os exus, os reveladores da Verdade!

Epílogo

QUARENTA ENSINOS DE POMBAGIRAS E EXUS

1. O que estou fazendo de errado para ter tanto problema? Assim pergunta o homem, desses que adoram mandar nos outros e manter a linha dura.

   A resposta é muito fácil, seu desmiolado. Quem é que o aguenta com tanto desprezo e falta de educação? Zé Pelintra.

2. Limpeza? Faço sim, sinhô.
   É garantida?
   Depende do sinhô. De que precisa?
   Preciso do sinhô.
   Tudo é sinhô, sinhô?
   É sim, sinhô. Zé Pelintra.

3. Se você não sabe o que pedir a exu, criatura, tranque a boca e saia de banda. Seu pedido vai ser sempre atendido. Sabe-se lá como... Quer tentar? Peça. Zé Pelintra.

4. Meu profundo respeito a quem não se sente bem a meu respeito. Não sou fácil, nem quero ser. Sou o que sou e assim mesmo tem quem não desgruda de mim. Pareço santo, pareço diabo, mas tem muita gente que não se esquece de mim. Zé Pelintra.

5. Trabalhamos no dia, trabalhamos na noite. Chamou o Zé, lá ele *tá*. Faço isso porque quero, não devo nada a ninguém, nem pra sinhá, nem pro sinhô. Chamou o Zé, lá ele *tá*. Mas não tente me *amarrá*! Zé Pelintra.

6. Um terno novo é sempre bom. Melhor é ter o guarda-roupa que eu quero. Quem gostaria de aprender a fazer isso com a mente? Zé Pelintra.
7. Sinceramente, é muito bom que eu não esteja na matéria. Eu poderia usar minha mão pra dar uns tapas no pé de umas orelhas... Haja paciência! Zé Pelintra.
8. *Tá* achando que, do lado de cá, as coisas *tão* melhores? Morre pra ver... Zé Pelintra.
9. Todo mundo pode pedir o que quiser a exu, mas, para receber-lhes a amizade e ser parceiro de sua magia, é necessária uma acentuada capacidade de ser justo, tolerante e amoroso. Exu Caveira.
10. Os espíritos amigos, muitas vezes, criam barreiras ou conturbam o caminho com um único objetivo: atender súplicas que fizemos. Só que as dificuldades que criamos não são bem recebidas nem bem interpretadas. Maria Mulambo.
11. Acha mesmo que me engana com essa cara de tacho? Vi você outro dia pegando fio de cabelo do chefe... Quer aumento, criatura? Seja mais competente e cumpra melhor a sua função, macumbeira. Maria Quitéria.
12. A amarração que você faz para conquistar alguém à força é como uma lata de lixo que despeja em si própria. Magia assim aplicada é praga e maldição, e não são caminhos do eterno amor, são algemas de solidão e caminhos que a levam à dor. Maria Quitéria.
13. Sou exu dos ventos fortes, dos lugares imprevisíveis. Sou da calunga grande.[69] Sou exu de guarda atenta e não posso piscar os olhos que morre gente com choque e afogamento, furacão e desmoronamento. Exu Pirata.
14. Vai à igreja e suplica: "Quero um homem bom e fiel". Sai de lá e, na primeira esquina, reúne-se com a turma do gole. Toma todas que pode. Vai pra rua que nem alto-falante

gritando alto, gritando forte. Quero um homem, mas parece que não tenho sorte. Maria Mulambo.

15. Ainda não tenho asas, nem sou mais assombração. Sou exu que serve ao bem, sou juiz e guardião. Tranca ruas.
16. Deu uma ventania no alto da serra. É a pombagira que vai descer pra Terra. Ela vai *trabaiá* com amor, curar feridas e *retirá* toda dor. Maria Padilha.
17. Foi a profunda relação de sabedoria e amor entre Bezerra de Menezes e seres intergalácticos que possibilitou a utilização da mais avançada tecnologia de saúde para os habitantes da Terra, nos últimos trinta anos do planeta. José Grosso.
18. Quer proteção no trânsito e põe patuá no porta-luvas. Costura em zig-zag e pisa até 150. Abra seu olho, mané, assim ninguém o aguenta. Só volitamos até oitenta. Daí pra frente, é o capeta que o atenta. José Grosso.
19. Protejo gente perdida no astral, eguns e quiumbas[70] de todo jeito. Uns se enforcaram na mentira, outros na perdição. São espíritos que não sabem o que querem e nem para onde vão. Exu Marabô.
20. Pede que a vida melhore e quer um emprego melhor. Diz que não tem tempo nem lugar para trabalhar. Mas não desgruda do celular e adora os braços de um sofá. José Grosso.
21. Já fiz de tudo para ajudá-la. Dei empurrão e solavanco. Reza brava não adianta. Essa menina se deu mal. Dorme o tempo todo e já tem uma cama no umbral. José Grosso.
22. O conceito de simplicidade adotado por alguns companheiros da Doutrina Espírita retrata uma relação mal resolvida com a culpa e com o medo de possuir uma vida favorecida de bens e rica de prazer. Pai João de Angola.

23. Na minha valise James Bond,[71] já passaram muitos contratos. Há quem pense que proteção é só coisa de religião, fé e oração, no entanto, poucos sabem que para muitas ocorrências não tem outro jeito e que são acertadas mesmo é nos tribunais do carma, nos acordos e na conversa. As trevas adoram um negócio. Exu Marabô.
24. *Tá* faltando um amor na minha vida, do resto eu dou conta. Acendeu vela e fez novena. Não é que ela arrumou? Junto com ele vieram a amante, os filhos e a sogra irritante. Peça, que a vida dá. Agora vai ter que dar conta. Maria Mulambo.
25. Aonde no astral chego, ninguém atreve-se a ir. É um pedaço do inferno com muita dor. Lá tem pai, filho, mãe, amores que um dia escolheram a trilha da sombra. São escravos da aflição. Pense neles com amor, são pedaços que faltam no seu próprio coração. Exu Caveira.
26. Ninguém morre e fica órfão no astral. Tem muito amparo e bondade. Justiça é aplicada apenas contra abusos e egoísmo. Mas, acima de qualquer punição, a lei que impera é o amor, que manda ceifar qualquer lamento e extinguir qualquer dor. Exu Caveira.
27. O caminho é só um: Jesus no coração. Mas tem gente que descuida e só fica de oração. José Grosso.
28. Você que finge não ter medo de nada e se acha o *top* da vida, escute aqui: não lance sua mão e sua língua contra protegido meu, as coisas podem ficar complicadas para você. Acha que, do lado de cá, não tem isso? Tente pra ver... Sucumba à minha clava, infeliz... Exu Marabô, servindo a linha de Xangô da Pedreira.[72]
29. Aproveite sua vida no mundo físico. A fila, para renascer, cresce do lado de cá. Acredite, já existe tráfico de reencarnação. Ave Maria! José Grosso.

30. Cante e bata palmas para celebrar a alegria. Não ligue para quem está travado na amargura e no mau humor. Espante seus males: cante! Exu Marabô.
31. Solto bomba no astral, faço barulho com apito pra assombração, tarefa esquisita de gente pequena. Sigo a cartilha de gente da luz, sou capanga e serviçal que tem a bênção de Pai João. Meu nome é Zé do Arrastão.
32. Já cheguei ao centro espírita e cantei "Carinhoso".[73] O médium era muito bom, ouviu a música, escutou o refrão e olhou para mim. Só deu um fora quando fiz silêncio. Ele, alegre e sorridente, disse: Pixinguinha, você está vivo! Não era ele o cantor, era eu, Zé Pelintra, sempre lindo e criativo. Zé Pelintra.
33. "Que carma o meu, seu Zé! Ficar sozinho e sem um amor na vida!" Meu *fio*, bem que *cê* podia resolver esse carma. É só comprar uma escova de dente, usar raspador de língua duas vezes por dia, porque seu mau hálito chega até nos quintos dos infernos. Zé Pelintra.
34. Nunca vi tanto marmanjo e donzela chorando pelos cantos. É cada petitório pra trazer o "ex" ou a "ex" de volta, que eu fico é rindo do que *num* devia. O nome disso foi modernizado, *tá* chique e muito cantado, doença da boa. Antes chamava carência, agora chama sofrência.

    Muda o nome, mas não muda a dor, no fundo é doença que pode matar, no fundo é muita demência. A pessoa esquece ou não quer olhar *pro* que já devia ter aprendido... *Tô* certo? (risos) - Zé Pelintra.
35. Exu trabalha pra justiça e não escolhe causa. Quem pede o bem recebe o que merece. Quem pede o mal recebe a lição de que necessita. Os "Seu Zé" tem de montão, quiumba que gira e egum fanfarrão. A conversa comigo é outra. Não faço

o que você quer. Você bota o pedido na mesa, sou eu quem sabe e escolhe o que fazer. *Tá* falado, *cumpadre*? Zé Pelintra.

36. Criatura, põe seu patuá[74] na carteira, mas tome vergonha... Veja se abre a cabeça e se benze. Benze de gentileza, benze de boas maneiras. Mulher é uma rosa delicada pra cuidar com carinho. Você usa patuá, e só dá sapatada. Que horror, *cumpadre*! O inferno *tá* cheio de machão e brucutu.[75] Gente grossa é macumba que trava a vida e abre passagem pro capiroto.[76] Zé Pelintra.

37. É muita gente morta agindo como se estivesse viva. É muita gente viva agindo como se estivesse morta. No meio disso tudo, a única certeza que tenho, meu *cumpadre*, é a de que não tenho um corpo material... Afora isso, *num* sei mais nada. Se *tô* vivo ou se *tô* morto, já não faz mais diferença. *Tô* indo... *Tô trabaiando*... *Tô* vivendo... Zé Pelintra.

38. Você me pergunta: por que está demorando a passar essa dificuldade? Não *tá* demorando, não. *Tá* no tempo certo. Você que é muito ansioso. Quer um conselho? Enquanto sonhar com a ideia de que sossego é alcançar metas materiais e conforto, isso é contramão. A vida é desconforto. A vida é incerteza. Vai querendo controlar tudo, que vai ver aonde *cê* vai parar... Falei bonito? Zé Pelintra.

39. Acha mesmo que somos espíritos resolvidos com a vida? Só porque somos exus, acham mesmo que somos a cereja do bolo? Não se engane não, meu camarada. Tem hora que dá umas vontades... Quer um conselho do Zé? Pare de se cobrar. Alivie sua barra e diga assim: assumo... aceito... Vá e assuma mesmo o seu erro, seu interesse, seu desejo, sua loucura mental, sua sombra... Aceite mesmo seu descompasso e sua dor... Não precisa virar bandido nem maluco por isso. Apenas assuma pra si mesmo e pare de viver uma vida

fantasiosa. Quando brigar menos com você mesmo, a vida andará. Zé Pelintra, o metido a besta. (risos)

40. Sou interventor. Atuo nos carmas alheios. Faço o que posso pros outros e não sou espírito redimido. Não sou flor que se cheira, não é atoa que me chamo João Caveira. Baixinho / João Caveira.

Recursos para quem deseja estudar a Trilogia Espíritos do Bem

Na minha opinião, os exus são uma das entidades mais humanizadas que existem no astral do planeta. Eles se interessam por todas as nossas causas. Não desconsideram nenhum pedido humano.

Depois do esclarecimento lúcido e assentado em *O livro dos espíritos*, descrito por Pai João de Angola no livro *Guardiões do carma – a missão dos exus na Terra*[77], fica claro que eles são as entidades que assumem o papel preponderante e supremo de organizar o caos da nossa vida.

Depois que você aprende quem são os exus, suas funções e como se conectar com eles, sua vida não é mais a mesma.

Esses espíritos têm, em mãos, o poder de mapear nossa programação reencarnatória em segundos, são hábeis em leituras de vidas passadas, são capazes de retroagir, pelo menos, dez vidas. São profundos conhecedores de magia, e suas mentes são como radares capazes de identificar a origem do que nos trava.

A ignorância a respeito deles não se resume à fantasia que criaram, colocando-os na condição de diabos. Outras fantasias novas, fruto do desconhecimento e da falta de vivência mediúnica, querem comparar o que eles fazem com o que os nossos amados benfeitores também realizam. Nossos mentores trabalham em parceira com eles, e os trabalhos mais difíceis são entregues a eles pelos espíritos iluminados, porque os exus, hoje, tornaram-se especialistas em assuntos cármicos, em ir a

ambientes difíceis, nos quais só eles podem interferir de forma eficaz e resolver suas pendências. É uma das hierarquias mais respeitadas no mundo espiritual, atualmente.

Quem deseja entender melhor a própria vida e abrir seus caminhos terá de entender e conectar-se com esses Embaixadores do Cristo, como os denomina Pai João de Angola no livro *Guardiões do carma*.

Farei aqui algumas reflexões sobre as manifestações mais conhecidas dos exus e a diferença com a hierarquia exu[78] do livro *Guardiões do carma*, de Pai João de Angola (conforme item 6). É necessário destacar que tudo o que falarei sobre os exus serve, igualmente, às pombagiras. Portanto, os itens a seguir auxiliam-nos a distinguir melhor os formatos de manifestações mediúnicas dessas entidades:

1) Os exus podem se manifestar sem vestes características e sem os ritos, podendo se apresentar como um protetor que usa o nome de um exu. A principal função do exu é ser um policial, um cuidador do ambiente de um terreiro ou de uma agremiação social de qualquer natureza no plano físico.

2) Eles podem se manifestar dentro dos ritos de umbanda com todas as características mais conhecidas de vestes, ferramentas, oferendas, pontos cantados e riscados.

3) Podem se manifestar como um quiumba, apenas usando o nome dos exus e fazendo coisas graves, maléficas e até ridículas, ou mesmo iniciando os primeiros passos no bem e servindo aos verdadeiros exus como empregados e assalariados.[76] A maioria deles cobram por isso. São conhecidos na umbanda como Exus Pagãos. Usam bebidas, charutos, outras oferendas e rituais. Por conta deles, o nome dos exus e pombagiras foi difamado.

4) Eles também se manifestam como espíritos que têm os perfis mais dentro dos moldes aceitáveis do Espiritismo, para trabalhar nos centros espíritas ou apenas para se manter oculto e atuante

nos serviços de guarda dessas organizações, como guardiões e zeladores do ambiente.

5) Eles podem se manifestar como seres humanos que tiveram recentes reencarnações e começaram a aderir à falange dos exus, por conta de sua experiência como advogados, procuradores, juízes, oficiais, enfim, pessoas com entendimento de justiça, que é a base fundamental para aplicação dos fundamentos das leis cármicas.

6) Além de todas essas manifestações, ainda existem os exus pertencentes à hierarquia exu, que são os executores do carma, magos com grande bagagem. Espíritos do bem e com grande envergadura mental expressa em várias habilidades para aplicar a lei do carma. Esses são os que trilham, dentro dessa hierarquia, o caminho para um dia se tornarem Guardiões[79] graduados. É uma classe de espíritos que entra em comunhão com todas as demais manifestações de exus e que é, hoje, a hierarquia mais respeitada e requisitada no mundo espiritual em todos os serviços que envolvem os aspectos da transição planetária. Por isso, diz-se: "nada se faz sem exu". São espíritos com duas qualidades que nenhuma outra manifestação de exu consegue atingir tanto quanto eles: habilidade de vitalizar o ser humano e uma vasta onisciência e onipresença (sabem tudo e podem estar em vários lugares ao mesmo tempo).[78]

7) No geral, a marca moral de todas essas manifestações anteriores são: força, clareza, determinação, coragem, violência se preciso for, autenticidade, repulsa à mentira, falam sem meia-volta no uso de suas palavras.

É nessa classificação do item seis que mais se enquadram as pombagiras da obra *Guardiãs do amor – a missão das pombagiras na Terra,* de Pai João de Angola. Conquanto, as pombagiras possam, igualmente, passar por todas essas formas

de manifestação aqui descritas nos itens um a cinco, e dentro do livro elas são personagens influentes.

Pai João ilustrou, com ênfase, as pombagiras quiumbas na personagem Cigana da Sedução[80], exatamente para exaltar e enfatizar, mais ao fim do livro, quem são as verdadeiras pombagiras que servem à hierarquia exu, na condição de Guardiãs do Amor no planeta.

Espero que minha forma singela de apresentar didaticamente o tema possa, de alguma maneira, cooperar com o entendimento e com o estudo da trilogia *Espíritos do Bem*.

WANDERLEY OLIVEIRA.

[1] Lucas 4:8.

[2] Mateus 18:18.

[3] Embora saibamos que corpo mental inferior e corpo mental superior não possuam correspondência com a forma humana, iremos adotá-los com esta configuração para efeitos didáticos.

[4] Os estudos orientais mostram que os corpos mentais inferior e superior, se deslocam em conjunto, cada um obedecendo a hierarquia evolutiva do corpo superior. Mas iremos adotar o deslocamento do corpo mental inferior separado dos seus corpos superiores, para efeitos didáticos.

[5] Segundo alguns estudiosos, a separação e captura do corpo mental inferior torna-se possível e mais expressiva quando há desalinhos mentais presentes na vida dos encarnados e desencarnados, e quando o encarnado se encontra em coma no corpo físico.

[6] Essa história teve início no livro *Guardiãs do amor - a missão das pombagiras na Terra,* obra anterior da trilogia Espíritos do Bem, autoria espiritual de Pai João de Angola, psicografada por Wanderley Oliveira - Editora Dufaux.

[7] A transmutação perispiritual entre os espíritos da hierarquia dos exus é rotineira, em função da habilidade mental que eles têm para realizar essa mudança, objetivando o trabalho no bem. Aqui, nesta obra, temos a revelação de que o Baixinho é da falange do Exu Caveira e se manifesta como senhor João Caveira.

[8] Pequeno chapéu.

[9] Espíritos citados na obra *Os dragões*, capítulo 7, autoria espiritual de Maria Modesto Cravo, psicografada por Wanderley Oliveira - Editora Dufaux.

[10] A equipe espiritual mais ligada a Jesus tem muito interesse nesses líderes que estão trabalhando para o mal, em função da importância do resgate do CMI deles após o desencarne. Essa equipe procura mantê-los encarnados por mais tempo a fim de que possa se apropriar dos CMIs que estão nas mãos das trevas, para que, ao desencarnarem, não continuem prisioneiros.

[11] Esses Tribunais do Carma estão instalados em todos os níveis astrais do orbe, inclusive nos mais altos, que estão ligados ao direcionamento dos espíritos de governantes que atuam no mal em âmbito mundial. A primeira referência que temos desses tribunais se encontra na obra *Guardiões do carma – a missão dos exus na Terra*,

primeira *obra* da trilogia *Espíritos do Bem,* autoria espiritual de Pai João de Angola, psicografada por Wanderley Oliveira - Editora Dufaux.

[12] No livro *Os dragões,* autoria espiritual de Maria Modesto Cravo, psicografado por Wanderley Oliveira - também da Editora Dufaux, são fornecidas informações detalhadas da Cidade do Poder e seus vínculos.

[13] No livro *Lírios de esperança*, capítulo 18, autoria espiritual de Ermance Dufaux, psicografado por Wanderley Oliveira - Editora Dufaux, temos mais informações sobre o local referido por Pai João de Angola. Lá realmente ocorrem situações emergenciais graves, que muito recordam um pronto-socorro de urgência no mundo físico.

[14] O médium Antonino é o mesmo personagem Matias do livro *Os dragões*, autoria espiritual de Maria Modesto Cravo, psicografado por Wanderley Oliveira - Editora Dufaux.

[15] Algumas atitudes infelizes dos encarnados moldam alterações no perispírito, que permanecem depois do desencarne.

[16] Vide os dois primeiros livros da trilogia Espíritos do Bem: *Guardiões do carma – a missão dos exus na Terra* e *Guardiãs do amor – a missão das pombagiras na Terra*, ambos de autoria espiritual de Pai João de Angola, psicografados por Wanderley Oliveira - Editora Dufaux.

[17] A Terra é um ser vivo e, como tal, emana uma série de energias próprias, chamadas de energia telúrica. Os cemitérios são tratados pela espiritualidade como espaço terreno abençoado e seu campo energético é mais intenso. Há exceções em casos de sepultamentos de suicidas e de pessoas profundamente ligadas a más condutas, que abrem brecha para a entrada de espíritos trevosos e vampiros.

[18] A individualidade é uma conquista do amadurecimento espiritual, Nesses casos, os corpos estão juntos, agregados uns aos outros, e só se fragmentam para objetivos nobres.

[19] O conceito aqui apresentado por Pai João é o da individualidade do ser, quando ele amadurece espiritualmente.

[20] Personagem do livro *Guardiãs do amor – a missão das pombagiras na Terra,* obra anterior da trilogia Espíritos do Bem, autoria espiritual de Pai João de Angola, psicografada por Wanderley Oliveira - Editora Dufaux.

[21] Omulu é o orixá cuidador dos eguns, isto é, dos espíritos desencarnados.

[22] Segundo uma das técnicas da apometria, significa estalar os dedos da mão com objetivos específicos.

[23] A tronqueira é um poderoso ponto de energia que opera como um para-raios, um campo magnético que impede as forças hostis de frequentarem o ambiente religioso de forma inadequada. Exus e pombagiras se utilizam dos recursos disponibilizados nela para beneficiar os trabalhos que estão sendo realizados nos centros de umbanda.

[24] Personagem do livro *Guardiãs do amor – a missão das pombagiras na Terra,* obra anterior da trilogia Espíritos do Bem, autoria espiritual de Pai João de Angola, psicografada por Wanderley Oliveira - Editora Dufaux.

[25] Os interventores cármicos têm autorização dos Tribunais do Carma para desencarnar pessoas quando isso é para o bem dela.

[26] Acender velas, colocar elementos que geram energia pelo calor das queimas, tais como: álcool, pólvora e charutos.

[27] São as emanações energéticas do próprio CMI de Osório, que, permanecendo ainda por um tempo com Antonino, poderiam ser identificadas e, assim, favorecer a localização do perispírito do desencarnado pelos Ciclopes.

[28] Rubens Saraceni exerceu sua mediunidade e fez seus estudos no campo da espiritualidade por mais de trinta anos. Fundou a AUEESP - Associação Umbandista e Espiritualista do Estado de São Paulo -, cujo objetivo é reunir os templos que atuam com a umbanda sagrada. Sua jornada foi iniciada no Espiritismo de "mesa branca", passando, posteriormente, para a umbanda, quando se tornou Sacerdote de umbanda sagrada (vertente da umbanda criada sob a orientação do Pai Benedito de Aruanda e Caboclo 7 Espada – 1996).

[29] Na umbanda, os adeptos entendem que os rituais são essenciais para o cultivo da fé. No relato, estamos dentro de uma casa umbandista de Pai Benedito.

[30] *Guardiãs do amor – a missão das pombagiras na Terra*, capítulo 5, obra anterior da trilogia Espíritos do Bem, autoria espiritual de Pai João de Angola, psicografada por Wanderley Oliveira - Editora Dufaux.

[31] Fato narrado no livro *Guardiãs do amor – a missão das pombagiras na Terra*, obra anterior da trilogia Espíritos do Bem, autoria espiritual de Pai João de Angola, psicografada por Wanderley Oliveira - Editora Dufaux.

[32] Acontecimentos narrados no livro *Guardiãs do amor – a missão das pombagiras na Terra,* obra anterior da trilogia Espíritos do Bem, autoria espiritual de Pai João de

Angola, psicografada por Wanderley Oliveira - Editora Dufaux.

[33] A graduação de dona Maria Mulambo a guardiã foi narrada no livro *Guardiões do carma – a missão dos exus na Terra,* primeira obra da trilogia Espíritos do Bem, autoria espiritual de Pai João de Angola, psicografado por Wanderley Oliveira - Editora Dufaux.

[34] Acontecimentos narrados no livro *Guardiãs do amor – a missão das pombagiras na Terra,* obra anterior da trilogia Espíritos do Bem, autoria espiritual de Pai João de Angola, psicografada por Wanderley Oliveira - Editora Dufaux.

[35] A feiticeira de Évora é uma das personagens mais populares e misteriosas das lendas da magia em Portugal e na Península Ibérica. Até onde conduzem as pesquisas, não pode ser considerada figura histórica; no entanto, sua fama é suficiente para considerá-la arquétipo mítico de certo tipo de maga. Seus ensinamentos passaram de geração em geração, por séculos, o que passou a designar toda uma escola de ensinamentos considerados ocultos.

[36] No livro *Paulo e Estevão,* capítulo 3, de autoria espiritual de Emmanuel, psicografado por Chico Xavier, encontramos referência à *Casa do Caminho,* que, na verdade, era a residência de Pedro em Jerusalém, doação de vários amigos do "Caminho", onde ele e outros discípulos de Jesus atendiam os enfermos e os desvalidos da sorte, todos atraídos pela fama do profeta nazareno.

[37] "Considerando o vício de prestígio que carregam esses corações, são intensamente atraídos para posturas de destaque. Adoram os cargos e o poder e, embora possamos encontrá-los também distantes dos títulos, estes são por eles possuídos no campo psicológico." - *Reforma íntima sem martírio*, capítulo 30, autoria espiritual de Ermance Dufaux, psicografado por Wanderley Oliveira - Editora Dufaux.

[38] "Poderíamos mesmo afirmar, usando o fundamento quântico dos universos paralelos, que o "Pedi e obtereis", na mensagem de Jesus, é uma fórmula matemática de infinitas possibilidades nos universos paralelos internos do espírito". *Guardiões do carma - a missão dos exus na Terra,* Capítulo 05, primeira obra da trilogia Espíritos do Bem, autoria espiritual de Pai João de Angola, psicografada por Wanderley Oliveira - Editora Dufaux.

[39] Egrégora é o nome da força espiritual criada a partir da soma de energias mentais e emocionais coletivas. Surge e é mantida a partir de duas ou mais pessoas que se reúnem com um objetivo comum e específico na criação de um campo de energias extrafísicas, criadas no plano astral, a partir da energia emitida pelo grupo e por meio do padrão vibracional de cada um.

[40] *Paulo e Estevão,* 2ª parte, capítulo 03, autoria espiritual de Emmanuel, psicografado por Chico Xavier - Editora FEB.

[41] Edgard Pereira Armond foi um militar, maçom, professor e espírita brasileiro. Responsável pela implantação da Federação Espírita do Estado de São Paulo e da Aliança Espírita Evangélica.

[42] Símbolo que representa a conquista de etapas e graduações na Escola de Aprendizes. Em verdade, era também uma simbologia já arquivada no psiquismo do comandante, em função de vivências nas legiões dos Cruzados.

[43] Refere-se à Escola de Aprendizes. A primeira turma foi formada em cinco de maio de 1950, dirigida e tendo como primeiro aluno inscrito na FEESP o próprio Edgard Armond.

[44] Nome fictício.

[45] A Fraternidade dos Discípulos de Jesus – FDJ – surgiu como uma extensão, no plano material, de uma fraternidade do espaço, denominada Fraternidade do Trevo. Estão capacitados a ingressar na FDJ os alunos que concluíram com aproveitamento a Escola de Aprendizes do Evangelho. Ver detalhes sobre a FDJ nos livros: *Falando ao coração* e *FDJ Perguntas e respostas*, ambos da Editora Aliança.

[46] Organização institucional que surgiu a partir da Aliança Espírita Evangélica.

[47] Livros da Editora Aliança.

[48] Aquele que galgou todos os níveis na Escola de Aprendizes.

[49] Recurso didático nas escolas que auxiliam na elaboração da reforma íntima.

[50] Desencarne ocorrido em 29 de novembro de 1982.

[51] A Aliança Espírita Evangélica e grupos afins adotaram, espontaneamente, as propostas das obras mediúnicas da autora espiritual Ermance Dufaux, como uma contribuição aos estudos e conteúdos da Escola de Aprendiz.

[52] Descrito na mensagem ATITUDE DE AMOR, na obra *Seara Bendita*, autoria de diversos espíritos, psicografada por Maria José da Costa e Wanderley Oliveira - Editora Dufaux.

[53] Mantivemos a ameaça ao pé da letra, mas aguardamos bibliografia que confirme essa possibilidade.

[54] Tsara significa tenda ou casa, na cultura cigana.

[55] Quando o aluno se forma “discípulo”, ele recebe o trevo como um símbolo do grau atingido na Escola de Aprendizes.

[56] Mateus 23:27-28.

[57] Durante esses acontecimentos, a espiritualidade maior lutou pela defesa da casa e pela recuperação de Renan, mas sem sucesso.

[58] Quando Renan buscou ajuda de Pai Igor, ele já tinha obsessores na área da sexualidade. Esses obsessores foram afastados para que os Ciganos assumissem o comando da vida do Renan. Esse controle dos espíritos sobre os encarnados é narrado no livro *As guardiãs do amor – a missão das pombagiras na Terra*, obra anterior da trilogia Espíritos do Bem, autoria espiritual de Pai João de Angola, psicografada por Wanderley Oliveira - Editora Dufaux.

[59] O CMI de Renan já estava preso, em poder dos Dragões. Esse fato se constituía em um “direito” para que os Ciganos retornassem ao ambiente do centro espírita.

[60] Essa intervenção dos Ciganos na Casa do Perdão ocorria principalmente na área da sexualidade e interesses em ter uma vida a dois. Eles recrutam pessoas com essas dificuldades, que frequentam a casa, e faziam planos para que encontrassem alguém dentro da própria casa, independente de já estarem casados.

[61] Mateus 18:18.

[62] Pó fabricado com ervas e minerais com forte magnetismo.

[63] Mateus 10:26.

[64] Mateus 8:12.

[65] Narrado no primeiro capítulo desta obra.

[66] Essas crianças são afetivos do clã dos Ciganos. Fazem parte da cultura e do modo de viver deles.

[67] Mesmo nome do pai de santo da casa de Candomblé, procurada por Renan para fazer os trabalhos de amarração. É comum acontecer essa apropriação por parte de algumas entidades.

[68] Se os espíritos passarem um tempo maior do que eles têm condições mentais para estar no plano espiritual, passam a sofrer perdas na saúde do corpo astral.

[69] Oceanos.

[70] Eguns e quiumbas são almas que vagam desorientadas.

[71] Pasta ou maleta de metal ou revestida de couro, formato retangular, design minimalista, elegante visual monocromático, tem superfície polida e lisa, bordas arredondadas e frisos bem definidos, com trava e a alça metálicas. Algumas são acolchoadas por dentro.

[72] Xangô é o Deus da Justiça e sua força está nas pedreiras, exercendo uma influência muito forte em seus filhos, principalmente a Justiça.

[73] Carinhoso é uma das obras mais importantes da música popular brasileira. Foi composta entre 1916 e 1917 por Pixinguinha e posteriormente recebeu letra de João de Barro, sendo gravada com grande sucesso por Orlando Silva em 1937.

[74] O patuá é um amuleto muito utilizado por pessoas ligadas à Umbanda e ao Candomblé. Ele é feito de um pequeno pedaço de tecido na cor correspondente ao Orixá, ao qual é bordado o nome do Orixá e colocado um determinado preparo de ervas e outras substâncias atribuídas a cada Orixá. Pode ser feito também de objetos de fé, em miniatura e colocados dentro de um saquinho, usados em colares ou chaveiros. É considerado um talismã da sorte.

[75] *Sinônimos de brucutu*: grosseiro, ríspido, feio, bruto, rude, baranga, medonho, grande.

[76] Demônio.

[77] Primeiro livro da trilogia *Espíritos do Bem,* autoria espiritual de Pai João de Angola, psicografado por Wanderley Oliveira - Editora Dufaux.

[78] **“**Espíritos do bem e com grande envergadura mental expressada em várias habilidades, para aplicar a lei do carma. Esses são os que trilham, dentro dessa hierarquia, o caminho para um dia se tornarem guardiões graduados.” -Trecho retirado dessa própria obra, no “Recursos para quem deseja estudar a trilogia *Espíritos do Bem*”. – Wanderley Oliveira.

[79] *Guardiões do carma – a missão dos exus na Terra*, capítulo 7, primeira *obra* da trilogia *Espíritos do Bem,* autoria espiritual de Pai João de Angola, psicografada por Wanderley Oliveira - Editora Dufaux.

[80] Cigana da Sedução era um espírito que adotava o nome de diversas pombagiras honrosas para enganar e manter a sua liderança sobre um grupo enorme de mulheres, cujos hábitos nas vivências da sexualidade eram os mais perturbadores possíveis.

FICHA TÉCNICA

Título: Guardiões da Verdade – Nada ficará oculto

Autor: Espírito Pai João de Angola
Psicografia de Wanderley Oliveira

Edição: 1ª

ISBN: 978-65-87210-05-6

Capa: César Oliveira

Projeto gráfico e diagramação: César Oliveira

Revisão da diagramação: Nilma Helena

Preparação de originais: Maria José e Nilma Helena

Revisão ortográfica: Mariana Frungilo e Nilma Helena

Composição: Adobe Indesign 2020
(plataforma Windows 10)

Páginas: 236

Tamanho: Miolo: 16 x 23 cm
Capa: 16 x 23 cm com orelhas de 8cm

Tipografia:
Texto principal: Chronicle Text G1, 13pt
Diálogo: Chronicle Text G1, 13pt
Título: Sitka, 14pt

Notas de rodapé: AmerType Md BT, 8pt

Margens: 20mm:25mm:28mm:20mm
(superior:inferior:interna:externa)

Papel: Miolo em Polem 70g/m²
Capa em Supremo Alta Alvura 250 g/m²

Cores: Miolo: 1x1 cor
Capa: 4x0 CMYK

Acabamento:
Miolo: Brochura, cadernos de 32
páginas, costurados e colados.
Capa: Laminação Fosca

Impressão: Rettec Artes Gráficas e Editora

Tiragem: 3.000 exemplares

Produção: Novembro / 2020

Nossas Publicações

SÉRIE REFLEXÕES DIÁRIAS

PARA SENTIR DEUS

Nos momentos atuais da humanidade sentimos extrema necessidade da presença de Deus. Ermance Dufaux resgata, para cada um, múltiplas formas de contato com Ele, de como senti-Lo em nossas vidas, nas circunstâncias que nos cercam e nos semelhantes que dividem conosco a jornada reencarnatória. Ver, ouvir e sentir Deus em tudo e em todos.

Wanderley Oliveira | Ermance Dufaux
11 x 15,5 cm
133 páginas

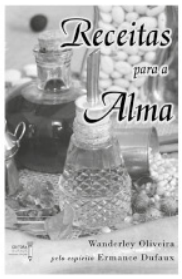
Somente ebook

LIÇÕES PARA O AUTOAMOR

Mensagens de estímulo na conquista do perdão, da aceitação e do amor a si mesmo. Um convite à maravilhosa jornada do autoconhecimento que nos conduzirá a tomar posse de nossa herança divina.

Wanderley Oliveira | Ermance Dufaux
11 x 15,5 cm
128 páginas

Somente ebook



RECEITAS PARA A ALMA

Mensagens de conforto e esperança, com pequenos lembretes sobre a aplicação do Evangelho para o dia a dia. Um conjunto de propostas que se constituem em verdadeiros remédios para nossas almas.

Wanderley Oliveira | Ermance Dufaux
11 x 15,5 cm
146 páginas

Somente ebook

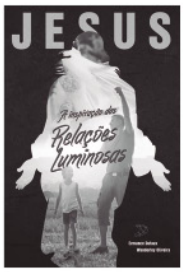
SÉRIE CULTO NO LAR

VIBRAÇÕES DE PAZ EM FAMÍLIA

Quando a família se reune para orar, ou mesmo um de seus componetes, o ambiente do lar melhora muito. As preces são emissões poderosas de energia que promovem a iluminação interior. A oração em família traz paz e fortalece, protege e ampara a cada um que se prepara para a jornada terrena rumo à superação de todos os desafios.

Wanderley Oliveira | Ermance Dufaux
16 x 23 cm
212 páginas

ebook



JESUS - A INSPIRAÇÂO DAS RELAÇÕES LUMINOSAS

Após o sucesso de "Emoções que curam", o espírito Ermance Dufaux retorna com um novo livro baseado nos ensinamentos do Cristo, destacando que o autoamor é a garantia mais sólida para a construção de relacionamentos luminosos.

Wanderley Oliveira | Ermance Dufaux
16 x 23 cm
304 páginas

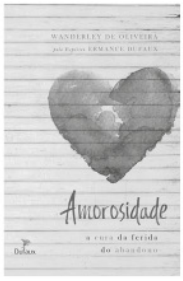
ebook

REGENERAÇÃO - EM HARMONIA COM O PAI

Nos dias em que a Terra passa por transformações fundamentais, ampliando suas condições na direção de se tornar um mundo regenerado, é necessário desenvolvermos uma harmonia inabalável para aproveitar as lições que esses dias nos proporcionam por meio das nossas decisões e das nossas escolhas, [...].

Samuel Gomes | Diversos Espíritos
14 x 21 cm
223 páginas

ebook



AMOROSIDADE - A CURA DA FERIDA DO ABANDONO

Uma das mais conhecidas prisões emocionais na atualidade é a dor do abandono, a sensação de desamparo. Essa lesão na alma responde por larga soma de aflições em todos os continentes do mundo. Não há quem não esteja carente de ser protegido e acolhido, amado e incentivado nas lutas de cada dia.

Wanderley Oliveira | Ermance Dufaux
16 x 23 cm
300 páginas

ebook

TRILOGIA DESAFIOS DA CONVIVÊNCIA

QUEM SABE PODE MUITO. QUEM AMA PODE MAIS

A lição central desta obra é mostrar que o conhecimento nem sempre é suficiente para garantir a presença do amor nas relações. "Estar informado é a primeira etapa. Ser transformado é a etapa da maioridade." - Eurípedes Barsanulfo.

Wanderley Oliveira | José Mário
16 x 23 cm
312 páginas

ebook

EMOÇÕES QUE CURAM - CULPA, RAIVA E MEDO COMO FORÇAS DE LIBERTAÇÃO

Um convite para aceitarmos as emoções como forma terapêutica de viver, sintonizando o pensamento com a realidade e com o desenvolvimento da autoaceitação.

Wanderley Oliveira | Ermance Dufaux
16 x 23 cm
272 páginas

ebook

SÉRIE AUTOCONHECIMENTO

QUAL A MEDIDA DO SEU AMOR?

Propõe revermos nossa forma de amar, pois estamos mais próximos de uma visão particularista do que de uma vivência autêntica desse sentimento. Superar limites, cultivar relações saudáveis e vencer barreiras emocionais são alguns dos exercícios na construção desse novo olhar.

Wanderley Oliveira | Ermance Dufaux
16 x 23 cm
208 páginas

ebook

APAIXONE-SE POR VOCÊ

Você já ouviu alguém dizer para outra pessoa: "minha vida é você"?
Enquanto o eixo de sua sustentação psicológica for outra pessoa, a sua vida estará sempre ameaçada, pois o medo da perda vai rondar seus passos a cada minuto.

Wanderley Oliveira
16 x 23 cm
152 páginas

ebook

DESCOMPLIQUE, SEJA LEVE

Um livro de mensagens para apoiar sua caminhada na aquisição de uma vida mais suave e rica de alegrias na convivência.

Wanderley Oliveira
16 x 23 cm
238 páginas

ebook

A VERDADE ALÉM DAS APARÊNCIAS - O UNIVERSO INTERIOR

Liberte-se da ansiedade e da angústia, direcionando o seu espírito para o único tempo que realmente importa: o presente. Nele você pode construir um novo olhar, amplo e consciente, que levará você a enxergar a verdade além das aparências.

Samuel Gomes
14 x 21 cm
272 páginas

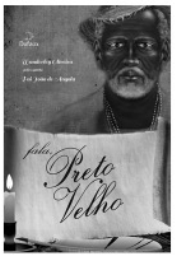
ebook

7 CAMINHOS PARA O AUTOAMOR

O tema central dessa obra é o autoamor que, na concepção dos educadores espirituais, tem na autoestima o campo elementar para seu desenvolvimento. O autoamor é algo inato, herança divina, enquanto a autoestima é o serviço laborioso e paciente de resgatar essa força interior, ao longo do caminho de volta à casa do Pai.

Wanderley Oliveira | Pai João de Angola
16 x 23 cm
272 páginas

ebook



FALA, PRETO VELHO

Um roteiro de autoproteção energética através do autoamor. Os textos aqui desenvolvidos permitem construir nossa proteção interior por meio de condutas amorosas e posturas mentais positivas, para criação de um ambiente energético protetor ao redor de nossas vidas.

Wanderley Oliveira | Pai João de Angola
16 x 23 cm
291 páginas

ebook

DEPRESSÃO E AUTOCONHECIMENTO - COMO EXTRAIR PRECIOSAS LIÇÕES DESSA DOR

A proposta de tratamento complementar da depressão aqui abordada tem como foco a educação para lidar com nossa dor, que muito antes de ser mental, é moral.

Wanderley Oliveira
16 x 23 cm
235 páginas

ebook

A REDENÇÃO DE UM EXILADO

A obra traz informações sobre a formação da civilização, nos primórdios da Terra, que contou com a ajuda do exílio de milhões de espíritos mandados para cá para conquistar sua recuperação moral e auxiliar no desenvolvimento das raças e da civilização. É uma narrativa do Apóstolo Lucas, que foi um desses enviados, e que venceu suas dificuldades íntimas para seguir no trabalho orientado pelo Cristo.

Samuel Gomes | Lucas
16 x 23 cm
368 páginas

ebook

CONECTE-SE A VOCÊ - O ENCONTRO DE UMA NOVA MENTALIDADE QUE TRANSFORMARÁ A SUA VIDA

Este livro vai te estimular na busca de quem você é verdadeiramente. Com leitura de fácil assimilação, ele é uma viagem a um país desconhecido que, pouco a pouco, revela características e peculiaridades que o ajudarão a encontrar novos caminhos. Para esta viagem, você deve estar conectado a sua essência. A partir daí, tudo que você fizer o levará ao encontro do propósito que Deus estabeleceu para sua vida espiritual.

Rodrigo Ferretti
16 x 23 cm
256 páginas

ebook

TRILOGIA REGENERAÇÃO

FUTURO ESPIRITUAL DA TERRA

As necessidades, as estruturas perispirituais e neuropsíquicas, o trabalho, o tempo, as características sociais e os próprios recursos de natureza material se tornarão bem mais sutis. O futuro já está em construção e André Luiz, através da psicografia de Samuel Gomes, conta como será o Futuro Espiritual da Terra.

Samuel Gomes | André Luiz
16 x 23 cm
344 páginas

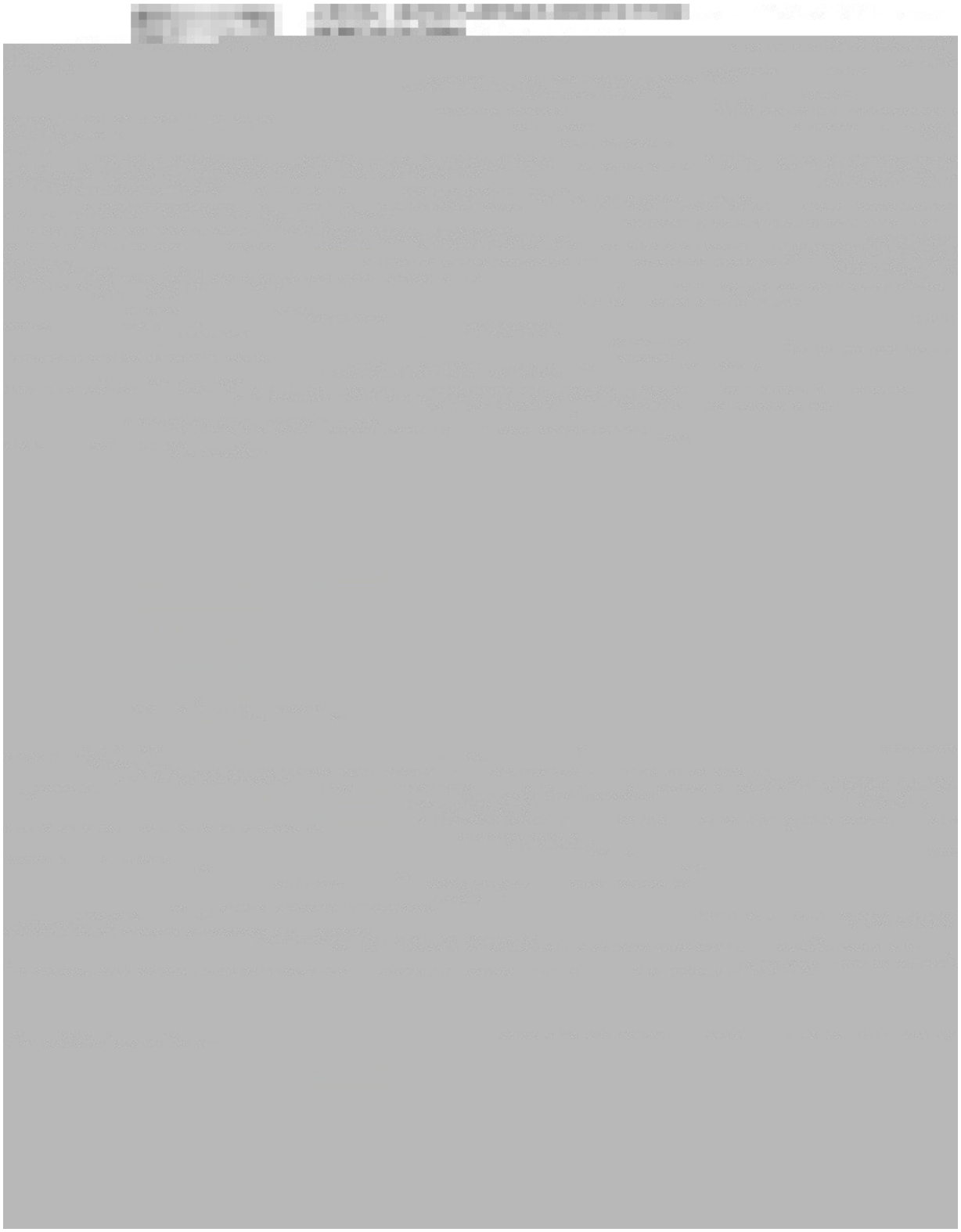
ebook

XEQUE-MATE NAS SOMBRAS - A VITÓRIA DA LUZ

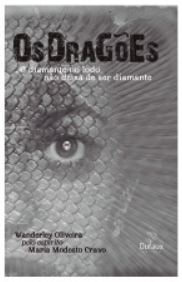
André Luiz traz notícias das atividades que as colônias espirituais, ao redor da Terra, estão realizando para resgatar os espíritos que se encontram perdidos nas trevas e conduzi-los a passar por um filtro de valores, seja para receberem recursos visando a melhorar suas qualidades morais – se tiverem condições de continuar no orbe – seja para encaminhá-los ao degredo planetário.

Samuel Gomes | André Luiz
16 x 23 cm
212 páginas

ebook



ROMANCES MEDIÚNICOS



OS DRAGÕES - O DIAMANTE NO LODO NÃO DEIXA DE SER DIAMANTE

Um relato leve e comovente sobre nossos vínculos com os grupos de espíritos que integram as organizações do mal no submundo astral.

Wanderley Oliveira | Maria Modesto Cravo
16 x 23cm
522 páginas

ebook

LÍRIOS DE ESPERANÇA

Ermance Dufaux alerta os espíritas e lidadores do bem de um modo geral, para as responsabilidades urgentes da renovação interior e da prática do amor neste momento de transição evolutiva, através de novos modelos de relação, como orientam os benfeitores espirituais.

Wanderley Oliveira | Ermance Dufaux
16 x 23 cm
508 páginas

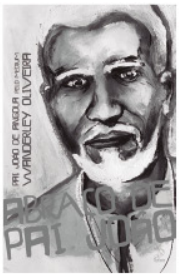
ebook

AMOR ALÉM DE TUDO

Regras para seguir e rótulos para sustentar. Até quando viveremos sob o peso dessas ilusões? Nessa obra reveladora, Dr. Inácio Ferreira nos convida a conhecer a verdade acima das aparências. Um novo caminho para aqueles que buscam respeito às diferenças e o AMOR ALÉM DE TUDO.

Wanderley Oliveira | Inácio Ferreira
16 x 23 cm
252 páginas

ebook



ABRAÇO DE PAI JOÃO

Pai João de Angola retorna com conceitos simples e práticos, sobre os problemas gerados pela carência afetiva. Um romance com casos repletos de lutas, desafios e superações. Esperança para que permaneçamos no processo de resgate das potências divinas de nosso espírito.

Wanderley Oliveira | Pai João de Angola
16 x 23 cm
224 páginas

ebook

UM ENCONTRO COM PAI JOÃO

A obra também fala do valor de uma terapia, da necessidade do autoconhecimento, dos tipos de casamentos programados antes do reencarne, dos processos obsessivos de variados graus e do amparo de Deus para nossas vidas por meio dos amigos espirituais e seus trabalhadores encarnados. Narra também em detalhes a dinâmica das atividades socorristas do centro espírita.

Wanderley Oliveira | Pai João de Angola
16 x 23 cm
220 páginas

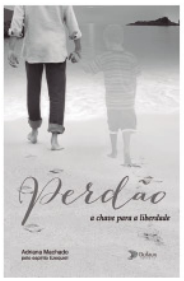
ebook

O LADO OCULTO DA TRANSIÇÃO PLANETÁRIA

O espírito Maria Modesto Cravo aborda os bastidores da transição planetária com casos conectados ao astral da Terra.

Wanderley Oliveira | Maria Modesto Cravo
16 x 23 cm
288 páginas

ebook

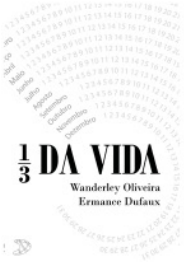


PERDÃO - A CHAVE PARA A LIBERDADE

Neste romance revelador, conhecemos Onofre, um pai que enfrenta a perda de seu único filho com apenas oito anos de idade. Diante do luto e diversas frustrações, um processo desafiador de autoconhecimento o convida a enxergar a vida com um novo olhar. Será essa a chave para a sua libertação?

Adriana Machado | Ezequiel
14 x 21 cm
288 páginas

ebook



1/3 DA VIDA - ENQUANTO O CORPO DORME A ALMA DESPERTA

A atividade noturna fora da matéria representa um terço da vida no corpo físico, e é considerada por nós como o período mais rico em espiritualidade, oportunidade e esperança.

Wanderley Oliveira | Ermance Dufaux
16 x 23 cm
279 páginas

ebook

NEM TUDO É CARMA, MAS TUDO É ESCOLHA

Somos todos agentes ativos das experiências que vivenciamos e não há injustiças ou acasos em cada um dos aprendizados.

Adriana Machado | Ezequiel
16 x 23 cm
536 páginas

ebook

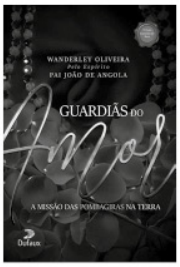
TRILOGIA ESPÍRITOS DO BEM

GUARDIÕES DO CARMA - A MISSÃO DOS EXUS NA TERRA

Pai João de Angola quebra com o preconceito criado em torno dos exus e mostra que a missão deles na Terra vai além do que conhecemos. Na verdade, eles atuam como guardiões do carma, nos ajudando nos principais aspectos de nossas vidas.

Wanderley Oliveira | Pai João de Angola
16 x 23 cm
288 páginas

ebook

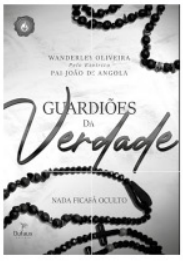


GUARDIÃS DO AMOR - A MISSÃO DAS POMBAGIRAS NA TERRA

"São um exemplo de amor incondicional e de grandeza da alma. São mães dos deserdados e angustiados. São educadoras e desenvolvedoras do sagrado feminino, e nesse aspecto são capazes de ampliar, nos homens e nas mulheres, muitas conquistas que abrem portas para um mundo mais humanizado, [...]".

Wanderley Oliveira | Pai João de Angola
16 x 23 cm
232 páginas

ebook



GUARDIÕES DA VERDADE - NADA FICARÁ OCULTO

Neste momento de batalhas decisivas rumo aos tempos da regeneração, esta obra é um alerta que destaca a importância da autenticidade nas relações humanas e da conduta ética como bases para uma forma transparente de viver. A partir de agora, nada ficará oculto, pois a Verdade é o único caminho que aguarda a humanidade para diluir o mal e se estabelecer na realidade que rege o universo.

Wanderley Oliveira | Pai João de Angola
16 x 23 cm
236 páginas

ebook

ROMANCE JUVENIL

UM JOVEM OBSESSOR - A FORÇA DO AMOR NA REDENÇÃO ESPIRITUAL

Um jovem conta sua história, compartilhando seus problemas após a morte, falando sobre relacionamentos, sexo, drogas e, sobretudo, da força do amor na redenção espiritual.

Adriana Machado | Jefferson
16 x 23 cm
392 páginas

ebook

TRILOGIA CONSCIÊNCIA DESPERTA

SAIA DO CONTROLE - UM DIÁLOGO TERAPEUTICO E LIBERTADOR ENTRE A MENTE E A CONSCIÊNCIA

Agimos de forma instintiva por não saber observar os pensamentos e emoções que direcionam nossas ações de forma condicionada. Por meio de uma observação atenta e consciente, identificando o domínio da mente em nossas vidas, passamos a viver conscientes das forças internas que nos regem.

Rossano Sobrinho
16 x 23 cm
268 páginas

ebook

Table of Contents

1. Sumário
2. Prefácio
3. Introdução
4. 01
5. 02
6. 03
7. 04
8. 05
9. 06
10. 07
11. 08
12. 09
    1. Epílogo
    2. Recursos para quem deseja estudar a trilogia Espíritos do Bem
    3. Nossas Publicações